

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Instituto de Ciências Biológicas
Departamento de Genética, Ecologia e Evolução
Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre

Felipe Silveira Leite

**Etnoconhecimento e contribuições das comunidades locais para a conservação da
biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço**

Belo Horizonte

2021

Felipe Silveira Leite

Etnoconhecimento e contribuições das comunidades tradicionais e locais para a conservação da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre (ECMVS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Drumond

Belo Horizonte

2021

043

Leite, Felipe Silveira.

Etnoconhecimento e contribuições das comunidades locais para a conservação da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço [manuscrito] / Felipe Silveira Leite. – 2021.

170 f. : il. ; 29,5 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Drumond.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre.

1. Ecologia. 2. Etnobotânica. 3. Conservação da Diversidade Biológica. 4. Comunidades Locais e Nativas. I. Drumond, Maria Auxiliadora. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Ciências Biológicas. III. Título.

CDU: 502.7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MANEJO DA VIDA SILVESTRE

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Etnoconhecimento e contribuições das comunidades locais para a conservação da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço"

FELIPE SILVEIRA LEITE

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **27 de outubro de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Doutor(a) Maria Cristina Teixeira Braga Messias

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

Doutor(a) Paulina Maria Maia Barbosa

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)

Doutor(a) Maria Auxiliadora Drumond

(Presidente da Banca)

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2021.

Assinaturas dos Membros da Banca



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Teixeira Braga Messias, Usuário Externo**, em 28/10/2021, às 10:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Auxiliadora Drumond, Professora do Magistério Superior**, em 28/10/2021, às 13:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulina Maria Maia Barbosa, Servidor(a)**, em 28/10/2021, às 19:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1048992** e o código CRC **E189C5F8**.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de mestrado, apesar dos retrocessos e cortes que a ciência vem sofrendo no Brasil.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, e a todos (as) os (as) professores (as) que contribuíram para minha formação.

À professora Maria Auxiliadora Drumond, pela orientação, pela parceria, pelo cuidado e pela contribuição no texto desta dissertação.

Aos amigos do Laboratório de Sistemas Socioecológicos, Lívia, Wanderson, Irla, Luisa, Graziely, Karen, Sofia e Camila agradeço pela parceria. Ao Luis Felipe, agradeço especialmente pelos mapas que integram esse trabalho.

Embora a pesquisa tenha mudado o rumo devido à pandemia de COVID-19, foi muito importante a experiência inicial em Candeias e Parauninha antes do isolamento social. Agradeço em especial às pessoas queridas dessas comunidades que abriram as portas de suas casas para me receber e contar suas histórias, seus saberes sobre as plantas e o lugar onde vivem. Agradeço também todo o apoio recebido pelo pessoal do Parque Estadual da Serra do Intendente.

A todos os familiares, em especial à minha mãe e meu pai, e também à Kakate e ao Adalberto pelo apoio.

A todos (as) os (as) amigos (as) que estiveram presentes neste processo, aos amigos artistas e da Capoeira Angola que alimentam a alma.

Ao Davi e ao Pedro, agradeço pelos momentos de compreensão de que o papai precisava de silêncio, mas também agradeço às interrupções para arrancar sorrisos e tornar mais leve todo o processo de construção deste trabalho, principalmente no período inicial desta pandemia. Agradeço e aprendo com eles “a magia de nunca perder o brilho”. Agradeço à Laís pelo companheirismo, pelo amor.

“No te olvides que Abya Yala
Es la tierra floreciente
Es un río de agua limpia
Que rima con la gente

Sigue luchando mi hermano
Por demarcación urgente
Hay que cuidar la semilla
Que da vida al continente

De pueblo en pueblo suenan
Repiques de tambores
Bajo la piel del alma
Tupi-tupinambá

No te olvides que Abya Yala
Es Palenque y es Quilombo
Resiste la gente Negra
Danzando Malambo y Congo

Canta fuerte mi hermano
Vamos a cambiar la historia
Las marcas del cuerpo piden
Por justicia y memoria

De pueblo en pueblo suenan
Repiques de tambores
Bajo la piel del alma
Candombe y candomblés”

Letra e música: Belisario
Tonsich

RESUMO

Reservas da Biosfera são modelos de gestão integrada que buscam conciliar objetivos de conservação e uso sustentável da biodiversidade, reconhecendo a importância do etnoconhecimento e do manejo local. Este estudo busca sintetizar as informações sobre as comunidades locais e tradicionais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE) a respeito do conhecimento, uso e manejo da biodiversidade. Foram sistematizadas e analisadas as contribuições dessas comunidades para a conservação e uso sustentável da biodiversidade, assim como seus processos de luta pelo território e recursos naturais. Uma revisão sistemática e um levantamento da literatura cinza foram feitos, selecionando-se 37 publicações. Vinte trabalhos abrangem comunidades rurais e urbanas, 11 sobre geraizeiros, seis sobre comunidades quilombolas e três sobre apanhadores (as) de flores sempre-vivas. Nenhum trabalho sobre etnoconhecimento da biodiversidade das demais comunidades tradicionais da RBSE, incluindo 13 etnias de povos originários, pescadores artesanais, veredeiros, e povos de terreiro foi encontrado, o que revela lacunas sobre o tema. Apesar dos poucos estudos publicados nas bases avaliadas, 808 espécies de plantas e 64 espécies de animais silvestres conhecidos e utilizados por essas comunidades foram registrados nos trabalhos selecionados. Em geral, as práticas e conhecimentos das comunidades locais e tradicionais indicam o potencial de uso sustentável da biodiversidade na medida que buscam atender suas necessidades e objetivos de conservação. São conhecimentos e técnicas sobre classificação e uso de ambientes, espécies, manejo de ambientes, manejo do fogo, manejos agroecológicos e agroflorestais, extrativismo, bem como regulação e acesso a bens comuns. Existe um relevante conhecimento sobre a biodiversidade e práticas, principalmente agroecológicas, que proporcionam para a Reserva oportunidades de manutenção da cultura local, assim como conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Palavras-chave: Espinhaço, comunidades tradicionais, etnobotânica, etnoecologia, etnozoologia

ABSTRACT

Biosphere Reserves are integrated management models that seek to reconcile objectives of conservation and sustainable use of biodiversity, recognizing the importance of ethnoknowledge and local management. This study seeks to synthesize information about local and traditional communities in the Serra do Espinhaço Biosphere Reserve (RBSE) regarding knowledge, use and management of biodiversity. From this, the contributions of communities to the conservation and sustainable use of biodiversity were analyzed, as well as their struggle processes for territory and natural resources. A systematic review and a survey of gray literature were carried out, using as databases Scopus, Web of Science, ResearchGate, Google Scholar and the page unesdoc.unesco.org. 37 publications were selected. Twenty works cover rural and urban communities, 11 on *geraizeiros*, six on quilombola communities and three on evergreen flower pickers. No work on the ethnoknowledge of the biodiversity of the other traditional communities of the RBSE, including 13 ethnic groups of native peoples, artisanal fishermen, *veredeiros*, and people from *terreiros* was found, which reveals gaps on the subject. Despite the few studies published in the evaluated databases, 808 species of plants and 64 species of wild animals known and used by these communities were registered in the selected works. In general, the practices and knowledge of local and traditional communities indicate the potential for sustainable use of biodiversity as they seek to meet their conservation needs and objectives. These are knowledge and techniques on the classification and use of environments, species, environmental management, fire management, agroecological and agroforestry management, extractivism, as well as regulation and access to common goods. There is relevant knowledge about biodiversity and practices, mainly agroecological, which provide the Reserve with opportunities to maintain the local culture, as well as to conserve and sustainably use biodiversity.

Key words: Espinhaço, ethnobotany, ethnoecology, ethnozoology, traditional communities

APRESENTAÇÃO

A necessidade do isolamento social, junto com outras medidas para conter o avanço do coronavírus, trouxe limites às pesquisas de campo, principalmente em etnobiologia e etnoecologia. Por isso, minha pesquisa que envolvia diretamente moradores da comunidade quilombola de Candeias e da comunidade rural Parauninha, no município de Conceição do Mato Dentro, teve que ser interrompida. A ideia inicial dessa dissertação de mestrado era levantar o conhecimento ecológico tradicional sobre o uso e manejo de plantas por essas comunidades. Mas não foi possível completar todas as entrevistas, realizar reuniões para validação de informações e devolução, além de coletar as espécies citadas junto com especialistas locais, e realizar a identificação. Como um desdobramento da nova situação da pandemia de COVID-19, essa dissertação apresenta uma revisão sistemática e um levantamento da literatura cinza sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.

Levando em conta que as Reservas da Biosfera são instrumentos de gestão participativa, tidas como locais de estudo dos sistemas socioecológicos para buscar conciliar a conservação e uso sustentável da biodiversidade, busca-se nessa dissertação refletir sobre a contribuição, ou não, das comunidades tradicionais e locais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço para a conservação e uso sustentável, a partir de uma revisão sobre conhecimento, uso e manejo da biodiversidade.

Essa dissertação apresenta, inicialmente, um breve histórico sobre as Reservas da Biosfera e a evolução do seu conceito, que passou da conservação de áreas naturais e pesquisa ecológica até os dias atuais onde a conservação e o uso sustentável são objetivos a serem conciliados. Em seguida, na metodologia, apresenta-se o delineamento da revisão sistemática e o levantamento da literatura cinza, como os termos utilizados na busca, as bases de dados utilizadas, os critérios de inclusão/exclusão, etc. Foram selecionadas apenas publicações que tiveram foco ou traziam informações sobre o etnoconhecimento da biodiversidade. Contudo outras publicações que tiveram foco em conflitos socioambientais foram utilizadas na discussão para ampliar o entendimento do contexto socioambiental das comunidades, seus processos de luta por recursos e territórios, e também dos usos da biodiversidade. Nos resultados e discussão, busca-se mostrar que os estudos até aqui realizados, apesar de poucos, mostram que há um rico conhecimento sobre a fauna, a flora e os ecossistemas. Além disso, a relação das comunidades tradicionais e locais com a biodiversidade, em muitos casos, mostra ser possível alcançar a conservação e uso sustentável, como nas práticas de manutenção e

proteção de áreas naturais ou manejos ecológicos do solo visando a recuperação de áreas degradadas ou produção de alimentos.

Espera-se com este trabalho contribuir para a valorização das comunidades locais e tradicionais, além de fornecer informações que orientem tomadas de decisão na gestão de territórios da Reserva da Biosfera Serra do Espinhaço.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, no Estado de Minas Gerais, e os biomas do Cerrado, Caatinga, e Mata Atlântica.....	21
Figura 2 - Termos utilizados na busca e combinações feitas entre eles para a revisão sistemática sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.....	22
Figura 3 – Fluxograma da revisão sistemática e análise da literatura cinza sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.....	23
Figura 4 - Categorias de uso de plantas nas publicações da revisão sistemática sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.....	27
Figura 5: Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades geraizeiras nos municípios da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).....	29
Figura 6 - Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade por comunidades quilombolas na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).....	36
Figura 7 – Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas nos municípios da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.....	41
Figura 8 - Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades rurais e urbanas da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista das publicações que analisam o conhecimento local, uso e manejo da biodiversidade por comunidades tradicionais e locais, na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.....	67
Quadro 2 – Lista de publicações por comunidades locais e tradicionais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Reservas da Biosfera no Brasil, data de criação e área (Km ²).....	16
Tabela 2 - Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.....	73
Tabela 3 - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.....	82

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. METODOLOGIA.....	20
2.1 A Reserva da Biosfera da Serra Espinhaço.....	20
2.2 A Revisão Sistemática e a análise da literatura cinza.....	22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
3.1 Comunidades tradicionais e locais.....	28
3.1.1 Geraizeiros (as).....	28
3.1.2 Comunidades Remanescentes de Quilombo.....	35
3.1.3 Apanhadores (as) de flores sempre-vivas.....	41
3.1.4 Comunidades rurais e urbanas.....	43
3.2 Conflitos socioambientais.....	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
6. APÊNDICES.....	67
6.1 APÊNDICE A - Quadros.....	67
6.1.1 - Quadro 1.....	67
6.1.2 - Quadro 2.....	70
6.2 APÊNDICE B - Tabelas.....	73
6.2.1 - Tabela 2.....	73
6.2.2 - Tabela 3.....	82
7. ANEXO.....	167

1. INTRODUÇÃO

As Reservas da Biosfera (RB) fazem parte do Programa O Homem e a Biosfera (MAB) da Organização Mundial para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A finalidade do Programa, resumidamente, é “estabelecer uma base científica para melhorar a relação entre o ser humano e o meio ambiente”, que se busca alcançar promovendo o conhecimento, a prática, e os valores humanos (UNESCO, 2017). As RB são porções de ecossistemas terrestres ou costeiros, definidas como:

(...) locais de aprendizagem para o desenvolvimento sustentável. Elas são locais para testar abordagens interdisciplinares para entender e gerenciar mudanças e interações entre sistemas sociais e ecológicos, incluindo prevenção de conflitos e gestão da biodiversidade. São lugares que fornecem soluções locais para desafios globais. As reservas da biosfera incluem ecossistemas terrestres, marinhos e costeiros. Cada local promove soluções que conciliam a conservação da biodiversidade com seu uso sustentável. ” (UNESCO, 2021a, tradução do autor).

Desde a formulação do conceito das RB em 1974, houve importantes avanços quanto ao entendimento e a prática de conservação da biodiversidade, mas ainda parecem ser grandes os desafios para diminuir a distância entre conceito e prática, e também para medir a efetividade das Reservas em relação ao cumprimento de suas metas e objetivos (FERREIRA *et al.*, 2020; PRICE, 2002).

O conceito inicial das Reservas da Biosfera primava por objetivos de conservação da biodiversidade e pesquisa ecológica, sem considerar populações humanas e usos que faziam da biodiversidade. A partir da década de 80 ocorreram mudanças no conceito, que seguiram acompanhando tendências direcionadas pela Rio 92, pela Convenção sobre Diversidade Biológica, e por avanços na gestão de áreas protegidas (UNESCO, 1996). Passou-se então a reconhecer objetivos de uso sustentável da biodiversidade, com a inclusão da zona de transição e buscando cada vez mais a inclusão de diferentes participantes na gestão, incluindo comunidades locais (PRICE, 2002).

Essas mudanças culminaram na Estratégia de Sevilha e no Statutory Framework (UNESCO, 1996). Então, a partir de 1995, prevalece o conceito das RB como “locais de excelência para explorar e demonstrar métodos de conservação e desenvolvimento sustentável em escala regional” (UNESCO, 1996), o que de certa forma vigora até hoje. O Statutory Framework, documento base das RB, teve o objetivo de consolidar a Rede Mundial de Reservas da Biosfera (RMRB), dispoendo sobre as três funções da Reserva (conservação, desenvolvimento sustentável, e suporte logístico à pesquisas), os critérios de designação, o

zoneamento, e o processo de revisão periódica com vistas a monitorar a efetividade no cumprimento das funções das RB. A Estratégia de Sevilha também trouxe uma série de recomendações para que as RB cumprissem o papel de conciliar a conservação e o desenvolvimento sustentável, entre elas, a necessidade de ampliar o entendimento das relações e interações entre sociedade e ambiente, sendo para isso preciso, por exemplo, intensificar pesquisas etnobiológicas (UNESCO, 1996)

Outros marcos no Programa MAB foram o Plano de Ação de Madri 2008-2013 (UNESCO, 2008) e a Declaração de Dresde (UNESCO, 2011), os quais trouxeram a importância da RMRB frente às mudanças climáticas e às suas possibilidades de “atenuação das mudanças climáticas e adaptação a seus efeitos”, e de “integrar estratégias e políticas nacionais e internacionais relativas ao clima” (UNESCO, 2017).

Atualmente as RB estão orientadas pela Estratégia MAB 2015-2025 e pelo Plano de Ação de Lima 2016-2025 (UNESCO, 2017). Com isso, elas agora são tidas como modelos onde os Estados membros podem se apoiar para cumprimento dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS). O Plano de Lima compreende vários objetivos e ações, dentre eles o de reconhecer a contribuição do conhecimento tradicional de comunidades locais para as RB.

Assim, nos últimos 47 anos as Reservas da Biosfera vêm passando por reformulações e avanços no conceito, de locais de excelência a locais de aprendizagem, de foco na conservação à integração com objetivos de desenvolvimento sustentável e de mudanças no zoneamento (incorporação da zona de transição), entre outras..

As RB são instrumentos de gestão participativa em escala regional conectadas e organizadas em uma Rede Mundial de Reservas da Biosfera, que muito têm a contribuir para a valorização de experiências de conservação e uso sustentável da biodiversidade. No entanto, elas estão sendo subaproveitadas para a ciência da sustentabilidade (REED, 2019) e existem muitos desafios na conciliação entre conservação e uso sustentável dos recursos naturais. Os desafios parecem ser melhor superados com iniciativas de co-gestão participativa, valorização do conhecimento e dos sistemas de manejo local (SCHULTZ; DUIT; FOLKE, 2011)

As parcerias com instituições e comunidades locais são premissas para se ter um modelo de gestão regional (HEDDEN-DUNKHORST; SCHMITT, 2020). Essa parceria e integração de comunidades locais e seus conhecimentos é um desafio; contudo, segundo Baird *et al.*, (2018), as RB que se esforçam na criação de espaços de interação entre diferentes atores sociais, buscando garantir sua participação desde a implementação de ações em campo até as tomadas de decisão, parecem mostrar caminhos mais efetivos para cumprimento de

seus objetivos. Existem diferentes modelos de gestão que contam com participação e colaboração de comunidades locais, bem como de seus conhecimentos e experiências no manejo de ambientes naturais. Na África do Sul, por exemplo, há iniciativa de zoneamento feito com base no zoneamento cultural previamente existente, num processo longo de participação social de vários níveis institucionais, mostrando possibilidades de planejamento participativo e inclusivo para a conservação (HEDDEN-DUNKHORST; SCHMITT, 2020; POOL-STANVLIET; COETZER, 2020).

Outro desafio para as RB é mensurar sua efetividade. A revisão periódica pretendeu suprir essa necessidade, mas ela parece ainda não cumprir totalmente essa demanda. Reed e Eguny (2013) destacam que tal processo pode ser orientado sob ponto de vista de aprendizagem, não apenas de conformidade (feita de forma a atestar seus cumprimentos com objetivos e metas), o que abriria espaço para reflexões e aprendizagem social. Nessa perspectiva, as RB se aproximam de certa forma ao co-manejo adaptativo (REED; EGUNYU, 2013).

A Rede Mundial de Reservas da Biosfera (RMRB) conta com 714 Reservas, em 129 países, totalizando 6.812.000 km² (UNESCO, 2021b). No Brasil existem hoje sete RB, com total de 2.051.444 km² (MMA, 2021) (Tab. 1).

Tabela 1: Reservas da Biosfera no Brasil, data de criação e área (em Km²).

Reservas da Biosfera no Brasil		
Nome	Data de criação	Área (km²)
Reserva da Biosfera da Mata Atlântica	1991	895.266
Reserva da Biosfera do Cerrado	1993	285.387
Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo	1994	23.335
Reserva da Biosfera do Pantanal	2000	260.642
Reserva da Biosfera da Amazônia Central	2001	198.072
Reserva da Biosfera da Caatinga	2001	286.837
Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço	2005	102.188,95

Fontes: Andrade *et al.* (2018) e <https://antigo.mma.gov.br/areas-protetidas/instrumentos-de-gestao/reserva-da-biosfera/itemlist/tag/reserva%20biosfera.html>.

No âmbito nacional, a RB é um instrumento de gestão reconhecido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (BRASIL, 2000), artigo 41:

A Reserva da Biosfera é um modelo, adotado internacionalmente, de gestão integrada, participativa e sustentável dos recursos naturais, com os objetivos básicos de preservação da diversidade biológica, o desenvolvimento de atividades de pesquisa, o monitoramento ambiental, a educação ambiental, o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das populações. (BRASIL, 2000, art. 41)

Entre as RB brasileiras, a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE) destaca-se pela megadiversidade de plantas e animais, mas também pela diversidade sociocultural. Entre as comunidades tradicionais é possível encontrar cerca de 13 etnias de povos originários: Aranã Caboclo, Aranã Índio, Canoeiro, Guajajara, Guarani, Karajá, Krenak, Maxakali, Pankararu, Pataxó, Pataxó Hã-Hã-Hãe, Puri e Warao (CAMARGO, 2020); além das comunidades remanescentes de quilombo (CRQ), apanhadores de flores sempre-vivas, geraizeiros, veredeiros, povos de terreiro e pescadores artesanais (Andrade *et al.*, 2018).

Os povos e comunidades tradicionais são reconhecidos como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007). Em geral, a contribuição para conservação da biodiversidade e agrobiodiversidade por essas comunidades, e também outras rurais – principalmente aquelas baseadas na agricultura familiar e agroecologia -, é cada vez mais reconhecida (CALABONI *et al.*, 2021; EMPERAIRE, 2021).

Os apanhadores e apanhadoras, por exemplo, tiveram o reconhecimento a nível mundial, pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), da importância do seu modo de vida e seu Sistema Agrícola Tradicional com o título de Patrimônio Agrícola Mundial (FAO, 2020). Na prática, isso poderá incidir no reconhecimento do seu território e garantia de suas práticas que vem sem cerceadas em Unidades de Conservação de Proteção Integral (zonas núcleo da RBSE) (MONTEIRO; PEREIRA; DEL GAUDIO, 2012). A “panha” de flores sempre-vivas é atividade tradicional comum nas comunidades do espinhaço meridional, incluindo comunidades quilombolas e demais comunidades rurais. Devido ao conflito gerado pela implantação dessas Unidades de Conservação, criadas sem a participação ou consulta prévia, as comunidades se reuniram em torno da identificação de apanhadores de sempre-vivas, embora executassem outras diferentes práticas, para defenderem seus direitos territoriais (MONTEIRO, 2011).

As comunidades remanescentes de quilombo são definidas como “grupos étnicos-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de

relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão historicamente sofrida.” (BRASIL, 2003). No estado de Minas Gerais existem cerca 1.043 comunidades remanescentes de quilombo (CEDEFES, 2021), e apenas a comunidade quilombola de Porto Corís teve seus direitos territoriais efetivados. Apesar disso, a comunidade não teve seus direitos territoriais garantidos, foram reassentados e perderam relações com o território tradicional pela construção da Usina Hidrelétrica de Irapé (CAMARGO, 2019). A autodeterminação cumpre papel importante no processo de reconhecimento das CRQ, tanto para o reconhecimento oficial pelo Estado e início do processo com fins de demarcação de terras, quanto para própria comunidade que colhe benefícios como reafirmação da identidade, reconhecimento de sua história, e valorização de sua cultura. Mas ressalta-se que o decreto nº 4.887/2003, só 15 anos depois teve reconhecida sua constitucionalidade (RICHTER, 2018). Isso nos dá uma ideia do racismo institucional. O reconhecimento desses territórios, implica o direito a acessar políticas públicas básicas (de educação, saúde, e meio ambiente), implicando em responsabilidades do Estado. Na RBSE existem ao menos 104 comunidades quilombolas (ANDRADE *et al.*, 2018).

Também de matriz africana, os povos de terreiro são comunidades religiosas com um conjunto de práticas oriundas de negros (as) escravizados (as), trazidos de várias partes da África no período colonial em navios negreiros (MMA, 2016). Praticam, por exemplo, o “candomblé, batuque, tambor de mina, pajelança, macumba, umbanda” (MMA, 2016). O terreiro é um espaço sagrado, mas os locais externos onde se organizam e a natureza também são considerados sagrados (MMA, 2016).

Em relação aos geraizeiros, conhecidos também como “cacunda di librina”, sabe-se que possuem íntima relação com os sistemas ecológicos do Cerrado, fruto da co-evolução com seus ambientes (DAYRELL, 1998). São comunidades que vêm lutando pelos seus territórios expropriados por diversas monoculturas, pecuária extensiva e outros projetos desenvolvimentistas dos anos 1970. Os geraizeiros tiveram a nível nacional e municipal o reconhecimento de seu modo de vida pelo prêmio de boas práticas pela manutenção dos Sistema Agrícola Tradicional. A prática em questão foi a proposição da lei municipal no 1.629/2015, denominada Lei João Tolentino, que visa a conservação cultural e da biodiversidade (SOUZA, 2019).

Os pescadores artesanais vivem da pesca em pequena escala, detêm conhecimento detalhado sobre ecologia e biologia de peixes, e dinâmicas do sistema ecológico aquático. Dos ecossistemas aquáticos é retirada a renda, ambientes também considerados sagrados para essas comunidades:

A água alcança, portanto, a condição de sagrada. Nela, vida e morte se realizam. Os pescadores artesanais compreendem profundamente essa relação, absorvendo conhecimentos empíricos e lendas em seu cotidiano de trabalho. Por toda a costa brasileira, acima de todas as variações e sotaques regionais presentes entre os diferentes grupos de pescadores, haverá sempre uma relação próxima com as águas, algo de respeito e desafio, algo que atrai e aterroriza, que nutre e mata. Eis uma das expressões do sagrado e da relação complexa que os pescadores artesanais estabelecem com suas águas. (MMA, 2016).

No Brasil, em geral, os povos originários vêm sofrendo com a perda da qualidade de vida, de seus territórios tradicionais e outras violências que desestruturam seu modo de vida. Das 13 etnias existentes na RBSE, apenas os Krenak e os Pataxó, estão aldeados na minúscula Terra Indígena Fazenda Guarani (3.269,71 hectares), no município de Carmésia (FUNAI, 2021), com alguma garantia de acesso ao território e aos recursos naturais. As demais etnias não possuem essa garantia. Os Maxakali, embora aldeados fora do território que compreende a RB, durante longas migrações até o estado da Bahia passam pelo município de Carmésia (CAMARGO, 2020). Existem ainda famílias em centros urbanos, como em Belo Horizonte, onde estima-se a existência de cerca de 10 mil indígenas (CAMARGO, 2020).

Segundo a Rede Brasileira de Reservas da Biosfera, as RB são importantes no “suporte a iniciativas de aprofundamento do conhecimento científico e tradicional sobre a diversidade biológica dos ecossistemas que a contêm” (BRASIL, 2016). Nesse aprofundamento, e para compreender e melhorar a relação entre sociedade e os ecossistemas, pesquisas etnocientíficas são importantes e estratégicas para subsidiar planos de manejo das Reservas.

O etnoconhecimento da biodiversidade é compreendido como o conhecimento de um grupo ou uma sociedade e sua cultura sobre as plantas, animais, ecossistemas e toda a variação dentro e entre espécies, conforme definição de biodiversidade, pela CDB¹. Em etnoecologia, este etnoconhecimento é indissociável das dimensões práticas e do sistema de crenças (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009). Segundo Berkes (2008), o conhecimento ecológico tradicional inclui também o conjunto de prática e crenças: *“um corpo cumulativo de conhecimento, prática e crença, evoluindo por processos adaptativos e transmitido através de gerações por transmissão cultural, sobre a relação dos seres vivos (incluindo os humanos)”*

¹ “‘Biological diversity’ means the variability among living organisms from all sources including, inter alia, terrestrial, marine and other aquatic ecosystems and the ecological complexes of which they are part; this includes diversity within species, between species and of ecosystems”. (CDB, 1993)

uns com os outros e com seu ambiente.”. O conhecimento ecológico, local ou tradicional é dinâmico por esse ponto de vista, relacionado às práticas e crenças, e um modo de perceber e manejar os ambientes. Para Almada e Coelho (2014), a grande contribuição desses saberes, para além das contribuições para manutenção de serviços ecossistêmicos e da biodiversidade, é o apontamento para soluções para crises sociais e ambientais que não se baseiam nas relações de mercado.

As pesquisas em etnobiologia e etnoecologia além de fornecerem informações relevantes sobre uso e manejo da biodiversidade, podem ainda contribuir para o fortalecimento de comunidades locais e fomentar a participação em processos de tomada de decisão no território. Essas abordagens são complementares a levantamentos de flora e fauna, incrementam informações sobre biologia e ecologia de espécies, embasam o planejamento de uso e ocupação do solo, subsidiam planos de manejo e processos de gestão participativa e apontam modelos desejáveis de uso sustentável da biodiversidade (BARROSO; REIS; HANAZAKI, 2010; DRUMOND; GUIMARÃES; SILVA, 2015; PINTO *et al.*, 2016; SILVANO; HALLWASS, 2020).

Diante dos desafios atuais em conservação, de aproximar o conceito da prática nas RB, e das contribuições do conhecimento local, é necessário aprofundar o conhecimento sobre as comunidades locais e tradicionais, seus conhecimentos, usos e manejo da biodiversidade. Para isso, foi feita uma revisão sistemática incluindo o levantamento da literatura cinza sobre os trabalhos etnocientíficos desenvolvidos na Reserva da Biosfera da Serra Espinhaço (RBSE) visando analisar a contribuição dos conhecimentos e práticas dessas comunidades para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Além disso, outros trabalhos com foco em conflitos socioambientais foram considerados nesta dissertação para ampliar o entendimento sobre as transformações ocorridas nas comunidades tradicionais e locais e suas relações com a biodiversidade.

2. METODOLOGIA

2.1 - A Reserva da Biosfera da Serra Espinhaço

A Serra do Espinhaço é uma cadeia de montanhas de aproximadamente 1.100Km de extensão, no sentido N-S, de Minas Gerais à Chapada da Diamantina, na Bahia. Importante divisor das grandes bacias hidrográficas do rio São Francisco e do rio Doce, também é área de transição entre os biomas Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga. Nessa cadeia de montanhas são encontrados mosaicos de biodiversidade e elevado grau de endemismo de animais e plantas, principalmente nos Campos Rupestres (FERREIRA *et al.*, 2008; VERSIEUX;

WANDERLEY, 2009). Esses campos, situados nos topos das montanhas, acima de 900m, por vezes considerados como um bioma à parte (GONTIJO, 2008), são um dos ambientes mais antigos da América do Sul, únicos e insubstituíveis (SILVEIRA *et al.*, 2016).

Devido a seus atributos ecológicos, mas também culturais e históricos, em 2005 parte da Serra foi designada pela UNESCO como Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, e em junho de 2019 foi aprovada a Fase 2 da RBSE (UNESCO, 2019), expandindo o território até os limites com o estado da Bahia, totalizando uma área de 102.188,95 km².

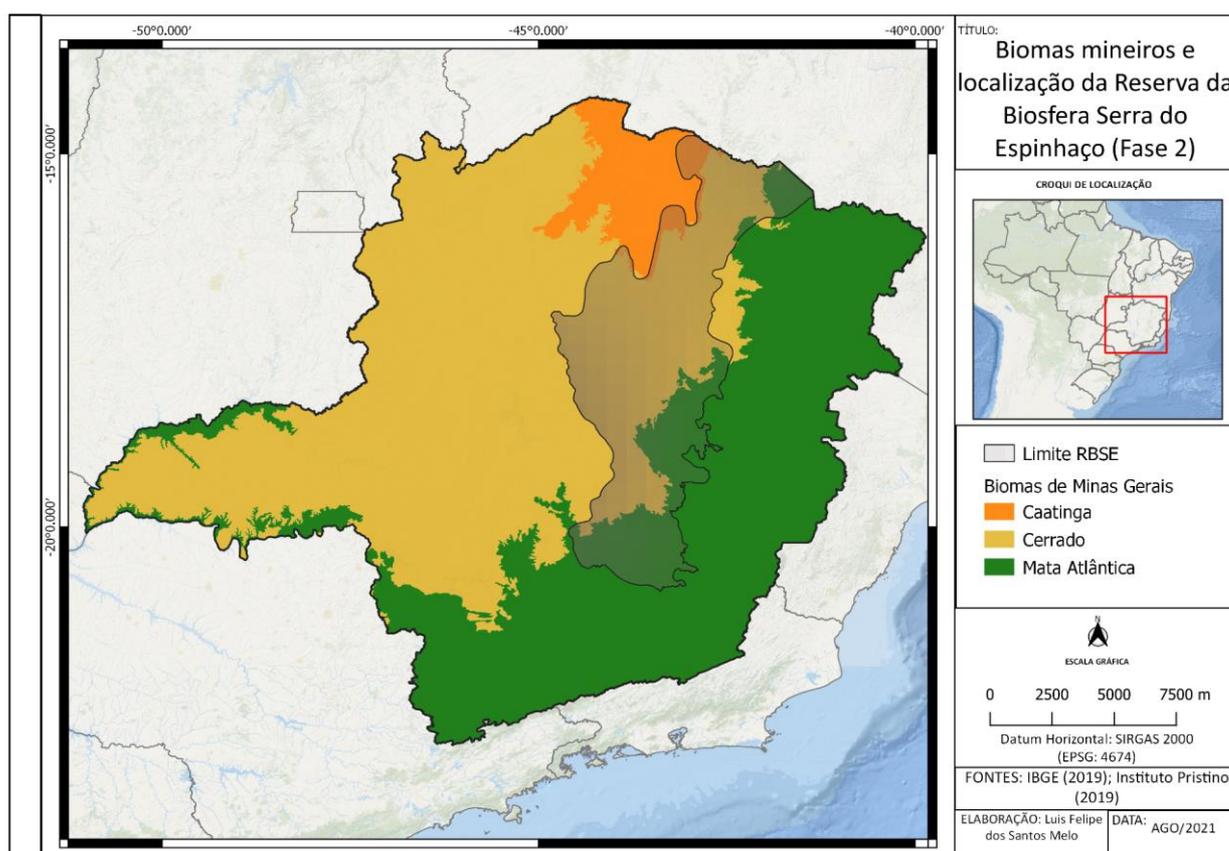


Figura 1: Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, no Estado de Minas Gerais, e os biomas do Cerrado, Caatinga, e Mata Atlântica.

Muitas áreas dentro da RBSE são consideradas prioritárias para conservação e de importância biológica especial (DRUMMOND *et al.*, 2005). Diante disso, uma das estratégias de conservação da biodiversidade tem sido a criação de Áreas Protegidas, principalmente de Unidades de Conservação de Proteção Integral (correspondendo às zonas núcleo da RB) ou de Uso Sustentável. Entre 2005 e 2015 houve aumento de 23% na área de unidades de conservação de proteção integral (ANDRADE *et al.*, 2018). Existem na RBSE cerca de 198 Unidades de Conservação, entre áreas de proteção integral e outras unidades de uso

sustentável, distribuídas entre os níveis de gestão governamentais Federal, Estadual e Municipal (ANDRADE *et al.*, 2018). Essas Áreas Protegidas estão dispersas em uma matriz com diferentes usos da terra e atividades econômicas, sendo as três principais a mineração, o agronegócio, e o turismo.

Por outro lado, estima-se que seus ambientes naturais, muitas vezes alvo de políticas de conservação, foram influenciados por sucessões de populações humanas que habitaram e manejaram a Serra há cerca de 10.000 anos (ALMADA; ANAYA; MONTEIRO, 2016; ISNARDIS, 2009; RIBEIRO, 2002). Ainda hoje, ao longo da RBSE existe uma importante diversidade social e cultural, manifestada em diferentes comunidades locais e outras tradicionais que continuam manejando seus ambientes.

2.2 - A Revisão Sistemática e da literatura cinza

Para avaliar o conhecimento, uso e manejo da biodiversidade, por comunidades locais e tradicionais, foi conduzida uma busca sistemática nas bases de dados Web of Science e Scopus. Para complementar as informações levantadas e considerando a importância de outros meios de divulgação científica, publicações relevantes da literatura cinza foram buscadas nas bases ResearchGate, Google Scholar e na página unesdoc.unesco.org.

Não foi feito recorte temporal, para assim compreender o conhecimento etnocientífico sobre a relação das comunidades locais com os ecossistemas da Serra do Espinhaço desde antes da sua designação como Reserva da Biosfera. Nas buscas foram usadas palavras em português e inglês, e combinadas entre si, de acordo com a Fig. 2.

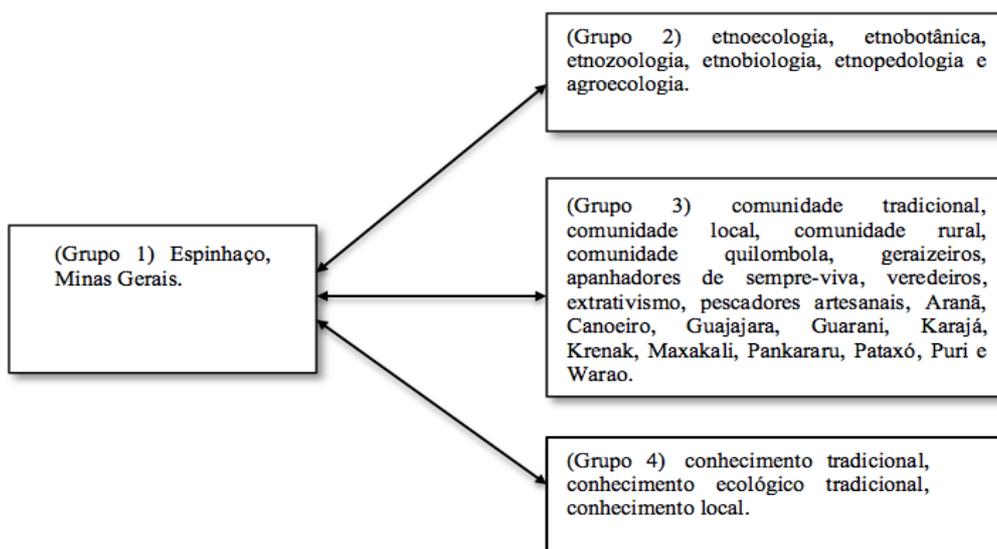


Figura 2 - Termos utilizados na busca e combinações feitas entre eles para a revisão sistemática sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.

Na seleção das publicações foram considerados artigos publicados em revistas científicas, dissertações de mestrado, teses de doutorado, e livros (incluindo capítulos). Foram excluídas publicações: 1) que não tratavam de conhecimentos, usos e manejo da biodiversidade por comunidades locais ou tradicionais; 2) somente teóricas ou de revisão; 3) sobre a percepção ambiental e Educação Ambiental não relacionadas ao etnoconhecimento; 4) com foco em conflitos socioambientais que não contemplavam etnoconhecimento; 5) de etnopedologia com foco nas características físicas e químicas do solo sem considerar o etnoconhecimento da paisagem, ambientes e usos do solo; 6) realizadas fora dos limites da RBSE. No caso de publicações sem informações georreferenciadas, foram contemplados os trabalhos desenvolvidos nos municípios pertencentes à Reserva da Biosfera, de acordo com Andrade *et al.* (2018).

A figura abaixo resume os passos envolvidos nessa revisão.

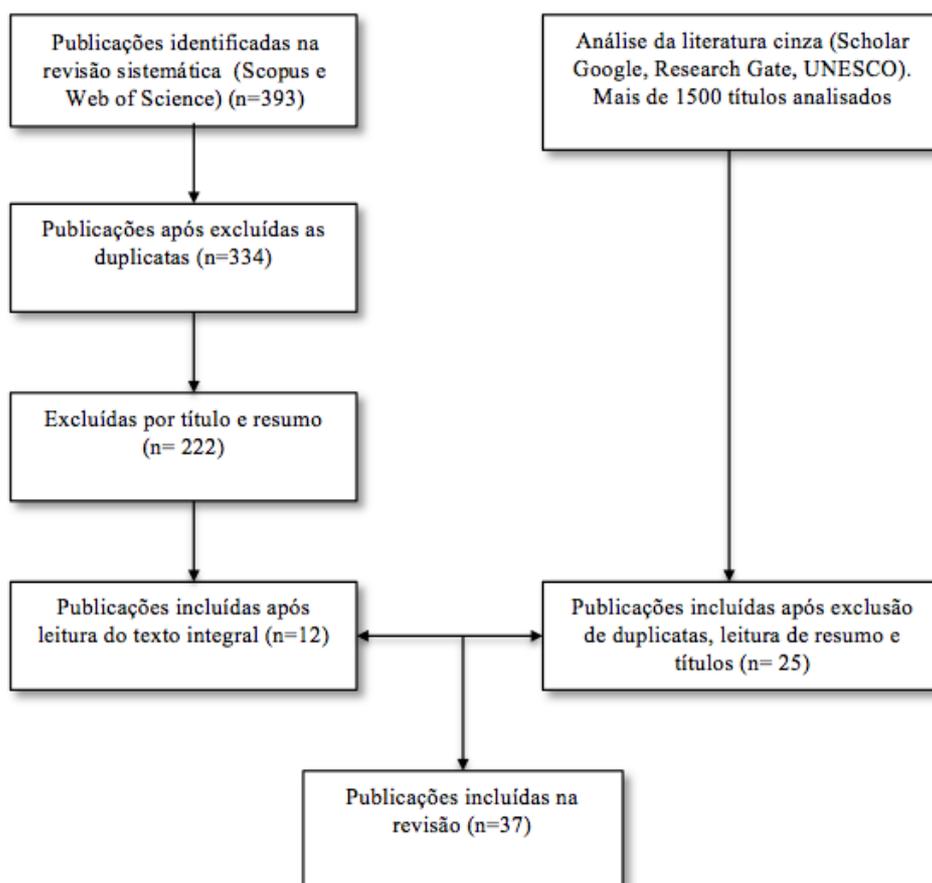


Figura 3 – Fluxograma da revisão sistemática e análise da literatura cinza sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço

Das publicações selecionadas foram extraídas a localização do estudo (por município, regiões da Serra do Espinhaço e bioma), nome e o tipo da comunidade (se tradicional ou não), plantas e animais citados para compor uma tabela geral de espécies conhecidas, tipos de uso, sistemas de manejo, e normas costumeiras para regulação de usos, bem como aspectos das crenças e visões de mundo. Nesse sentido, a análise do conhecimento local e respectivas práticas de manejo tiveram como ponto de partida categorias de análise do Conhecimento Ecológico Tradicional proposto por Berkes (2008) e o conjunto de práticas e mecanismos sociais identificados por Berkes *et al.* (2000). Portanto, o conhecimento local, ou conhecimento ecológico tradicional é entendido também nas dimensões da visão de mundo e sistemas de crenças, buscando ampliar o entendimento para mecanismos sociais que influenciam as práticas e o etnoconhecimento.

Informações sobre a origem e distribuição das espécies de plantas nos biomas foram extraídas dos seguintes sites: floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/, www.plantsoftheworldonline.org/, e eol.org/. A nomenclatura atual, evitando-se duplicações com sinonímias, foi verificada no site gbif.org. Espécies identificadas nas publicações como sp1, sp2, etc, foram agrupadas no mesmo gênero. Enquanto que variedades e subespécies foram agrupadas na mesma espécie.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 34 publicações sobre comunidades locais e tradicionais, as quais analisam o etnoconhecimento, o uso, e suas relações com ecossistemas da RBSE (Apêndice A). Desse total, 11 publicações citam a Reserva da Biosfera, destacando sua importância biológica e cultural (ALMADA *et al.*, 2013; BRAGA *et al.*, 2018; FILIPPO, 2013; MATEUS *et al.*, 2011; PINTO; CRUZ; PIRES, 2015; PINTO; MATEUS; PIRES, 2012; PIRES; PINTO; MATEUS, 2017; ROCHA; HOEHNE; ÂNGELO, 2015). Mesmo com avanços no conceito das RB e a valorização, num contexto maior, do conhecimento local e sua importância para conservação, pode-se dizer que ainda há poucos trabalhos etnocientíficos sobre o tema na RBSE, principalmente se considerarmos aqueles diretamente relacionados à Reserva. O baixo número de publicações etnocientíficas relacionadas a RBSE, indica a necessidade de maior compreensão da RB enquanto local de fomento, apoio e aprofundamento do etnoconhecimento e valorização das suas comunidades locais.

A complementação da literatura cinza, quali e quantitativamente acrescentou 25 publicações. Apesar das limitações na sistematização, na contagem das publicações, estimamos mais 1500 títulos analisados.

Em geral, os estudos incluíram o conhecimento e usos de plantas e animais, extrativismo e comercialização de frutos do Cerrado e da Mata Atlântica, manejo de ambientes com práticas agroecológicas e tradicionais, visando à recuperação de áreas degradadas e segurança alimentar, e gestão de recursos comuns.

O conhecimento etnozoológico abrange 64 espécies (Apêndice B, Tab. 2), a maioria são espécies de mamíferos (28), seguidos de insetos (16), répteis (11), aves (8) e anfíbios (1). Os usos dessa fauna incluem usos medicinais (15), simbólico-cultural (13), para alimentação (12) e comercial (1).

Muitas vezes os usos levam à morte dos animais. Geralmente, as partes utilizadas, conforme Diniz (2019), incluem “peles, couro, sebo, osso, unhas, chifres, e até mesmo fezes e tripa”. Além disso, alguns animais são considerados perigosos, como as serpentes e anfisbenas, e por esse motivo em ocasiões de encontro podem ser mortos. No entanto, é importante destacar que para alguns usos medicinais e para obter a cura, é preciso que o animal se mantenha vivo. Por exemplo, segundo Diniz (2019):

o uso de um pouco de sangue dos pés do cágado para o tratamento da bronquite, e da unha do lobo-guará que é fumada quanto se está com dores de dente e para a proteção contra “o patriarca” (olho gordo), ou inserida em chás para as mulheres que estão em trabalho de parto. (DINIZ, 2019, p. 25)

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é tido como animal feiticeiro, capaz de desarmar a arma de caçadores só pelo olhar, ou escapar dos tiros. Considera-se matá-lo um grande azar, “um grande atraso” (DINIZ 2019). Essa fama de animal como poderes mágicos, que podem trazer sorte ou azar, é amplamente difundida entre os sertanejos e outros povos que habitam o Cerrado, um animal “carregado de significados” (RIBEIRO, 2006).

O uso simbólico-cultural está relacionado, por exemplo, à crença de que algumas espécies são adivinhadoras de chuvas, que anunciam a morte de alguém na comunidade, ou que podem trazer azar ou sorte. Por exemplo “o beija-flor-do-rabo-preto (*Florisuga* sp.) ao entrar em casa sinaliza a morte de algum familiar, e a acauã (*Herpetotheres cachinnans*), cujo canto indica o falecimento de alguma pessoa da comunidade. (...) é também considerado um indicador de chuvas” (DINIZ 2019).

O conhecimento tradicional sobre a fauna local demonstrou sua importância na complementaridade no levantamento da fauna. Por exemplo, no trabalho realizado por Braga *et al.* (2018), pelos métodos etnozoológicos foram registradas dez espécies de mamíferos que não foram levantados por métodos convencionais. A complementaridade contribuiu para o

registro de 28 das 31 espécies de mamíferos conhecidas na região, e ainda forneceu informações para conhecimento do status de conservação da fauna local (BRAGA *et al.*, 2018).

Este conhecimento tradicional mostra também a complementaridade em relação ao conhecimento biológico e ecológico das espécies. Mateus *et al.* (2011) e Pires *et al.* (2017), por exemplo, destacam o alto conhecimento das comunidades rurais de Ouro Branco sobre ecologia e comportamento da espécie *Amphisbaena alba*, de hábito fossorial, que vão ao encontro com a literatura científica. A transmissão intergeracional e a oralidade sobre aspectos comportamentais e ecologia foram os principais mecanismos sociais para a transmissão do conhecimento ecológico tradicional acerca desse animal (MATEUS *et al.*, 2011; PIRES; PINTO; MATEUS, 2017).

O conhecimento etnobotânico abrange 133 famílias e 808 espécies conhecidas e/ou utilizadas na RBSE (Apêndice B, Tab. 3), a maioria delas nativas do Brasil (492). Destacam-se, com maior número de espécies citadas as famílias: Fabaceae (73), Asteraceae (72) e Lamiaceae (44). São 15 categorias de usos das plantas encontradas nas publicações: alimentar, artesanato, combustível, comercial, construção, corante, cosmético, forragem, importância ecológica, medicinal, ornamental, simbólico-cultural, tóxicas, veterinário e outros² (Fig. 6). Predomina o uso medicinal das plantas, com 623 espécies citadas, seguido dos usos para alimentação (188) e madeira para construção (74).

² O uso tecnológico também esteve presente nos trabalhos da revisão, mas pela falta de definição clara desse tipo de uso foi incluída na categoria “outros”. O uso tecnológico pode incluir tanto espécies para construção de casa ou artesanato (ALMADA, 2012).

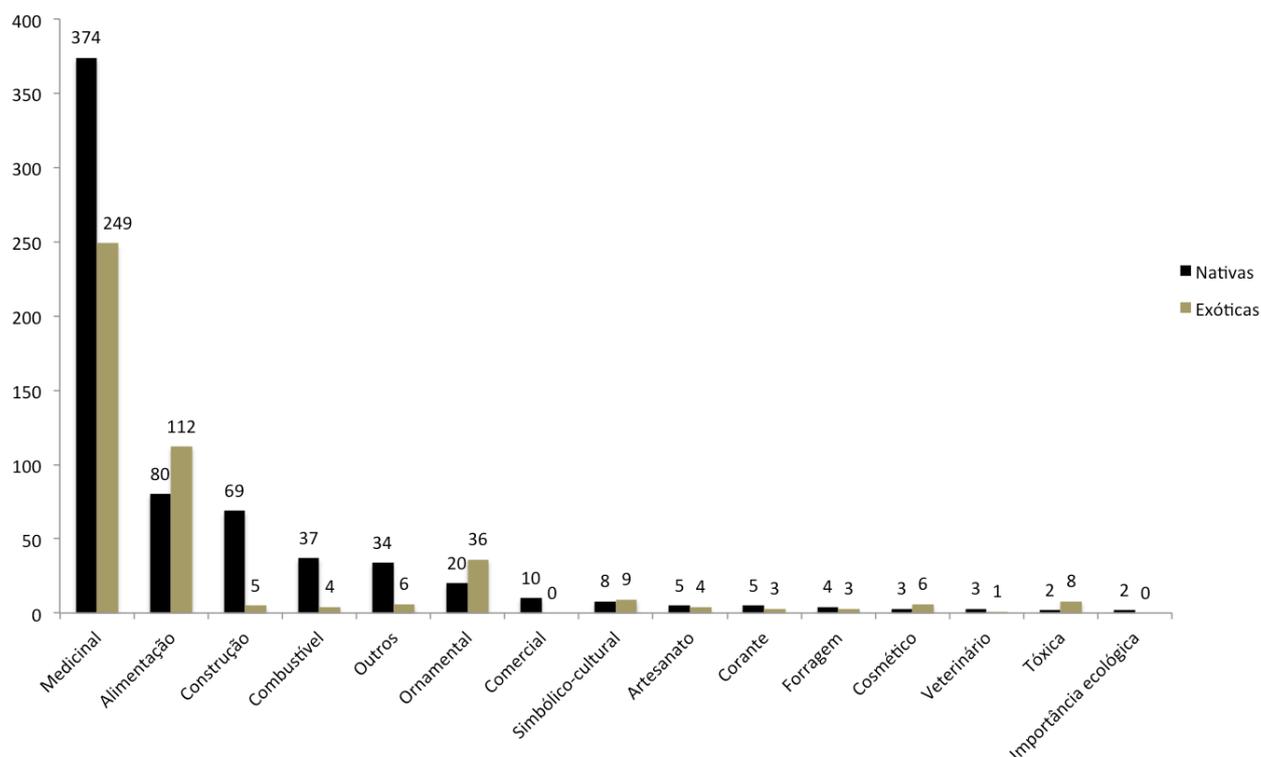


Figura 4 - Categorias de uso de plantas nas publicações da revisão sistemática sobre o etnoconhecimento da biodiversidade na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço.

Em relação ao uso medicinal, destacam-se o uso de espécies nativas do Cerrado e da Mata Atlântica, especialmente espécies que ocorrem nos Campos Rupestres, apesar das transformações socioeconômicas nas comunidades estudadas. Isso pode ser explicado em parte, pelo valor intrínseco das plantas e do reconhecimento na cura ou tratamento de doenças ou ainda da proximidade ou não da área da coleta (MESSIAS *et al.* 2015; SANTOS *et al.* 2016). Contudo, o uso das espécies exóticas diversificam os usos, aumentam o repertório de doenças tratadas, e contribuem para a manutenção de práticas culturais (ROSSI-SANTOS *et al.* 2018)

As espécies nativas são muito utilizadas para lenha e existem critérios na escolha das plantas, por exemplo, relacionadas a produção da fumaça, da labareda e da formação de carvão. Mas segundo Almada (2012), a simples disponibilidade pode orientar a escolha das plantas. Ainda segundo o autor, existe uma preferência por um ambiente ou outro, que pode ser explicado por um tabu:

Na comunidade do Açude, a maioria das espécies utilizadas como lenha são extraídas de formações florestais e não do cerrado, ainda que as espécies deste ambiente tenham um potencial calorífico reconhecido. Em parte, isso pode ser explicado por um tabu relatado pela comunidade. Há uma tradição, ainda muito presente, que atribui má sorte a quem realiza queima de madeiras de casca grossa, como o caso do tabu relacionado a espécie sete-casacas (*Campomanesia* sp.), como

dito anteriormente. (ALMADA, 2012, p. 93)

3.1 Comunidades tradicionais e locais

Das comunidades tradicionais e locais foram encontrados 20 trabalhos sobre comunidades rurais e urbanas, 11 sobre geraizeiros, seis sobre comunidades remanescentes de quilombo, e três sobre apanhadores (as) de flores sempre-vivas. Sobre as demais comunidades tradicionais, incluindo 13 etnias de povos originários, pescadores artesanais, veredeiros, e povos de terreiro, nenhum trabalho sobre etnoconhecimento da biodiversidade foi encontrado, o que revela lacunas sobre o tema.

3.1.1 Geraizeiros (as)

No norte da RBSE, onde podem ser encontradas as comunidades geraizeiras, os municípios com maior concentração de estudos foram: Grão Mogol, sobre a comunidade assentada no Assentamento Americana, e Rio Pardo de Minas, sobre as comunidades Água Boa 2 e Vereda Funda. No município Riacho do Machados foram encontrados três estudos sobre as comunidades do Assentamento Tapera, Córregos e Estivinha; e em Coração de Jesus, Montes Claros e Turmalina um estudo sobre as comunidades do Vale do Riachão, Abóboras e Olhos d'água, respectivamente (Apêndice A, quadro 2).

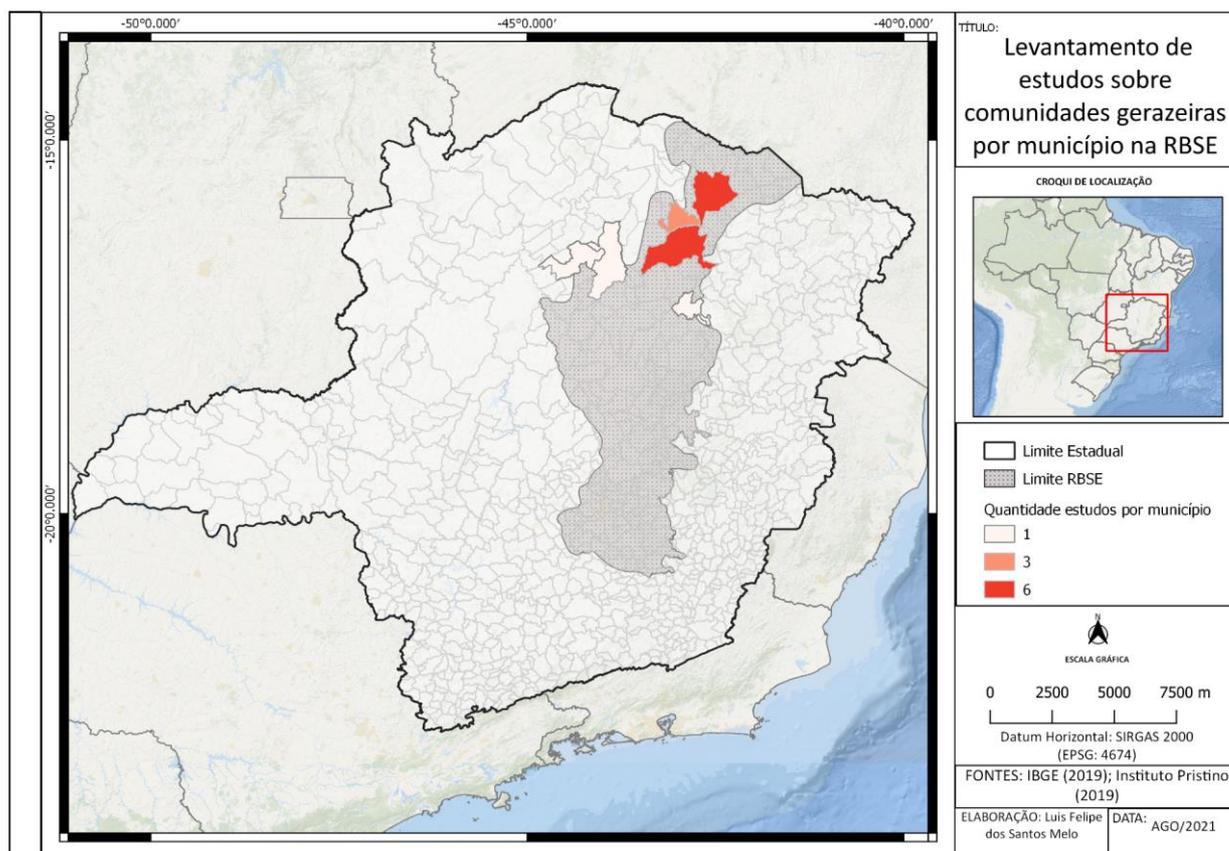


Figura 5: Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades gerazeiras nos municípios da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).

Sobre as comunidades gerazeiras, uma característica evidenciada nas publicações é a identidade de comunidade tradicional agroextrativista intimamente ligada a ambientes do Cerrado (DAYRELL, 1998), emergindo também a figura de povos tradicionais guardiões do bioma (CARVALHO, 2013). As práticas tradicionais são a pecuária extensiva, agricultura de pousio, ou roça de toco, e o extrativismo de plantas medicinais, frutíferas, madeira, lenha e outros recursos (CARVALHO, 2013; DAYRELL, 1998). São comunidades com longo processo de luta por identidade e defesa do território tradicional (NOGUEIRA, 2009).

Os usos e o manejo da biodiversidade, em geral, estão em consonância com a conservação do bioma (CARRARA, 2007; CARVALHO, 2007, p. 20, 2013; DAYRELL, 1998; NOGUEIRA, 2009). Os gerazeiros foram recentemente “incorporados” à nova fase da RBSE, mas merecem atenção porque sua organização social, movimento político e parcerias com organizações não governamentais vêm apontando alguns caminhos para conservação da biodiversidade e uso sustentável do Cerrado.

O uso do território é feito para atender múltiplas estratégias para a garantia da

segurança alimentar. Para isso aproveitam e manejam a biodiversidade de acordo com características intrínsecas de cada unidade de paisagem por eles reconhecida (Anexo 1). De cada ambiente ou unidade de paisagem é aproveitada sua potencialidade para as práticas tradicionais (CORREIA *et al.*, 2007; FERNANDES *et al.*, 2008). Nesse reconhecimento, além das características de relevo e solo, desempenham um importante papel o conhecimento das plantas. Segundo Fernandes *et al.* (2008) no reconhecimento da chapada, por exemplo:

As principais espécies vegetais reconhecidas pelos agricultores e extrativistas foram: Sucupira-preta (*Bowdichia virgilioides*), Pau-terra (*Qualea grandiflora*), Imbiruçu (*Eriotheca pubescens*), Gonçalves-Alves (*Astronium fraxinifolium*), Tingui (*Magonia pubescens*), Cabeça-de-negro (*Annona crassiflora*), Caviuna (*Dalbergia miscolobium*), Pequiizeiro (*Caryocar brasiliense*), Murici (*Byrsonima collobifolia*) e Mamuda (*Zanthoxylum riedelianum*). Segundo os agricultores e extrativistas, as terras da chapada não são boas para a agricultura, podendo ser utilizadas para a criação extensiva de animais, chamada, regionalmente, de “solta”, e para o extrativismo de frutos nativos, óleos, fibras, plantas medicinais, madeira e lenha. (FERNANDES *et al.* 2008, p. 1359)

Na comunidade Água Boa 2, no município de Rio Pardo de Minas, segundo Correia *et al.* (2007), os geraizeiros reconhecem 11 tipos de ambientes. Dentre eles, a baixa seria a paisagem mais intensamente utilizada para agricultura: “(...) é o ambiente onde os agricultores realizam plantios de culturas anuais e perenes. Representa as posições mais baixas da paisagem, incluindo o leito maior do curso d’água, podendo ser inundada durante parte do ano.”

No tabuleiro, normalmente encontra-se a casa, o quintal e diversas culturas agrícolas. Também pode ser local para criação de gado. Na pirambeira, ambiente encontrado nas bordas da chapada, são feitas extração de madeira, de lenha, plantas medicinais, e outras plantas. Enquanto que o carrasco:

os agricultores argumentaram que ele sempre ocorre próximo às nascentes (...), sendo por isso explorado com mais cuidado, para não comprometer as cabeceiras dos córregos. Caminhamentos realizados nessas áreas durante o mapeamento pedológico confirmaram essa observação. (CORREIA *et al.*, 2007, p. 1056)

Pelo anterior, pode-se inferir que há práticas de manejo de cabeceiras ou da bacia hidrográfica com vista à proteção de nascentes em ambientes de carrasco. Os geraizeiros fazem manejo de múltiplas espécies agrícolas, e plantam em consórcios.

A cana-de-açúcar também é plantada junto ao feijão, em área mais úmida, ou junto à mandioca, no tabuleiro, nas imediações da casa. Isso porque, segundo Seu Custódio do Carmo “o tabuleiro tem condição de produzir mandioca, cana e inté milho. É uma terra que começa a ser mais mansa até de cultura (...) tem uma goma, parece que ela firma mais. (NOGUEIRA, 2009, p. 74)

Na agricultura geraizeira podem ser encontradas variedades de espécies agrícolas adaptadas a condições ambientais locais. No Assentamento Americana, no município de Grão Mogol, por exemplo, são cerca de 20 variedades de mandioca, onde a maioria das famílias são autosuficientes em mandioca e farinha (CARVALHO, 2013). No seu manejo, em geral, uma família produz a farinha com a mandioca plantada por diferentes agricultores, no sistema conhecido como “meia”. Isso também ocorre para produção de rapadura, onde podem ser encontradas 12 variedades de cana. Segundo Carvalho (2013), os geraizeiros teriam uma variedade própria de abacaxi: “Alguns já chamam uma variedade de abacaxi de “Boa Vista”, considerando ser já bem adaptada às condições desta localidade, podendo ser considerada uma das primeiras variedades de cultivo desenvolvida no próprio Assentamento” (CARVALHO, 2013).

Nesse mesmo Assentamento segundo Carvalho (2013), os geraizeiros relataram observações de experiências com sistema agroflorestal, apontando também consórcios com espécies nativas do Cerrado:

Tem milho, feijão, abacaxi, banana, manga, laranja, urucum, acerola, siriguela, limão, maracujá (nativo e cultivado), xixá, pequi. O forte daqui é isso. E tem os nativos no meio: sucupira, pau-terra, unha-d’anta, jatobá. No mato eu observo: pequi com panã, jatobá com pau-terra, sucupira com panã. De acordo com a natureza, tem plantas que ajudam umas a outras: pau-ferro com siriguela e limão, três na mesma cova; xixá com pau-ferro e imburana; manga com caju e imburana; pequi com manga; isso aí eu to testando, de acordo com o desenvolvimento, um desenvolve mais que o outro. Daí eu faço a poda educativa: tira um lado de uma planta, um lado de outra. Até o momento, eu to vendo que dá certo. (Assentado membro do GAC) (CARVALHO, 2013, p. 174)

Além das formas tradicionais de uso da terra e das práticas de agrofloresta, no Assentamento Americana vem sendo experimentado o sistema silvipastoril que combina criação de gado e manutenção de plantas úteis. De acordo com trabalhos de Lima *et al.* (2017), fazendo uma comparação de áreas antes e após implantação do sistema para verificar mudanças nas densidades de árvores, o pequi (*Caryocar brasiliense*) e a sucupira-branca (*Bowdichia virgilioides*) foram as espécies mais selecionadas pelos geraizeiros, e portanto com maiores densidade, após implantação do sistema silvipastoril. Eles percebem aumento na produção do gado com esse sistema, e ainda se beneficiam de maior concentração das plantas úteis, principalmente para madeira e fins medicinais, as quais são poupadas na capina seletiva (LIMA; SCARIOT; GIROLDO, 2017). Essa prática evidencia a proteção de algumas espécies que são medicinais, oferecem madeira, alimento e alternativas de renda (como o caso do fruto

do pequi, valorizado em mercados locais e regionais).

Essa proteção de algumas espécies é prática tradicional nas comunidades geraizeiras e envolve conhecimentos e técnicas: “Não só restrições quanto à derrubada de algumas espécies, como existiam também diferentes formas de corte, a depender do uso a ser dado para a planta em questão e de forma a garantir sua brotação posterior.” (NOGUEIRA, 2009).

De acordo com Carvalho (2007) os geraizeiros têm comercializado as seguintes espécies de Cerrado: cagaita (*Eugenia dysenterica*), coquinho azedo ou coco-butiá (*Butia capitata*), mangaba (*Hancornia speciosa*), maracujá nativo (*Passiflora cincinnata*) e panã ou araticum (*Annona crassiflora*). Eles utilizam na alimentação também gabioba, cajuzinho, coco catulé (*Attalea* sp.), macambira (Bromeliaceae), fruta-de-leite (*Pouteria* sp.), pitomba (*Talisia esculenta*) e o araçá (*Psidium araca*), sendo alguns destes também testados em comercialização (CARVALHO, 2007). Os frutos nativos do Cerrado de grande importância na alimentação e comercialização para geração de renda são pequi (*C. brasiliense*) e umbu (*Spondias tuberosa*). Outra espécie de destaque é o rufão (*Tontelea micranta*), para fins medicinais, muito apreciado na região, e com potencial agroextrativista: “O rufão (*Tontelea micranta*) é a espécie extrativista que mais tem gerado renda no Assentamento Americana, por meio da venda de seu óleo: cerca de R\$ 10 mil, entre 2002 e 2010, para oito das 30 famílias entrevistadas.” (CARVALHO, 2013).

Essas espécies são muito procuradas em mercados locais, principalmente em feiras. Elas são também comercializadas pela Cooperativa Grande Sertão Veredas³ que compra dos geraizeiros os frutos e comercializa principalmente na forma de polpa para sucos. Segundo Carvalho (2007), existe muito potencial no uso de frutos do Cerrado para comercialização – dado principalmente pela cultura regional de valorização e consumo de tais frutos -, mas também há dificuldades que precisam ser consideradas nos planos de manejo extrativista e na comercialização para geração de renda, que dizem respeito principalmente a variação sazonal na produção, frutas perecíveis, dificuldades de logísticas e transporte, queimadas e, talvez o mais importante, o acesso às terras, ao local de coleta (Carvalho 2007). Contudo, de acordo com Dayrell (1998) o extrativismo representava até 46% da renda bruta gerada no agroecossistema geraizeiro. E segundo Carvalho (2007), a comercialização de polpas de

³ A Cooperativa de Agricultores Familiares Agroextrativistas Grande Sertão Ltda. atua em cerca de 148 comunidades no norte de Minas Gerais, ela “se apresenta como uma organização de apoio à luta de camponeses dessa região por um reposicionamento quanto à relação com os mercados.” (GONÇALVES; ROSA, 2005)

frutas nativas do Cerrado podia gerar R\$ 1.700,00 por extrativista, por safra.

A atividade extrativista para fins comerciais da mangaba foi estudada por Lima *et al.* (2013) na comunidade Água Boa 2, concluindo que os geraizeiros praticam extrativismo sustentável. Nessa comunidade são executadas boas práticas de manejo na coleta de frutíferas, evitando-se, por exemplo, quebrar os galhos e usar fogo na área de extração. Taxas de coleta para manter viável a população de mangabas são mantidas abaixo do limite máximo. Além da mangaba, o pequi (*C. brasiliense*), a frutífera mais importante, o veludo (*Tachigali vulgaris*) e a jataipeba (*Pterodon emarginatus*), espécies madeireiras utilizadas para lenha e construções, também são importantes para a comunidade, devendo ser prioritárias para conservação e manejo (LIMA *et al.*, 2012). Nessa mesma comunidade os geraizeiros praticam ainda o artesanato com folhas de licuri (*Syagrus coronata*) para produção de chapéus e a extração de argila para artesanato em barro (LIMA *et al.*, 2012).

O uso da biodiversidade pelas comunidades tradicionais e locais possui importância na geração de renda, na segurança alimentar e na conservação da biodiversidade, e também na manutenção da reprodução cultural. Além de melhorar as condições de vida, o extrativismo motiva a conservação de áreas e espécies vegetais do Cerrado (CARRARA, 2007; CARVALHO, 2007). Em Grão Mogol, e.g., uma área de coleta de frutos foi defendida pelos geraizeiros impedindo o desmatamento e plantio de eucalipto (CARVALHO, 2007). Além da defesa de áreas de Cerrado, são notadas iniciativas de plantio de mudas de espécies de pequi (*C. brasiliense*), panã (*Annona crassiflora*), rufão (*Tontelea micranta*), e coquinho-azedo (*Butia capitata*) produzidas em viveiros caseiros e plantadas pelos geraizeiros: “O coquinho-azedo foi, até 2010, a espécie nativa mais plantada pelas famílias do GAC – cerca de 410 mudas, e com a melhor taxa de sobrevivência (mais de 70%).” (CARVALHO, 2013).

Cerca de 120 mudas de panã foram plantadas por membros do GAC, com uma taxa de sobrevivência de quase 60%. Alguns assentados chegaram a conclusão que, para multiplicar o panã, o melhor é plantar a semente diretamente no solo – “*enquanto come, é só ir jogando as sementes ao redor da casa que vai nascendo*”, afirmou um deles.” (CARVALHO, 2013, p. 185)

As transformações nas práticas e conhecimentos dessas comunidades são bem documentadas. Por exemplo, as práticas tradicionais de roça de toco, ou pousio, ficaram inviáveis com a perda de territórios pelo avanço do agronegócio. Assim, o uso do fogo e o menor tempo de pousio levavam a degradação rápida do solo. Mediados por trabalhos de ONGs, associações, sindicatos, o conhecimento híbrido mostra hoje as alternativas e propostas de reconversão agroextrativista de áreas do cerrado (CARRARA, 2007).

Conhecimentos agroecológicos e manejo agroflorestal foram, e vêm sendo, utilizados por essas comunidades visando aprimorar as práticas agroextrativistas, que atentam à conservação e valorização econômica da (agro)biodiversidade (CARVALHO, 2007, 2013).

Outra prática tradicional é a pecuária extensiva, ou a pecuária geraizeira. O gado criado solto nos gerais é uma importante fonte de renda para a maioria das famílias sertanejas. O gado tem papel central no sistema produtivo, com múltiplas funções, seja para produção de leite, carne, venda, investimento e tração animal (MAZZETTO-SILVA, 1999). No manejo da pastagem, a escolha das espécies forrageiras é feita de acordo com a paisagem a ser manejada (se área de brejo, encosta, ou chapada, as espécies são diferentes, dependentemente das condições ambientais inerentes a cada unidade de paisagem). Há também uso de capim nativo (bengo e vermelho) pelo manejo de pastagens naturais (MAZZETTO-SILVA, 1999). Na formação e manejo dessas áreas pode-se observar pastagens com grande densidade de árvores, segundo Mazzeto-Silva (1999), onde 25 espécies de árvores e arbustos, principalmente da chapada, são poupadas na roçadas. A pecuária geraizeiras deve, portanto, ser analisada com cuidado, pois por exemplo, existem raças de gado, conhecidas como “pé duro”, que estão bem adaptadas aos campos nativos do Cerrado, e práticas que buscam conciliar a manutenção de espécies nativas (arbóreas, arbustivas, herbáceas). Conforme Carvalho (2014), “(...) O debate deve ser em torno de aspectos de manejo: densidade de cabeças por hectare, rotatividade das pastagens, proteção de espécies afetadas e controle de espécies invasoras.”

A integração dos sistemas de conhecimento tradicional e científico, quando aplicada aos anseios das comunidades tem potencial de gerar processos de conservação da biodiversidade e fortalecimento de identidades culturais, como foi o caso da criação do Assentamento Agroextrativista Americana. O Assentamento, criado em 2001, é modelo de assentamento agroextrativista, onde é possível conciliar conservação e uso sustentável. A complementaridade entre o conhecimento local e o científico foi crucial para o planejamento do Assentamento. A partir da parceria entre técnicos e geraizeiros foram feitos o mapeamento participativo e o ordenamento do uso da terra (FERNANDES *et al.*, 2008). De acordo com Fernandes *et al.* (2008), em trabalho de campo os geraizeiros foram capazes de definirem os limites e as potencialidades de cada ambiente, como se uma linha imaginária demarcasse a mudança de um para outro. Essa definição levava em conta, entre outros fatores, as plantas nativas indicadoras de ambientes.

Do ponto de vista da gestão, o Assentamento Americana possui um Plano de Desenvolvimento, elaborado em parceria por instituições governamentais e geraizeiros. Este

documento regula o uso de toda área do Assentamento, desde lotes familiares à Reserva Legal (CARVALHO, 2012). Dessa forma, uma área modelo de assentamento agroextrativista com plano de desenvolvimento faz do Assentamento da Reforma Agrária uma área relevante para conservação da biodiversidade. Esses assentamentos são onde se pratica o manejo agroecológico da paisagem, e também se destina uma parte para uso comum e Reserva Legal (NOGUEIRA, 2009), e ao mesmo tempo, garantem a reprodução sociocultural dos geraizeiros.

Rumo à integração e valorização do conhecimento ecológico tradicional ou local, a pesquisa participativa que resultou na Farmacopéia Popular do Cerrado (DIAS; LAUREANO, 2010) também aponta um caminho para engajar comunidades locais na conservação e uso sustentável do Cerrado. Nessa pesquisa, os comunitários foram capacitados para decidirem sobre o objeto da pesquisa com resultados aplicados no cotidiano. O rufão (*Tontelea micranta*), barbatimão (*Stryphnodendron* sp.) e pacari (*Lafoensia pacari*) foram plantas medicinais escolhidas em Minas Gerais, entre 582 citadas, para comporem o livro Farmacopéia do Cerrado de autoria de raizeiros e representantes das comunidades geraizeiras (e também outras rurais). Foram elaboradas monografias populares, abordando desde aspectos da identificação às ameaças, que de acordo com os pesquisadores populares e participantes da pesquisa, são principalmente as queimadas, o desmatamento e o plantio de monoculturas de eucalipto (DIAS; LAUREANO, 2010).

Com apoio da assessoria técnica, os pesquisadores populares e participantes elaboraram reflexões e aprofundaram na importância política do trabalho, no reconhecimento do valor e da autonomia dos seus conhecimentos. Sobre o conhecimento tradicional, os participantes da pesquisa dizem que o “conhecimento não tem dono, tem herdeiro” (DIAS; LAUREANO, 2010). Esta pesquisa demonstra o potencial de articular os conhecimentos técnicos/científicos e os tradicionais, bem como suas complementaridades em prol da valorização sociocultural e da biodiversidade.

3.1.2 Comunidades Remanescentes de Quilombo

Do total de 108 comunidades remanescentes de quilombo (CRQ) residentes na RBSE (ANDRADE *et al.*, 2018), foram encontrados seis estudos sobre dez comunidades (Fig. 6). Dessas comunidades, seis localizam-se no município de Minas Novas, na região do Alto Vale Jequitinhonha (comunidades de Pinheiro, Macuco, Santiago, São Pedro do Alagadiço, Quilombo e Mata Dois). Esse município aparece fora dos limites da Reserva, mas no documento da proposição da Fase 2 consta que o município faz parte da RBSE. Duas

comunidades estão no norte de Minas Gerais (comunidade quilombola Malhada Grande, no município de Catuti, e comunidade de Campos, no município de Serranópolis de Minas) e duas na região central do estado de Minas Gerais, ou no espinhaço meridional (Candeias, no município de Conceição do Mato Dentro, e Açude, em Santana do Riacho). Há, portanto, uma concentração de estudos no Alto Vale Jequitinhonha, no município de Minas Novas, e lacunas em pesquisas etnocientíficas nas demais regiões da Reserva sobre estas comunidades tradicionais, por exemplo para a região do Espinhaço Meridional, no Quadrilátero Ferrífero.

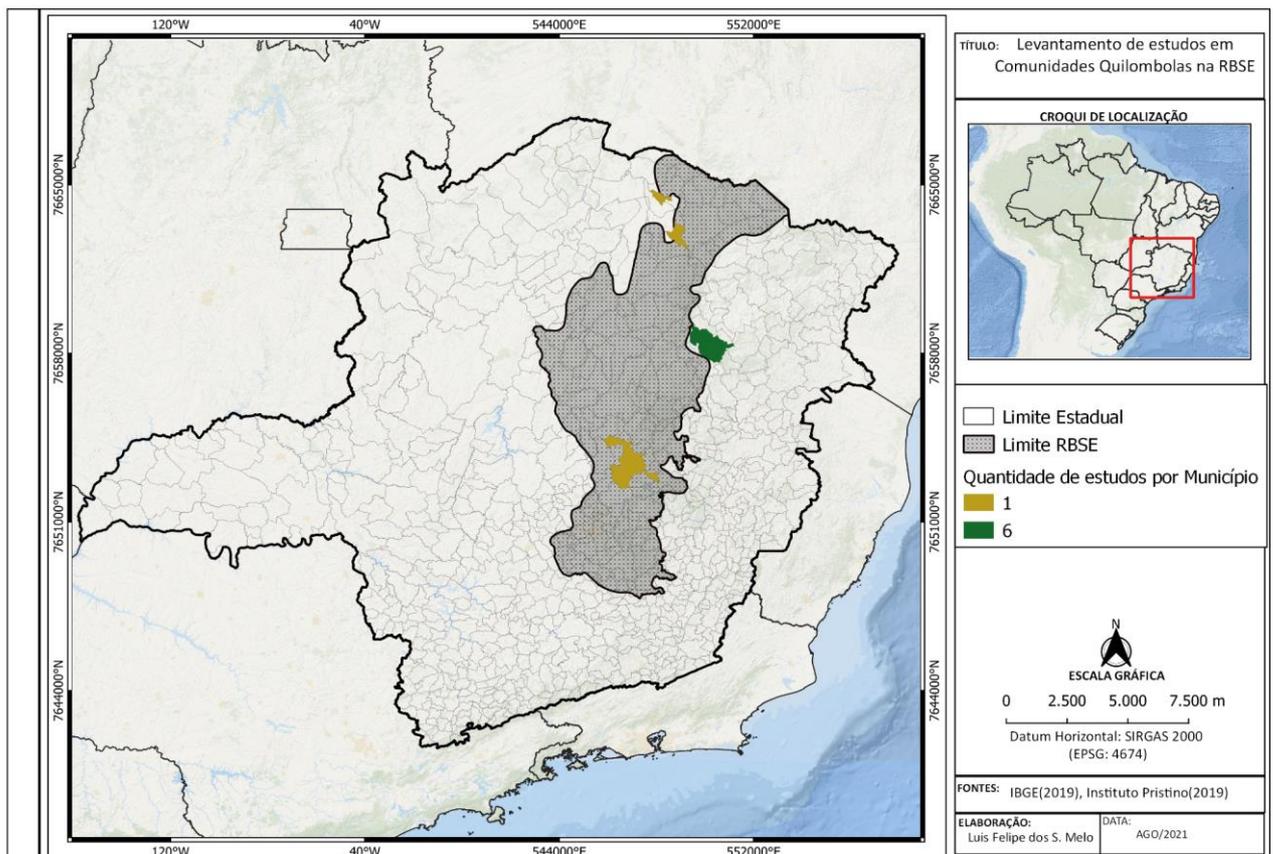


Figura 6 - Levantamento de estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade por comunidades quilombolas na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).

Para essas comunidades, a certificação pelo Estado como comunidades tradicionais, especialmente nos quilombos do Alto Jequitinhonha, atua em sinergia à organização social e política das comunidades (DINIZ; TUBALDINI, 2011). Trabalhos desenvolvidos pelos quilombolas, muitas vezes em parcerias com instituições governamentais e ONGs, potencializam a reafirmação de identidade enquanto comunidade tradicional, o resgate e ressignificação de práticas culturais, como danças e festejos (DINIZ; TUBALDINI, 2011). Aliados a estes processos, percebe-se a valorização e iniciativas de uso sustentável da biodiversidade do Cerrado. Nos quilombos do Alagadiço, e.g., iniciou-se um processo de uso

sustentável da biodiversidade e geração de renda pela produção de jóias a partir de recursos vegetais locais, e a produção de mudas de frutíferas nativas. Além disso, o reconhecimento gerou mais proteção ao território quanto à invasão por grileiros e latifundiários (DINIZ; TUBALDINI, 2015).

Os conhecimentos e relações com os ecossistemas são baseados em estratégias de uso múltiplo do mosaico de ambientes (DINIZ; TUBALDINI, 2011; MATUK *et al.*, 2017). São comunidades que também praticam agricultura, criação de gado solto nas chapadas e têm no extrativismo a complementação de renda e a segurança alimentar, principalmente nos tempos de estiagem.

Nas comunidades localizadas no município de Minas Novas, apesar das dificuldades da seca prolongada e perda de territórios tradicionais para monocultura de eucalipto, por exemplo, os estudos apontam o potencial do manejo dos quintais para conservação da biodiversidade, da cultura local, para garantia da segurança alimentar e alternativas de renda (DINIZ, 2019; DINIZ; TUBALDINI, 2011). Os produtos dos quintais, além de terem importância doméstica, são comercializados em feiras e mercados institucionais, e tornam-se importantes também para economia e organização social dessas comunidades (DINIZ, 2019). Os quintais não são somente locais produtivos, mas também espaços que compreendem relações sociais de reciprocidade e solidariedade (DINIZ, 2019). Neles são utilizados manejos agroflorestais para recuperação de áreas degradadas, ou “peladores” como são conhecidas localmente essas áreas (DINIZ; TUBALDINI, 2011). No Alto Jequitinhonha, os quilombolas se organizaram em torno do Grupo do Nico para resolverem problemas socioambientais e buscar soluções agroecológicas, principalmente com base em sistemas agroflorestais para recuperação de áreas. Algumas dessas áreas foram recuperadas e os(as) agricultores(as) e quilombolas percebem a efetividade do manejo agroflorestal tanto na recuperação quanto na produção de frutíferas, leguminosas e plantas nativas (DINIZ; TUBALDINI, 2011). Entre essas espécies, destacam-se:

Tamboril, conhecido também como Orelha de Macaco, (*Enterolobium contortisiliquum*) – utilizado na produção de artesanatos e de bateias para o garimpo do ouro; Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.) – utilizada para fazer cercas e na construção civil; Pau-Pereira (*Platygyamus regnelli* Benth) – empregada na confecção de ferramentas de trabalho na roça; Embaúba (*Cecropia* sp.) – utilizada como medicamento natural para combate de doenças cardíacas; Gonçalo (*Astronium fraxinifolium*) – sua lenha é utilizada como combustível para o preparo de alimentos; (...). (DINIZ; TUBALDINI, 2011, p. 138)

No entanto, as estiagens prolongadas e a migração sazonal são dificuldades para

iniciativas de uso sustentável e conservação a longo prazo nas comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas. Homens, mulheres e jovens têm migrado para trabalhar na colheita de café e no corte de cana no estado de São Paulo e sul de Minas Gerais. As mulheres que ficam nos quilombos têm jornadas de trabalho intensas. Elas são, na maioria, responsáveis por manterem costumes e práticas, que envolvem manejo de espécies nativas, por exemplo, no preparo de comidas típicas, na organização e resgate de festejos e danças (TUBALDINI; DINIZ, 2011). No que tange às iniciativas agroecológicas, segundo Diniz e Tubaldini (2011), outra dificuldade refere-se à racionalidade “pragmática e produtivista” que também desencoraja a adoção da agricultura de base ecológica, pois os SAF, por exemplo, podem dar retornos em prazos mais longos quando comparados com sistemas convencionais.

Contudo, nos quilombos do Alagadiço, no município de Minas Novas, segundo Diniz (2019) podem ser encontradas nos quintais 462 espécies de plantas, entre nativas e exóticas cultivadas. A maioria delas (43,4%) são utilizadas para fins alimentares - incluindo o pequi (*C. brasiliensis*), “articum” (*Annona crassiflora*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), catulé, e jatobá (*Hymenaea* sp.) – e para fins medicinais (43%), sendo as principais açoita-cavalo (*Luehea* sp.), arnica (*Arnica* sp.), arruda (*Ruta* sp.), cravo-chá (*Dianthus caryophyllus*), embaúba (*Cecropia* sp.), quebra-pedras (*Phyllanthus* sp.), quina-de-três-folhas (*Galipea multiflora*) e ruibarbo (*Rheum* sp.) (DINIZ, 2019). Nas comunidades Pinheiros e Macuco, por sua vez, além das espécies nativas citadas anteriormente, também são encontrados nos quintais a galuína (*Palicourea rigida*), o barbatimão (*Stryphnodendron* sp.), a gabirola (*Campomanesia adamantium*) e o angico (*Anadenanthera* sp.).

Nos quintais, além de plantas para alimentação e fins medicinais, também são encontradas plantas ornamentais e para artesanato, como as utilizadas na construção de ferramentas, carros de boi, instrumentos musicais e sabão. Diniz (2019) destaca ainda práticas de conservação de espécies e atendimento a tais usos e necessidades dos quilombolas:

Em razão dos desmatamentos e queimadas que reduziram sobremaneira a quantidade de determinadas espécies de madeira nobre para o uso artesanal, como o mulungu (*Erythrina mulungu*), o pau d’óleo (*Copaifera* sp.) e o vinhático (*Plathymenia* sp.), em muitos quintais os agricultores estão produzindo suas próprias mudas a partir de sementes colhidas nos remanescentes florestais do entorno das comunidades. De acordo com os entrevistados, estes cultivos visam tanto a conservação das espécies quanto o atendimento às necessidades dos trabalhos que realizam em seus estabelecimentos. Dentre as espécies mais utilizadas para estes fins, destacam-se: pereira (*Geissospermum laeve*), fedegoso (*Senna* sp.), catulé (*Attalea* sp.), macaúba (*Acrocomia intumescens*) e saboneteira (*Sapindus saponária*). (DINIZ, 2019, p. 20)

O conhecimento dessas comunidades versa também sobre insetos e outros animais, mamíferos, répteis e aves. Sob representações simbólicas-culturais e aspectos místicos, o conhecimento etnozoológico tem usos no tratamento e prevenção de doenças, alimentares, em rituais e simpatias, além de práticas de proteção (DINIZ, 2019). Sobre os insetos, destaca-se amplo conhecimento sobre treze etnoespécies de abelhas e usos do mel para fins medicinais, e da cera para compor a flauta usada em festejos locais (DINIZ, 2019).

Foram identificadas 17 espécies utilizadas com este propósito, a saber: paquinha-de-telhado (*nome científico não identificado*), formiga-onça (*Traumatomutilla manca*), formiga-cabeçuda (*Atta spp.*), marimbondo-manso (*nome científico não identificado*) e as abelhas arapuá/irapuã (*Trigona spinipes*), borá (*Tetragona clavipes*), europa (*Apis mellifera*), jataí-preguiçosa (*Tetragonisca sp.*), jataí-verdadeira (*Tetragonisca sp.*), mandaçaia (*Melipona mandaçaia*), mombuca (*Geotrigona Mombuca*), mombuquinha (*Nannotrigona testaceicornis*), papa-terra (*Melipona asilvai*), timirim-porta-branca (*Scaptotrigona sp.*), timirim-porta-preta (*Scaptotrigona sp.*), urucu-do-chão (*Melipona sp.*) e urucu-do-pau (*Melipona sp.*) (DINIZ, 2019, p. 23).

Conforme Diniz (2019), o conhecimento ecológico tradicional sobre as espécies de plantas e animais possui valor de uso mas também valor simbólico dentro do sistema de crenças e visão de mundo quilombola que conforma a particularidade do seu modo de vida e a relação com os ambientes manejados.

Por meio destes etnosaberes, o uso e manejo da biodiversidade e dos elementos naturais pelas famílias quilombolas são caracterizados pelo respeito aos ciclos sazonais e à sua capacidade de recuperação natural, pelo emprego de técnicas de baixo impacto e pela instituição de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e reprodução de suas coletividades. Ademais, os recursos naturais e a biodiversidade possuem um valor de uso e um valor simbólico importante, pois não são concebidos como “mercadorias” e a partir de uma lógica utilitarista, mas visam, prioritariamente, a satisfação das necessidades sociais e locais. (DINIZ, 2019, p. 25)

No norte de Minas, os quilombolas de Malhada Grande apresentam conhecimento detalhado sobre as paisagens, os tipos de solos e sua relação com a vegetação, e aptidão agrícola (MATUK *et al.*, 2017), diferenciando os tipos de solo com base na cor, textura, tipos de cobertura vegetal, posição topográfica, permeabilidade. O conhecimento local das unidades de paisagem permite um uso dinâmico do solo empregando rotação de culturas e pousio. Segundo Matuk *et al.* (2017), a dinâmica de uso do solo é sazonal. Nas temporadas, secas as “baixas” (ou vazantes) são utilizadas para plantio de culturas agrícolas, enquanto nas temporadas chuvosas a “alta” é mais utilizada.

Os sistemas de conhecimento local e científico revelam uma aparente discordância quanto aos tipos de solo e recomendações técnicas de uso e manejo (MATUK *et al.*, 2017). Mas, como argumentam Matuk *et al.* (2017) essa discordância é devida ao fato de que os quilombolas de Malhada Grande usam as terras que têm à disposição, às vezes não muito bem adequadas segundo recomendações técnicas. Ou pode ser ainda pela utilização de manejos agroecológicos que permitem o cultivo de diversas espécies mesmo em áreas de terreno inclinado e pouca disponibilidade hídrica (MATUK *et al.*, 2017), como também ocorre em comunidades geraizeiras (CORREIA *et al.*, 2007). Dessa forma, há necessidade de aprimorar os sistemas de avaliação do uso da terra que sejam contextualizados com as comunidades tradicionais e locais, que fazem uso múltiplo do solo, com diversidade de culturas, baseados em diversidade de estratégias para garantia da segurança alimentar (CORREIA *et al.*, 2007) .

Monitorando os recursos naturais da região, os quilombolas relataram mudanças ocorridas nos últimos 30 anos (MATUK *et al.*, 2017). Mudanças climáticas, percebidas pelos quilombolas pelas secas prolongadas, e projetos de desenvolvimento baseados em pacotes tecnológicos, foram as principais causas que levaram a comunidade a uma condição de insegurança alimentar e degradação ambiental. Diante disso, instituições locais como a associação quilombola e regionais, como o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA), atuam na comunidade para fortalecer o saberes tradicionais e o conhecimento agroecológico, em busca de um desenvolvimento rural sustentável após impactos socioambientais advindos da modernização do campo: “No geral, a comunidade tem tentado fortalecer a segurança alimentar e a gestão sustentável do uso da terra na direção do revigoramento da resiliência ambiental.” (MATUK *et al.*, 2017).

Na comunidade quilombola do Açude, o conhecimento tradicional sobre processos ecológicos é tão ou mais detalhado do que o conhecimento científico (ALMADA, 2012). De acordo com o autor estes saberes incluem conhecimentos sobre floração, visitantes florais e frugivoria envolvendo, por exemplo, as espécies de plantas como o pequi, cagaita, araticum, gabioba, e mangaba, e muitas espécies de aves, insetos e mamíferos (ALMADA, 2012). Algumas crenças e tabus também podem indiretamente satisfazer objetivos de conservação de espécies como observado no Açude:

havia também uma crença de que queimar ou derrubar "pau de casca grossa" trazia azar para quem o fizesse, o que tornava essas áreas, culturalmente imunes ao corte. Uma das espécies indicadas como exemplo relacionado a essa crença é a sete-casacas (*Campomanesia* sp.), cuja queima é percebida como forte atrativo para maus acontecimentos. Não foi possível verificar a extensão e efetividade deste tabu no comportamento da comunidade, mas é possível que de fato tenha contribuído para a

manutenção das áreas de cerrado da região. (ALMADA, 2012, p. 63)

O conhecimento local pode trazer ainda informações e entendimento úteis para manejo do fogo em áreas do Cerrado, podendo ajudar por exemplo na identificação de espécies indicadoras de estágios sucessionais:

Quanto a espécies indicadoras de sucessão, os moradores do Açude reconhecem a aroeira (*Miracrodum urundeuva*) como indicadora de áreas perturbadas ou anteriormente cultivadas. Em relação ao Cerrado *stricto-sensu*, o cajuzinho-do-campo (*Anacardium humile*) é, segundo a comunidade, uma das primeiras espécies a se estabelecer após a ocorrência de queimadas. (ALMADA, 2012, p. 121-122)

3.1.3 Apanhadores (as) de flores sempre-vivas

A “panha” de flores sempre-vivas é uma atividade praticada principalmente por comunidades localizadas na porção central da RBSE, no espinhaço meridional. Em Buenópolis encontra-se a comunidade Pé de Serra (MONTEIRO 2019); e a comunidade Mata dos Crioulos encontra-se na divisa entre os municípios de Diamantina, Serro, Couto Magalhães de Minas, São Gonçalo do Rio Preto, Felício dos Santos, Rio Vermelho, Serra Azul de Minas e Santo Antônio do Itambé (MONTEIRO 2019). E também há comunidades em Olhos d’água e Bocaiúva que praticam a “panha” de sempre-vivas (MONTEIRO 2011).

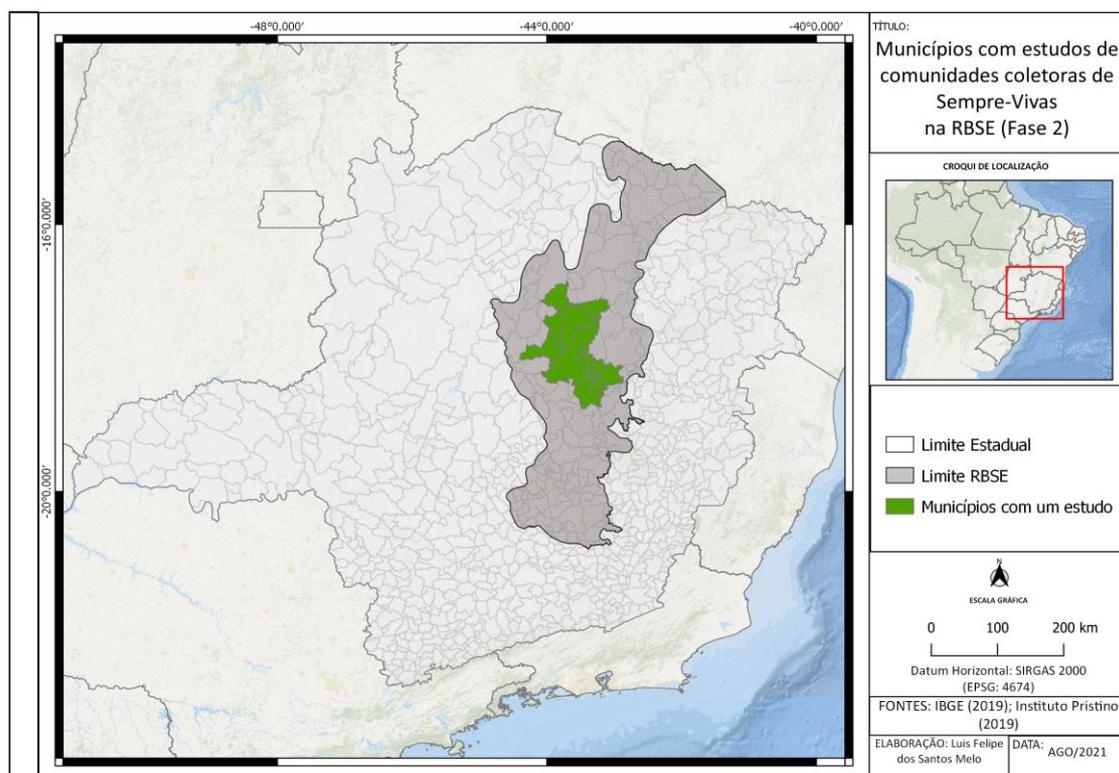


Figura 7 – Localização geográfica de áreas de estudo sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades apanhadoras de flores sempre-vivas nos municípios da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

Essas comunidades possuem um rico conhecimento sobre a biodiversidade e manejam os ambientes da serra há séculos, desde as partes mais baixas até os “campos” no alto da serra, entre 600 a 1400 metros de altitude (MONTEIRO *et al.* 2019). Portanto, nesse gradiente altitudinal as comunidades manejam e conhecem diversas fitofisionomias do Cerrado e da Mata Atlântica.

Soma-se ainda que existe também a dimensão temporal que conforma as práticas. Ou seja, nos períodos de seca e de chuva diferentes estratégias, práticas agroalimentares e coleta de recursos vegetais são adotadas. A grosso modo, os apanhadores (as) durante a estação seca (de abril a outubro) praticam a panha de flores sempre-vivas e a criação do gado curraleiro nas partes altas da serra. Associadas a essas práticas, são construídas moradias nas lapas, e ao redor delas podem ser encontradas espécies frutíferas plantadas pelos ancestrais, como afirmam Monteiro *et al.* (2019). E no período chuvoso, se dedicam mais à agricultura e à pecuária.

Segundo Monteiro *et al.* (2019): “São utilizadas pelo menos 35 espécies de frutos nativos comestíveis, 16 espécies madeireiras para construções familiares e 83 espécies de plantas medicinais – identificadas até o momento.” Além disso, existe uma variedade de espécies cultivadas que garantem a segurança alimentar e nutricional dessas comunidades.

Das espécies cultivadas nos quintais e nas roças:

(...) têm-se catalogadas, até o momento, 94 espécies destinadas à alimentação, sendo 17 delas medicinais e condimentares. Ocorre ainda o uso de 15 espécies alimentares nativas, das quais duas são endêmicas e uma com indicadores de domesticação, segundo pesquisas em andamento. (MONTEIRO *et al.* 2019, p. 116).

Nota-se portanto que os apanhadores (as) possuem rico repertório e conhecimento ecológico tradicional no manejo de uma variedade de espécies, incluindo as nativas e endêmicas da serra. Segundo Monteiro *et al.* (2019), os apanhadores têm conhecimento e manejam diversos ambientes:

(...) conjugam agricultura-criação-coleta nas dimensões espaciais e temporais, traduzindo-se em policultivos, em meio a áreas de vegetação nativa; em quintais agroflorestais ao redor das moradias com alta densidade de espécies alimentares e criação de animais de pequeno porte com raças caipiras; em criação de animais rústicos de grande porte nos campos nativos localizados nas cotas elevadas; e em coleta/manejo de espécies da flora nativa em diferentes altitudes para alimentação, práticas tradicionais de medicina, festejos, construções domésticas e plantas ornamentais para comercialização. (MONTEIRO *et al.* 2019, p. 94)

Sobre o uso e manejo das sempre-vivas, é importante destacar que ela não se resume somente a coleta e venda. Existe uma preocupação com a propagação e continuidade das populações de interesse. Assim, segundo Monteiro, são deixados cerca de 30% sem coletar, são mantidas no campo, e ainda o retorno para o campo das sementes encontradas nas casas durante transporte e comercialização.

O uso do fogo, elemento central nas roças de toco e também no manejo das sempre-vivas segue um conjunto de regras e de controle social. Sobre o manejo do fogo controlado, de acordo com Monteiro *et al.* (2019):

Em geral, os(as) moradores(as) consideram o período entre setembro e novembro como a melhor época para tal uso, após a coleta das flores, após as primeiras chuvas e em horários de menor incidência solar (cedo ou à tardinha), para facilitar seu controle (evitando-se que o fogo avance sobre os capões e matas, onde se encontram as nascentes que se busca conservar). As áreas de mata e de nascentes de água são preservadas do fogo, sendo recorrente o uso de aceiros, bem como se considera o sentido dos ventos. Uma mesma área, dependendo de sua localidade, pode ser queimada em intervalos de 2 anos ou mais, a depender de suas características de solo, vegetação e umidade. (MONTEIRO *et al.*, 2019, p. 129)

De acordo com Monteiro *et al.* (2019), se não forem adotadas as melhores práticas de controle e uso do fogo, os moradores podem sofrer críticas. Essa consideração também vale para outras práticas, como para controlar a densidade do gado solto nas partes mais altas durante os meses de seca (MONTEIRO *et al.* 2019). Existe, portanto, um conjunto de regras costumeiras que regulam o acesso das terras de uso comum (localizadas nas partes altas) e também os usos da biodiversidade.

Estas comunidades extrativistas tradicionais tiveram seus conhecimentos e usos dos ambientes dessa serra reconhecidos internacionalmente como Patrimônio Agrícola Mundial (FAO, 2020). É um reconhecimento de que o manejo dos sistemas agrícolas dessas comunidades, dentre outras coisas, contribuem para a conservação da biodiversidade. Este fato proporciona mais visibilidade à sustentabilidade do sistema agrícola tradicional dessas comunidades.

3.1.4 Comunidades rurais e urbanas

Os estudos sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades rurais e urbanas abrangem 50 municípios (Fig. 7). Na maior parte deles foram desenvolvidos estudos etnobotânicos sobre uso de plantas medicinais (Grandi *et al.*, 1989; Cruz *et al.*, 2015). Existe uma concentração de estudos no Alto Jequitinhonha, na região central e no Quadrilátero ferrífero. Os municípios de Ouro Preto e Ouro Branco tiveram maior quantidade de estudos

em relação aos demais, devido principalmente aos estudos em etnozootologia, etnobotânica e etnoecologia.

Estudando 12 comunidades rurais nos municípios de Turmalina, Leme do Prado e Veredinha, Ribeiro *et al.* (2005) aprofundam o entendimento do conhecimento ecológico e da gestão de recursos comuns. Segundo os autores o domínio da terra, e seus recursos naturais, é dado pelo trabalho e ascendência, mas depende do conhecimento ecológico que vão adquirindo e é transmitido pela oralidade. Esse domínio sobre a terra, que não significa exclusividade de uso, necessita de conhecimentos e técnicas, e portanto o conhecimento ecológico joga papel central no uso e na gestão da biodiversidade (RIBEIRO *et al.*, 2005).

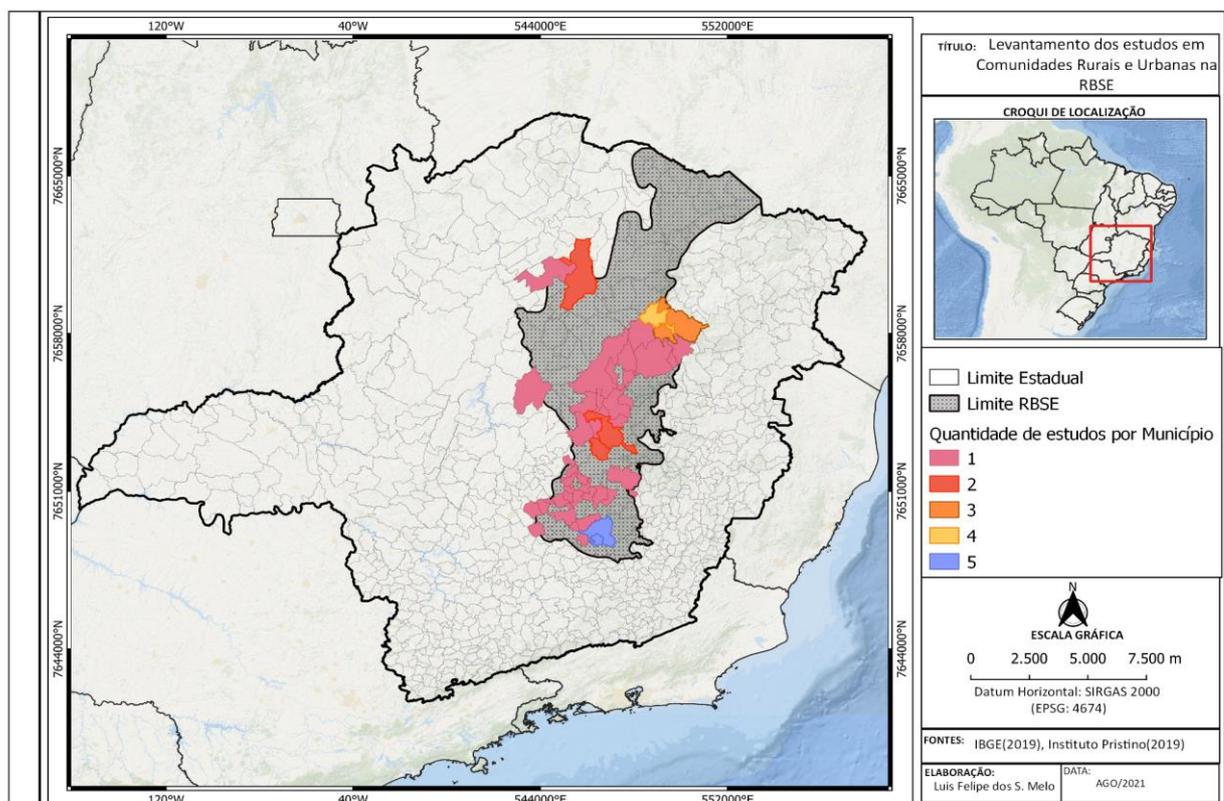


Figura 8 - Localização geográfica de áreas de estudo sobre etnoconhecimento da biodiversidade em comunidades rurais e urbanas da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE).

Como afirmam Ribeiro *et al.* (2005) “o conhecimento do meio é a base de toda a regulação: regulam porque conhecem”. Por exemplo, o conhecimento de plantas indicadoras de solo aptos ao plantio: a planta carne-de-vaca (*Pterogyne nitens*) indica terra boa para feijão, milho; enquanto a sucupira (*Bowdichia virgilioides*) em terras de transição indica áreas de plantio de culturas menos exigentes como abacaxi e mandioca (RIBEIRO *et al.*, 2005). Essa avaliação das plantas indicadoras, leva em consideração toda a vegetação e não apenas uma espécie:

o capão tem que ter árvores de cerne e pouca madeira branca; serve para plantar inhame, abóbora, taioba e mandioca, mas não para plantar milho e feijão. Mas escolher a terra para plantar implica também conhecer a grã – o tipo de textura – da terra, a cor, a quentura, o veio, a posição em relação ao sol. É a avaliação desses indicadores em conjunto que orienta a decisão de plantio. Há um ajuste das plantas às diferentes terras disponíveis, num método inverso à ciência dos solos, que ajusta a terra às plantas (...). (RIBEIRO *et al.*, 2005, p. 86-87)

Ribeiro *et al.* (2005) argumentam que um engenho de moer cana, na comunidade Gameleiras, município de Veredinha, ilustra bem como os saberes articularam e congregam conhecimentos ecológicos locais, recursos e técnicas. Cada peça do engenho exige um tipo de madeira com características apropriadas à função da peça. Por sua vez, cada madeira é encontrada em diferentes ambientes: aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), “madeira de terra de cultura”; araçá (*Psidium cattleianum*), “madeira de terra de chapada”; sucupira (*Bowdichia virgilioides*), “madeira da terra de catinga”, manga-beiju (*Tapirira* sp.), “madeira de terra de beira d’água”.

A ideia central das normas de regulação dos recursos ou bens são derivadas de sua origem (se trabalho humano ou dotação natural – que inclui recursos naturais e biodiversidade) e seus atributos (que cabem às dotações naturais) (RIBEIRO *et al.*, 2005). Isso determinará em certa medida a quem caberá regular e a amplitude do acesso (RIBEIRO *et al.*, 2005). Por exemplo, sobre os bens naturais que têm acesso mais livre, como mangaba, pequi, araticum, cagaita, jatobá, plantas medicinais, lenha etc., há regulação quanto à técnica de extração, o objetivo do consumo e quantidade extraída (RIBEIRO *et al.*, 2005).

Há nas práticas e usos da biodiversidade, de acordo com Ribeiro *et al.* (2005), uma lógica que extrapola a lógica privatista, de benefício econômico individual no conjunto de normas e regulações; conforme afirmam: “As prescrições serão rigorosas para garantir o consumo, e embora as quantidades para consumo individual se reduzam, isso ocorre para que outro princípio seja cumprido: que o recurso em questão seja suficiente para todos que têm direito a ele”.

O uso do pequi como bem comum também não é limitado pela lógica da propriedade privada em comunidades de Minas Novas (SILVA; TUBALDINI, 2014). Por ser considerado uma dádiva de Deus, um recurso do Cerrado, que não foi plantado, é permitida a coleta de pequi na propriedade de outra pessoa, com algumas restrições, como só coletar pequi caído, ou restrição de coleta para venda (SILVA; TUBALDINI, 2014). As próprias comunidades possuem mecanismos sociais de regulação e normatização dos recursos naturais, incluindo o domínio e usufruto das terras, que caracterizam uma gestão coletiva. Ribeiro *et al.* (2005)

trazem a compreensão destes mecanismos, os quais estão ancorados no conhecimento tradicional. O mesmo foi observado por Galizoni (2005), onde a gestão coletiva da água, e.g., “[...] está baseada num refinado sistema de conhecimento e classificação das águas disponíveis”. Apesar de haver uma gestão coletiva dos recursos, caracterizada por mecanismos sociais que regulam e normatizam o uso e o acesso, a gestão pelo Estado parece não dialogar efetivamente com as comunidades e fracassar (FREIRE, 2001; RIBEIRO *et al.*, 2005).

O uso de plantas medicinais é disseminado em Minas Gerais (GRANDI *et al.*, 1989), sendo prática comum nas áreas urbanas de municípios Alto Rio Jequitinhonha principalmente entre famílias de baixa renda (CRUZ *et al.*, 2015; GRANDI *et al.*, 1989) e na região de Diamantina (CAMPOS; AVELAR-FREITAS, 2018). Na região da Serra do Cipó, há conhecimento e uso de espécies de ecossistemas da Mata Seca. Cerca de 218 espécies de plantas e 65 famílias foram citadas por comunidades rurais da região, sendo os usos medicinais os mais importantes (ALMADA *et al.*, 2013). As plantas conhecidas e utilizadas são coletadas nos campos rupestres, mata seca, e outros ambientes de cerrado. As matas secas, conhecidas como lapas ou lapeiros, além de fornecerem espécies somente encontradas neste tipo de ambiente, são importantes culturalmente, pois nelas são realizadas peregrinações e algumas festas religiosas (ALMADA *et al.*, 2013). São locais, portanto, de importância para conservação ecológica e cultural.

Práticas de proteção de algumas espécies podem ser inferidas a partir da existência de tabus e aspectos místicos:

A pata-de-vaca (*Bauhinia* sp.) não pode ser queimada, pois segundo a tradição local dá azar a quem a queima. Outras espécies possuem propriedades mágicas como o cipó-são-joão (*Pyrostegia venusta*), o olho-de-boi (*Dioclea* sp.) e o assa-peixe (*Piptocarpa rotundifolia*). Também existem plantas que podem proteger contra fenômenos naturais, como a fásca (não identificada), que tem o poder de manter os raios longe dos nativos durante as tempestades. Outro exemplo interessante é em relação à candongueira (*Calliandra* sp.). Segundo a crença, uma criança que quebra um galho dessa espécie começa dizer coisas indevidas na frente dos adultos. Também é comum a crença de que quem usa barbatimão (*S. adstringens*) no banho tem o poder de devolver a virgindade à mulher.” (ALMADA *et al.*, 2013, p. 436 e 449, tradução do autor)

Sobre a relação que as comunidades locais estabelecem com os ecossistemas e os usos das plantas, Almada *et al.* (2013) destacam que ela pode ser diferente dependendo do grupo social: “(...) muitas espécies de frutas citadas pelos informantes na verdade têm seu consumo praticamente limitado às crianças, como a mangaba e a goiabinha-do-cerrado, e estão presentes apenas na memória dos adultos.” (Tradução do autor).

No quadrilátero ferrífero, segundo Messias *et al.* (2015) nas áreas urbanas de Ouro Preto e seus 12 distritos, o uso de plantas medicinais foi relatado por 90% dos entrevistados. A maioria das plantas medicinais utilizadas são cultivadas. No entanto, mesmo em áreas urbanas, a proximidade com áreas naturais influencia o uso e conhecimento de plantas dos campos rupestres, e formações florestais (MESSIAS *et al.*, 2015). Já na comunidade rural Inhames, município de Santana de Pirapama, a planta *Remijia ferruginea* foi citada por 75% dos entrevistados, segundo Rossi-Santos *et al.* (2018), revelando grande interesse e reconhecimento de suas propriedades medicinais, mesmo ocorrendo nos campos rupestres e em locais de difícil acesso, distante das habitações dos usuários.

Nessa comunidade predominou o uso de espécies nativas do Cerrado. Rossi-Santos *et al.* (2018) identificaram 140 plantas conhecidas e utilizadas, apenas 32 exóticas. As espécies de maior importância relativa neste estudo foram:

Remijia ferruginea (A. St.-Hil.) DC. (RI = 2), a espécie com maior número de indicações terapêuticas e também servindo ao maior número de sistemas corporais, destaca-se, seguida por *Palicourea rigida* Kunth (RI = 1,65), *Hymenaea stigonocarpa* Hayne (RI = 1,63) e *Pterodon emarginatus* Vogel (RI = 1,40). Apenas uma espécie exótica, *Chamaemelum nobile* (L.) All., figura entre as mais importantes (1,15) ocupando o oitavo lugar geral e apresentando a maior versatilidade”. (ROSSI-SANTOS *et al.*, 2018, p. 43, tradução do autor)

Contudo, na manutenção da tradição do uso de plantas e dos saberes populares, as espécies exóticas são importantes pois complementam usos e funções das espécies nativas, podendo diminuir a pressão de coleta sobre elas (GUIMARÃES, 2016). Muito embora, o emprego de espécies exóticas seja referida como aculturação, alguns estudos evidenciam que as espécies exóticas diversificam a farmacopeia popular, complementando propriedades terapêuticas não contempladas pelo elenco das espécies nativas (ROSSI-SANTOS *et al.* 2018). Como afirmam, “As espécies exóticas não parecem constituir uma ameaça ao conhecimento tradicional ou uso de espécies nativas por especialistas da comunidade estudada.” Esses resultados corroboram com a hipótese de diversificação, pois as espécies exóticas sobrepõem usos, mas também são relacionadas a tratamentos específicos que as nativas não contemplam.

A distância de coleta desses recursos, assim como as características de interesse (ou valor) das plantas são também fatores que influenciam o uso das plantas. Também, segundo Almada (2012), a aparência ecológica entre as espécies não explica sozinha os padrões de uso e conhecimento, mas a percepção dos processos ecológicos e das espécies que são possibilitadas pelas experiências socioculturais, pelo arranjo do sistema sociocultural. Os

saberes ecológicos tradicionais no quilombo do Açude, por exemplo, foram se moldando e também moldaram os agentes/atores das comunidades. Esses saberes estão cada vez mais com influências de elementos da modernidade, que no entanto vêm reforçando manifestações culturais tradicionais deste quilombo (ALMADA, 2012). Segundo esse autor, o conhecimento ecológico é dinâmico, e resultante de respostas adaptativas do arranjo dos sistemas socioecológicos. Esse fato pode aumentar a resiliência do sistema socioecológico que depende, em parte, de respostas adaptativas das comunidades que manejam seus ambientes.

Além disso, o padrão de uso e conhecimento pode estar influenciado por questões de gênero. Como mostra Guimarães (2016), nas comunidades urbanas de Ouro Preto, Morro da Queimada e Morro São Sebastião, entre os homens há maior heterogeneidade de plantas citadas, ao passo que o conhecimento entre as mulheres é mais homogêneo. De acordo com a autora, as mulheres compartilham mais conhecimentos entre si do que os homens, levando a uma maior uniformidade do conhecimento tradicional. Estas diferenças podem ainda estar relacionadas aos usos e ao tipo de conhecimento em si. Por exemplo, espera-se que as mulheres cite mais plantas medicinais e alimentícias relacionadas ao parto, à fertilidade, ao cuidado da casa ou família, num contexto sócio-cultural onde a divisão de tarefas é nítida entre homens e mulheres. Dessa forma, os fatores culturais, relacionados aos papéis de gênero, influenciam a percepção e uso das plantas (GUIMARÃES, 2016).

Existe potencial para projetos de extrativismo sustentável e manejos agroecológicos nas comunidades rurais, que visam tanto a conservação quanto o atendimento às necessidades socioeconômicas. Este potencial é visto sobretudo em experiências de sistemas agroflorestais no Alto Jequitinhonha, mas existem limitações que impedem a expansão da prática para outras comunidades (Ayres, 2008). As agroflorestas são sistemas complexos, que demandam observação e manejo constante, e também podem não dar retornos financeiros no curto prazo. Apesar disso, os agricultores familiares da região, estão se capacitando nesta prática visando a recuperação de áreas degradadas, como vem sendo feito pelas comunidades quilombolas (DINIZ e TUBALDINI, 2011). Segundo Ayres (2008), estes sistemas vêm demonstrando ser capazes de conservar a biodiversidade e atender demandas na produção de alimentos:

Aqui [refere-se ao seu terreno] você colhe um cacho de banana, depois muitas vezes você colhe um pouquinho de café, você colhe até um pêssego, você colhe um mamão, você colhe o milho, colhe um pouquinho de girassol e aí eu acho que está completa a agricultura familiar, porque a gente tem que plantar de tudo... mais pra baixo está a cana e tem que ter tudo isso. Agora se a gente plantar só uma planta só, aí você está destruindo a terra, mas se você usa a biodiversidade de plantas e de árvores nativas, aí você está contribuindo..." (Sr. Antônio, comunidade rural de Gentio, Ayres, 2008, p. 46).

Na comunidade de São Bartolomeu, em Ouro Preto, sudeste do Quadrilátero ferrífero, existe a prática tradicional de produção de doces, principalmente, de goiaba (*P. guajava*), o qual foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do município (MARTINS, 2018). Para diminuir a pressão sobre a espécie, Prado *et al.* (2019) sugerem sistemas agroflorestais e de extrativismo sustentável envolvendo extração de frutos nativos existentes nas formações florestais, como guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), araticum (*A. crassiflora*) e araçá (*Psidium guineense*), além de diversas espécies com outros usos, como as medicinais, ornamentais, etc. O extrativismo sustentável poderia ser alcançado em parceria com a Floresta Estadual do Uamii, que possuiria no plano de manejo a proposição para de uso sustentável de recursos florestais não madeireiros (PFNM).

Os manejos agroecológicos já demonstram potencial para recuperação de áreas degradadas no Quadrilátero Ferrífero. Na periferia de Ouro Preto, no bairro Morro da Queimada, a população local vem manejando áreas de canga, utilizando conhecimento ecológico tradicional transmitido e produzido por métodos empíricos de tentativa e erro entre gerações e entre pares do campo social, e contornando dificuldades de manejo dessas áreas, que são principalmente a dureza, a acidez e o caráter metalífero do solo (URRIAGO-OSPINA *et al.*, 2020). As atividades de mineração provocam impactos drásticos nos solos, reduzindo a capacidade de restauração ou reabilitação dessas áreas. Entretanto, a partir de um conjunto de técnicas e conhecimentos ecológicos houve melhora nas condições físicas e químicas, tornando ambientes mais férteis, em áreas sob manejo agroecológico quando comparadas com áreas controle sem manejo, permitindo inclusive o cultivo de espécies menos exigentes em fertilidade do solo (URRIAGO-OSPINA *et al.*, 2020). De acordo com Urriago-Ospina *et al.* (2020) foram empregadas técnicas de transposição de solo, cobertura verde, afofamento, adubação com esterco de boi, galinha e resíduos orgânicos, correção da acidez com casca de ovo e cinzas, estabilização e retenção do solo. No entanto, Urriago-Ospina (2019) alerta que entre as plantas utilizadas há acúmulo de metais pesados nocivos à saúde. Apesar disso, o conjunto de conhecimentos e técnicas desenvolvidas por essa comunidade mostra o potencial de manejo agroecológico para recuperação de áreas degradadas, assim como para diversificação do uso da terra.

Assim como as comunidades tradicionais do Cerrado e de áreas de transição para Mata Atlântica e Caatinga, as comunidades rurais praticam o extrativismo de plantas medicinais, e outros usos. Para uso comercial, o extrativismo dos frutos da fava d'anta (*Dimorphandra mollis*) é praticado no norte de Minas Gerais, nos municípios de Montes

Claros e Coração de Jesus por comunidades rurais. Segundo Nunes *et al.* (2012), é uma espécie alto valor econômico, sendo utilizada na indústria farmacêutica, mas que merece atenção em planos de manejo, pois não havia preocupação com a propagação da espécie (os extrativistas não tinham informação sobre como germinar e sobre o plantio), além de práticas de coleta que resultavam em quebra dos galhos e diminuição na produção dos frutos.

3.2 Conflitos socioambientais

As comunidades tradicionais geraizeiras e quilombolas, e também comunidades rurais, a partir da década de 60 perderam territórios tradicionalmente ocupados para projetos desenvolvimentistas (principalmente monoculturas de eucalipto), e intensificou-se a degradação do Cerrado e as injustiças sociais no norte de Minas e Alto Vale do Jequitinhonha (BRITO, 2006; MAZZETTO-SILVA, 2006), territórios agora incluídos na RBSE e que portanto herda essa história de conflitos socioambientais. Segundo Calixto e Ribeiro (2007), as empresas chegaram com o discurso de geração de emprego e desenvolvimento econômico para a região do Vale do Jequitinhonha, estigmatizada por ser a região mais pobre do Estado. No entanto, fato é que anos se passaram e os problemas econômicos não foram resolvidos mas do contrário, foram aprofundados diversos impactos socioecológicos (CALIXTO; RIBEIRO, 2007)

Uma das formas em que se deu a perda de territórios foi no processo de regularização das terras, onde o tamanho da terra declarada era diretamente relacionado ao valor a ser pago para sua regularização e, assim, quem tinha mais poder econômico declarava mais terras. (MAZZETTO-SILVA, 1999). Ainda assim, os latifundiários cercavam suas propriedades além dos limites declarados. Aconteceu também do Estado conceder terras devolutas à empresas para implantarem monoculturas de eucalipto, desconsiderando a ocupação tradicional dos povos do Cerrado (BRITO, 2006; DAYRELL, 1998).

Os territórios de uso comum, localizados principalmente nas chapadas do Cerrado, são essenciais na reprodução dos modos de vida das comunidades tradicionais e locais. A organização socioeconômica foi desestruturada, e os impactos são sentidos e lembrados tanto nas questões materiais quanto simbólicas e culturais (BRITO, 2006). A redução na quantidade e qualidade de água, atribuída claramente às monoculturas de eucalipto, teve impactos profundos na cultura geraizeira. Esses povos passaram a viver sob escassez de água onde antes havia abundância desse recurso. A escassez, por sua vez, levou à redução da importância socioeconômica da agricultura (MAZZETTO-SILVA, 1999), pois muitas atividades produtivas dependiam da água, não somente para irrigação mas também para rodar

moinho e fabricar farinha de mandioca e rapadura, as quais geravam renda e autossuficiência na agricultura familiar (MAZZETTO-SILVA, 1999). A escassez da água tem modificado inclusive as relações internas nas comunidades rurais do Alto Jequitinhonha, incitando alguns conflitos (FREIRE, 2001). Apesar disso, a reciprocidade é mantida, pois, segundo Freire (2001) seria uma resposta adaptativa para sobrevivência dos comunitários.

A situação de encurralamento impactou ainda as práticas agrícolas tradicionais de comunidades geraizeiras, quilombolas e também rurais do alto Vale do Jequitinhonha, devido à menor disponibilidade de terras. As práticas eram baseadas principalmente na derrubada, queima, e pousio, conhecidas também como “roça de toco” (RIBEIRO; GALIZONI, 2016). Neste sistema de plantio, áreas eram abertas, utilizadas entre 2 e 3 anos, repousavam de 8 a 10 anos, enquanto novas áreas eram abertas para plantação de mandioca, milho, feijão, cana etc (NOGUEIRA, 2009). As culturas agrícolas cultivadas tinham muitas variedades, como, por exemplo, da mandioca, com 23 variedades, e da cana, com 14 variedades (DAYRELL, 1998). Novos saberes foram acionados e incorporados para garantir a produção agrícola e a conservação da biodiversidade diante da menor disposição de terras. Por exemplo, foram adotadas a redução do uso do fogo para limpar o terreno aliado a incorporação de técnicas agroecológicas, como utilização de cobertura morta, adubação verde, e manejo de sucessão (AYRES, 2008).

Vale destacar aqui que o uso do fogo seguia (segue) um conhecimento muito detalhado, e como afirma Ribeiro e Galizoni (2016), ele deve ser examinado com cuidado e respeito, pois “não é ignorância; é um conhecimento, uma técnica, um produto negociado com o meio: uma arte”. Para diferentes objetivos de uso da terra há diferentes tipos de fogo: para limpar, para mandiocal, feijoal, de roça, de campo, de adubação, da seca. Estes tipos resultam da combinação de variáveis, que os agricultores sabem muito bem manejar, e possibilitam diferentes intensidades e duração (RIBEIRO; GALIZONI, 2016).

De encurralados à afirmação da identidade geraizeira e acúmulo de capital político, eles se organizaram, com apoio de uma rede de instituições, em reuniões e conferências, elaboraram propostas de reconversão agroextrativista (CARRARA, 2007) e chegaram a propor três Reservas Extrativistas para o Cerrado mineiro (NOGUEIRA, 2009). Uma dessas propostas se tornou a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Nascentes Geraizeiras. Um projeto que durou 12 anos até sua criação, em 2014, motivada por anseios dos próprios geraizeiros que viam na possibilidade da RDS retomar territórios, manter suas atividades tradicionais e proteger os recursos hídricos (AGOSTINHO; CREPALDE, 2018).

Calixto e Ribeiro (2007) apontam a necessidade de rever os projetos de

desenvolvimento baseados em monoculturas para a região do alto Vale Jequitinhonha. Sugerem o recuo das áreas de eucaliptais a favor da ocupação agroextrativista, como ocorreu no Norte de Minas com as comunidades geraizeiras; para isso, sugerem também a criação de políticas públicas participativas onde seja privilegiado a visão de desenvolvimento das próprias comunidades.

A transferência de tecnologias e projetos, visando solucionar a crise de água no Alto Jequitinhonha, sem a participação das comunidades e valorização do conhecimento local, não alcançou resultados satisfatórios (GALIZONI, 2005). Como argumenta Silva (2012), não basta proibir atividades de carvoarias, ou implantar barraginhas, aplicar ou transferir tecnologias pontuais, mas sim valorizar o "bom senso camponês" e o extrativismo sustentável para geração de renda e conservação da biodiversidade.

A monocultura de eucalipto, porém, não é o único motivo de conflito territorial para comunidades locais do norte e alto vale Jequitinhonha. No caso do quilombo Porto Coris, no município Leme do Prado, o conflito se deu pela instalação de uma usina hidrelétrica. Os quilombolas foram forçosamente reassentados em agrovilas ou em municípios vizinhos. Houve insatisfação com a perda da relação com o rio Jequitinhonha, antes usado para pesca, banho, lavar roupa, recreação, irrigação das lavouras etc. No novo assentamento tiveram que lidar com a realidade de pagar contas caras e com necessidade de controle de gastos de água, algo que não ocorria. Assim, mudaram-se as relações afetivas e relações com o território (FREITAS; OLIVEIRA; SOUSA, 2015).

Além dos projetos desenvolvimentistas impostos, a criação de unidades de conservação de proteção integral é outra fonte de conflitos. Na região da Serra do Cipó e Diamantina este conflito socioambiental envolveu o Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Serra do Cipó), o Parque Nacional Sempre-Vivas (PARNA Sempre-Vivas) e o Parque Estadual do Biribiri (PEBI) (ANAYA; SOUZA, 2014; MONTEIRO, 2011; MORAIS *et al.*, 2013; MORAIS; GONTIJO; MUCIDA, 2019; SANTOS, 2017). Devido ao conflito gerado pela implantação dessas áreas protegidas, criadas sem a participação ou consulta prévia, as comunidades se reuniram em torno da identificação de apanhadores de sempre-vivas, embora executem outras diferentes práticas, para defenderem seus direitos territoriais (Monteiro 2011).

Analisando este tipo de conflito, Monteiro (2011) expõe as contradições ambientais que motivaram a criação das Unidades de Proteção Integral, as quais estariam privilegiando visões conservacionistas sobre natureza sob aparato e legitimidade do Estado em detrimento das comunidades locais e dos seus saberes. O mesmo ocorreu quando da criação do Mosaico Alto

Jequitinhonha: Serra do Cabral e também da RBSE, onde segundo Monteiro (2011), as comunidades não sabiam o significado e a existência do Mosaico, configurando uma situação propícia para criação de conflitos territoriais.

No caso do conflito envolvendo apanhadores (as) de flores sempre-vivas e o PARNA Sempre-Vivas, por exemplo, conforme Monteiro (2011), em uma conferência não havia consenso entre os pesquisadores se algumas espécies de sempre-vivas estavam na lista de espécies ameaçadas devido a falta de estudos sobre dinâmica populacional, e generalizações que fragilizaram as argumentações, expondo mais uma contradição. Contudo, fato é que os apanhadores conhecem detalhadamente o território, incluindo onde e quando as flores estão e florescem, que afirmam que existe necessidade de manejo para que as populações sejam conservadas. Entre os manejos observados por Monteiro (2011), os apanhadores coletavam as plantas e deixavam 30% sem coletar e sem uso do fogo, além de cultivar a espécie pé-de-ouro. Uma família que realizava estes manejos relatou melhora na disponibilidade de flores, aumento das populações coletadas/manejadas (MONTEIRO, 2011).

No caso da PARNA Serra do Cipó o processo de desapropriação foi, material e simbolicamente, violento para as comunidades rurais que tradicionalmente ocupavam a Serra (ANAYA; SOUZA, 2014). Alguns desapropriados foram assentados em áreas urbanas, ficando sem perspectiva de vida, doentes, e frequentemente envolvidos com o uso de drogas (SANTOS, 2017).

As comunidades rurais da Serra do Cipó, segundo Anaya e Souza (2014) e Santos (2017), desenvolviam atividades de baixo impacto. O extrativismo de plantas sempre-vivas foi a principal fonte de renda. Entre as plantas sempre-vivas comercializadas estavam: cabeça-de-nego, coroinha, sempre-viva e abacaxi dourado. Estas comunidades do Cipó, e entorno do PEBI, reconhecem os campos, as partes mais altas da Serra, como áreas comunais, mesmo estando em propriedades particulares, o uso e as normas reguladoras eram comuns, consuetudinárias.

De maneira geral, a criação das Unidades de Proteção Integral, zonas núcleo da RBSE, trouxe dificuldades econômicas para as comunidades tradicionais e locais. As atividades das quais dependiam e geravam renda, como o extrativismo e agropecuária, passaram a ser proibidas e fiscalizadas, sofrendo ainda com especulação imobiliária e perda de áreas comuns. A região da Serra do Cipó sofreu transformações socioeconômicas, advindas principalmente da criação do Parque e da construção da rodovia MG10. Filippo (2013) buscando compreender as transformações na relação dos moradores e turistas da Serra do Cipó, identificou inúmeros potenciais e desafios. Dentre eles, o potencial para realizar a valorização

e comercialização dos frutos do Cerrado e com isso alternativas para atividades socioeconômicas; a necessidade de projetos agroecológicos como alternativa ao uso do fogo; a valorização e resgate da história e cultura; e ainda necessidade de fortalecimento e participação da comunidade nas esferas de tomadas de decisão.

As comunidades tradicionais e locais passaram por drásticas transformações, principalmente durante a década de 60 e 70, devido à política neoliberal do governo militar durante a ditadura. Principalmente os geraizeiros, com sua organização política, vêm hoje mostrando ser possível “reconverter” áreas destinadas à monocultura de eucalipto em assentamentos da reforma agrária ou unidades de conservação de uso sustentável, para atender objetivos de uso e conservação da biodiversidade, mas principalmente para garantir a reprodução dos seus modos de vida que possuem conexão com a biodiversidade do Cerrado e da Caatinga.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Ludwig e El-Hani (2020) não se deve considerar o conhecimento local apenas na medida que ele “se ajusta às suposições (ontológicas, epistêmicas, e de valor) dos pesquisadores acadêmicos”. A questão da integração e também valorização do conhecimento das comunidades locais está em reconhecer que nas decisões políticas para conservação da biodiversidade pode haver assimetrias de poder, e fazer prevalecer visões conservacionistas em detrimento de outras percepções e relações com a natureza. Deve-se partir também das comunidades locais as decisões informadas sobre conservação da biodiversidade. É preciso, contudo, entender os conceitos de conservação e valorização da natureza próprios das comunidades locais (PETERSON; HANAZAKI; BERKES, 2020). Para Carvalho (2013), por exemplo, “uma efetiva conservação da biodiversidade só acontecerá com o protagonismo daqueles que têm com ela uma relação mais estreita, como por exemplo as comunidades camponesas e/ou indígenas”.

É desejável que ações de conservação e uso sustentável da biodiversidade devem ser pautadas pelos contextos locais, a partir da visão dos comunitários, do conhecimento local, e de forma participativa. Contudo também deve-se buscar fomentar um processo de fortalecimento político e luta pelo reconhecimento dos direitos ao território (RIBEIRO; GALIZONI, 2003). Este fortalecimento mostrou impactos positivos na conservação da biodiversidade (CARRARA, 2007; LIMA, 2008), nos casos dos quilombolas do Alto Jequitinhonha reconhecidos pelo Estado enquanto comunidade tradicional (DINIZ; TUBALDINI, 2015), e também no caso do fortalecimento da identidade geraizeira

(NOGUEIRA, 2009).

Para os quilombolas, o reconhecimento enquanto comunidade tradicional trouxe mais proteção e segurança contra a invasão por grileiros, além de fomentar organização social, parcerias com instituições e ações em prol do resgate e ressignificação de manifestação da cultura, e ações em prol da conservação e uso sustentável. Independente da situação fundiária dos quilombos, há necessidade de dar mais visibilidade às comunidades, no sentido de pesquisar suas singularidades, seus conhecimentos, usos e manejos que fazem dos ambientes da RBSE.

No caso dos geraizeiros, o processo de fortalecimento político e social aponta caminhos desejáveis para o cumprimento das funções da RBSE (conservação, desenvolvimento sustentável, conhecimento e gestão participativa). Entre os apontamentos, estão propostas de reconversão agroextrativista, propostas de criação de UCs de uso sustentável, e assentamentos agroextrativistas. O Assentamento Americana, que poderia ser considerado uma outra área efetiva para conservação do Cerrado (IUCN, 2019), é local de aprendizagem de manejos agroecológicos da paisagem, além de contar com áreas de uso comum e manejo extrativista, Reserva Legal, possuindo ainda Plano de Desenvolvimento normatizado por Regimento interno aprovado pela Associação dos geraizeiros.

Ressalta-se, ainda, que os geraizeiros chegaram a propor três Reservas Extrativistas para o Cerrado. Uma delas se tornou a RDS Nascentes Geraizeiros, restando portanto outras duas propostas de unidades de conservação de uso sustentável que podem ser estratégicas para o cumprimento das funções da RBSE.

Sobre o conhecimento ecológico tradicional ou o conhecimento local, percebe-se que ele é muito mais que conhecimentos sobre os sistemas ecológicos, possuindo também componentes culturais, envolvendo práticas e crenças. Por ser dinâmico, pode reforçar tradições mesmo em contextos de urbanização dos modos de vida, sendo fonte de adaptação do sistema socioecológico. O conhecimento ecológico local permite a reprodução sociocultural e manutenção das comunidades no território, bem como retomar e planejar o uso de territórios.

A integração do conhecimento local, ou tradicional, com o conhecimento científico demonstra inúmeros benefícios, tais como auxílio na produção de mapas mais precisos, contextualização dos usos, melhora no entendimento dos processos de decisão de uso da terra pelos moradores, complementam dados de levantamentos de fauna e flora. Essa integração é também fundamental para o planejamento e gestão de projetos, como foram os casos

envolvendo os geraizeiros na criação do PA Americana e da RDS Nascentes Geraizeiras, subsidiados por estudos etnoecológicos, etnopedológicos, e etnobotânicos.

Dar maior visibilidade às experiências da agricultura familiar, bem como fortalecê-las, na Serra do Espinhaço talvez seja também outro desafio da RBSE, mas que pode ser um caminho desejável para o fortalecimento de uma das regiões com baixo índice de desenvolvimento humano. Como mostram Calixto e Ribeiro (2007) a agricultura familiar foi mais rentável e empregou mais pessoas em Minas Novas (Alto Jequitinhonha) do que os projetos desenvolvimentistas da monocultura de eucalipto. Alguns pontos estratégicos para fortalecimento da agricultura familiar podem ser a garantia do acesso às terras, a conservação da agrobiodiversidade, das variedades locais e sementes crioulas, estímulo às feiras e mercados de produtos da agricultura familiar (DAYRELL, 1998).

A Reserva da Biosfera, enquanto um modelo de conservação da biodiversidade que busca dar visibilidade e fomentar processos desejáveis de uso sustentável tem papel estratégico em dar relevo à importância do conhecimento ecológico das comunidades. Contudo, aliado à valorização do etnoconhecimento, são as experiências dos geraizeiros e dos apanhadores (as) de flores sempre-vivas, articulados com outras instituições, que demonstram que fomentar a retomada de territórios e o reconhecimento de direitos sociais, são passos estratégicos para se cumprir seus objetivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, M. L. DE O.; CREPALDE, R. DOS S. “Nós sem Deus e sem água não é nada”: saberes e conquista na criação da reserva de desenvolvimento sustentável Nascentes Geraizeiras / “Without god and without water we ain’t nothing”: knowledge and conquest in creating... **Cadernos CIMEAC**, v. 8, n. 1, p. 364–390, 31 jul. 2018.

ALMADA, E. D. **Entre as serras: etnoecologia de duas comunidades quilombolas no sudeste brasileiro**. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

ALMADA, E. D. *et al.* Traditional ecological knowledge of rural communities in areas of seasonally dry tropical forest in Serra do Cipó, Brazil. In: SANCHEZ-AZOFEIFA, A. *et al.* (Eds.). . **Tropical Dry Forests in the Americas: Ecology, Conservation, and Management**. [s.l.] CRC Press, 2013. p. 429–451.

ALMADA, E. D.; ANAYA, F. C.; MONTEIRO, F. T. The People of the Mountains: The Biocultural Heritage of the Espinhaço Range in Minas Gerais State, Brazil. In: FERNANDES, G. W. (Ed.). . **Ecology and Conservation of Mountaintop grasslands in Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 479–499.

ALMADA, E. D.; COELHO, M. S. The power of things without price: traditional peoples and communities and the criticism of development. **Oecologia Australis**, v. 18, n. 1, 2014.

ANAYA, F. C.; SOUZA, M. C. F. DE. Conflitos Ambientais Territoriais no Parque Nacional da Serra do Cipó. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 13, n. 1, p. 23–31, 2014.

ANDRADE, M. Â. *et al.* (EDS.). **Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço Fase 2**. Belo Horizonte, MG.: Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Mab-UNESCO, 2018.

AYRES, E. B. **Inovações Agroecológicas para a Agricultura Familiar: um estudo de caso sobre Sistemas Agroflorestais no Alto Jequitinhonha-MG**. Dissertação de Mestrado—Lavras - Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2008.

BAIRD, J. *et al.* Integrating Conservation and Sustainable Development Through Adaptive Co-management in UNESCO Biosphere Reserves. **Conservation and Society**, v. 16, n. 4, p. 409–409, 1 out. 2018.

BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. Ethnoecology and ethnobotany of the juçara palm (*Euterpe edulis* Martius) in “quilombola” communities of the Ribeira River Valley, São Paulo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 518–528, jun. 2010.

BERKES, F. **Sacred Ecology**. 2. ed. New York: Routledge, 2008.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of Traditional Ecological Knowledge as Adaptive Management. **Ecological Applications**, v. 10, n. 5, p. 1251–1262, 2000.

BRAGA, C. *et al.* Ethnozooology as complementary method to inventory medium and large-bodied mammals: the case study of Serra do Ouro branco, Brazil. **Oecologia Australis**, v. 22, n. 1, 12 mar. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.**, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 6040 - Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.**, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.**, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021

BRITO, I. C. B. DE. **Comunidade, território e complexo florestal industrial: o caso de Vereda Funda - Norte de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado—Montes Claros, MG: Universidade Estadual de Montes Claros, 2006.

CALABONI, A. *et al.* Os territórios indígenas e tradicionais protegem a biodiversidade? In: **Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil: Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças.** São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, 2021. p. 134.

CALIXTO, J. S.; RIBEIRO, Á. E. M. Três olhares sobre o reflorestamento: a percepção de atores sociais sobre a monocultura de eucalipto no Alto Jequitinhonha. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 9, n. 3, 2007.

CAMARGO, P. M. **Comunidades Quilombolas em Minas Gerais – Resiliência, luta e assertividade de um Povo.** Disponível em: <<https://www.cedefes.org.br/comunidades-quilombolas-em-minas-gerais-resiliencia-luta-e-assertividade-de-um-povo/>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

CAMARGO, P. M. **Povos indígenas em Minas Gerais.** Disponível em: <<https://www.cedefes.org.br/artigo-povos-indigenas-em-minas-gerais/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CAMPOS, P. C. DE L.; AVELAR-FREITAS, B. A. Plantas Medicinais Utilizadas na Região de Diamantina (MG), Cerrado e Campo Rupestre da Serra do Espinhaço (MG). **Ensaio e Ciência**, v. 22, n. 1, p. 63–67, 30 abr. 2018.

CARRARA, Á. A. **Reconversão agroextrativista : perspectivas e possibilidades para o Norte de Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado—Brasília - DF: Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, jun. 2007.

CARVALHO, I. S. H. DE. **Potenciais e limitações do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado : um estudo de caso da Cooperativa Grande Sertão no Norte de Minas**. Dissertação de Mestrado—Brasília: Universidade de Brasília, 8 fev. 2007.

CARVALHO, I. S. H. DE. **Assentamento Americana e Grupo Agroextrativista do Cerrado: uma experiência agroecológica no Norte de Minas**. 1. ed. Brasília - DF/ Grão-Mogol/ MG: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN)/Grupo Agroextrativista do Cerrado, 2012. v. 1

CARVALHO, I. S. H. DE. **Campesinato e biodiversidade no Cerrado : um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol-MG) à luz da agroecologia**. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

CARVALHO, I. S. H. DE. A “pecuária geraizeira” e a conservação da biodiversidade no cerrado do Norte de Minas. **Sustentabilidade em Debate**, v. 5, n. 3, p. 19–36, 31 dez. 2014. CDB. **Convention Text**. Disponível em: <<https://www.cbd.int/convention/articles/?a=cbd-02>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

CEDEFES. **Relação das Comunidades Negras Quilombolas de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG.: Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES, 2021.

CORREIA, J. R. *et al.* Relações entre o conhecimento de agricultores e de pedólogos sobre solos: estudo de caso em Rio Pardo de Minas, MG. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 31, n. 5, p. 1045–1057, out. 2007.

CRUZ, M. J. B. *et al.* USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR FAMÍLIAS DO VALE DO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS, BRASIL. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v. 27, n. 1, p. 38–48, 30 mar. 2015.

DAYRELL, C. A. **Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. Dissertação de Mestrado—Sede Ibero Americana - La Rábida: Universidade Internacional de Andalucia, 1998.

DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. **Farmacopéia Popular do Cerrado**. 1ª ed. Goiás - GO: Articulação Pacari, 2010.

DINIZ, R. F. Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do Jequitinhonha-MG. **GEOgraphia**, v. 21, n. 47, p. 13–28, 2019.

DINIZ, R. F.; TUBALDINI, M. A. DOS S. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG - DOI 10.5216/ag.v5i2.15481. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 2, p. 123–153, 26 ago. 2011.

DINIZ, R. F.; TUBALDINI, M. A. DOS S. **Desterritorialização Camponesa, Reterritorialização Quilombola: As Territorialidades Afro-Brasileiras Enquanto Estratégias De Resistência Socioterritorial Dos Quilombos Do Alagadiço, Minas Novas - Vale Do Jequitinhonha-Mg.** . In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. Presidente Prudente, São Paulo: 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/308078277_DESTERRITORIALIZACAO_CAM_PONESA_RETERRITORIALIZACAO_QUILOMBOLA_AS_TERRITORIALIDADES_AFRO-BRASILEIRAS_ENQUANTO_ESTRATEGIAS_DE_RESISTENCIA_SOCIOTERRITORIAL_DOS_QUILOMBOS_DO_ALAGADICO_MINAS_NOVAS_-_VALE_D>. Acesso em: 6 maio. 2020

DRUMMOND, G. M. *et al.* (EDS.). **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação.** 2ª ed. Belo Horizonte, MG.: Fundação Biodiversitas, 2005.

DRUMOND, M. A.; GUIMARÃES, A. Q.; SILVA, R. H. P. DA. The Role of Local Knowledge and Traditional Extraction Practices in the Management of Giant Earthworms in Brazil. **PLOS ONE**, v. 10, n. 4, p. e0123913, 14 abr. 2015.

EMPERAIRE, L. (ED.). Gerar, Cuidar e Manter a Diversidade Biológica. In: **Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil: Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças.** São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, 2021. p. 352.

FAO. **Apanhadoras e apanhadores de flores sempre-vivas recebem reconhecimento internacional da FAO como o primeiro Patrimônio Agrícola Mundial do Brasil.** Disponível em: <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1265788/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

FERNANDES, L. A. *et al.* Local knowledge as related to chemical and physical soil attributes and land use. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 32, n. 3, p. 1355–1365, jun. 2008.

FERREIRA, A. F. *et al.* Biosphere Reserves' Management Effectiveness—A Systematic Literature Review and a Research Agenda. **Sustainability**, v. 12, n. 14, p. 5497, jan. 2020.
FERREIRA, M. *et al.* As aves dos campos rupestres da Cadeia do Espinhaço: diversidade, endemismo e conservação. **Megadiversidade**, v. 4, 1 jan. 2008.

FILIPPO, D. C. **Compreendendo A Relação Das Pessoas Com As Áreas Naturais Da Serra Do Cipó (Mg) Em Meio Às Transformações Do Espaço.** Dissertação de Mestrado—Nazaré Paulista, São Paulo: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) -Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, 2013.

FREIRE, A. G. **Águas do Jequitinhonha: a gestão coletiva dos recursos hídricos pelos agricultores de Turmalina - Alto Jequitinhonha/MG**. Dissertação de Mestrado—Lavras - Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2001.

FREITAS, G. F. DE; OLIVEIRA, M. L. R. DE; SOUSA, D. R. N. Transformações ocorridas na vida de atingidos pela barragem de Irapé: o caso do Quilombo de Porto Corís. **Mundo Agrario**, v. 16, n. 33, 2015.

FUNAI. **Terras Indígenas em Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

GALIZONI, F. M. **Águas da vida : população rural, cultura e água em Minas**. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

GONTIJO, B. M. Uma geografia para a Cadeia do Espinhaço. In: **Cadeia do Espinhaço: avaliação do conhecimento científico e prioridade de conservação**. Megadiversidade. Belo Horizonte, MG.: Conservation International, 2008. v. 4p. 7–15.

GRANDI, T. S. M. *et al.* Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 3, n. 2, p. 185–224, 1989.

GUIMARÃES, M. F. M. **Plantas úteis em comunidades urbanas: a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais**. Dissertação de Mestrado—Ouro Preto, Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

HEDDEN-DUNKHORST, B.; SCHMITT, F. Exploring the Potential and Contribution of UNESCO Biosphere Reserves for Landscape Governance and Management in Africa. **Land**, v. 9, n. 8, p. 237, ago. 2020.

ISNARDIS, A. Entre as Pedras As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento**, p. 5–194, 16 nov. 2009.

IUCN. **Recognising and reporting other effective area-based conservation measures**. [s.l.] IUCN, 2019.

LIMA, I. L. P. **Etnobotânica quantitativa de plantas do Cerrado e extrativismo de Mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes) no norte de Minas Gerais : implicações para o manejo sustentável**. Dissertação de Mestrado—Brasília - DF: Universidade de Brasília, nov. 2008.

LIMA, I. L. P. *et al.* Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do Estado de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 3, p. 675–684, set. 2012.

LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Sustainable Harvest of Mangaba (*Hancornia speciosa*) Fruits in Northern Minas Gerais, Brazil. **Economic Botany**, v. 67, n. 3, p. 234–243, 1 set. 2013.

LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Impacts of the implementation of silvopastoral systems on biodiversity of native plants in a traditional community in the Brazilian Savanna. **Agroforestry Systems**, v. 91, n. 6, p. 1069–1078, 1 dez. 2017.

LUDWIG, D.; EL-HANI, C. N. Philosophy of Ethnobiology: Understanding Knowledge Integration and Its Limitations. **Journal of Ethnobiology**, v. 40, n. 1, p. 3–20, abr. 2020.

MARTINS, G. **Registro de Patrimônio Cultural Imaterial da Tradicional Produção de Doces Artesanais de São Bartolomeu é revalidado**. Disponível em: <<https://ouropreto.mg.gov.br/index.php?page=noticia&id=951>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MATEUS, M. B. *et al.* A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais. 2011.

MATUK, F. A. *et al.* Ethnopedology of a Quilombola Community in Minas Gerais: Soils, Landscape, and Land Evaluation. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 41, 2017.

MAZZETTO-SILVA, C. E. **Cerrados e Camponeses no Norte de Minas: Um estudo sobre a sustentabilidade dos ecossistemas e das populações sertanejas**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

MAZZETTO-SILVA, C. E. **Os Cerrados e a Sustentabilidade: territorialidades em tensão**. Tese de Doutorado—Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2006.

MESSIAS, M. C. T. B. *et al.* Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 17, n. 1, p. 76–104, mar. 2015.

MMA. **Portal Ypade - Pescadores Artesanais**. Disponível em: <<http://portalypade.mma.gov.br/pescadores-artesanais>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MMA. **Portal Ypade - Povos de Terreiro**. Disponível em: <<http://portalypade.mma.gov.br/povos-de-terreiro>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MMA. Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/reserva-da-biosfera/itemlist/tag/reserva%20biosfera.html>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MONTEIRO, F. T. **Os(as) Apanhadores(as) de Flores e o Parque Nacional das Sempre-Vivas (MG): travessias e contradições ambientais**. Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MONTEIRO, F. T.; PEREIRA, D. B.; DEL GAUDIO, R. S. Flower-picking and the Parque Nacional das Sempre-vivas: between ideologies and territorialities. **Sociedade & Natureza**, v. 24, n. 3, p. 419–433, dez. 2012.

MORAIS, M. S. DE *et al.* Comunidades e Unidades de Conservação: a realidade dos conflitos em comunidades do entorno dos Parques Estaduais do Rio Preto e Biribiri, Minas Gerais. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 2, 2013.

MORAIS, M. S. DE; GONTIJO, B. M.; MUCIDA, D. P. Percepções sobre conflitos socioambientais de comunidades do entorno do Parque Estadual do Biribiri, Diamantina, Minas Gerais. **Revista Espinhaço | UFVJM**, p. 2–11, 19 fev. 2019.

NOGUEIRA, M. C. R. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. Tese de Doutorado—Brasília - DF: Universidade Federal de Brasília, fev. 2009.

NUNES, J. D. *et al.* O extrativismo da fava d’anta (*Dimorphandra mollis* Benth.) na região do Norte de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 14, n. 2, p. 370–375, 2012.

PETERSON, D.; HANAZAKI, N.; BERKES, F. Do We All Speak the Same Language When Talking Conservation? Caiçara Understandings of Conservation in their Landscape. **Conservation and Society**, v. 18, n. 3, p. 238, 2020.

PINTO, L. C. L. *et al.* Traditional knowledge and uses of the *Caryocar brasiliense* Cambess. (Pequi) by “quilombolas” of Minas Gerais, Brazil: subsidies for sustainable management. **Brazilian Journal of Biology**, v. 76, p. 511–519, 5 abr. 2016.

PINTO, L. C. L.; CRUZ, A. J. DO R.; PIRES, M. R. S. Incorporando o conhecimento ecológico local na conservação dos lagartos da serra do ouro branco, Minas Gerais, Brasil. **Bioscience Journal**, v. 31, n. 2, 2015.

PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B.; PIRES, M. R. S. Conhecimentos e usos da fauna terrestre por moradores rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. **Interciencia: Revista de ciencia y tecnología de América**, v. 37, n. 7, p. 520–527, 2012.

PIRES, M. R. S.; PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B. Etnozoologia como instrumento para a conservação da fauna da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (Eds.). **A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas**. Recife: NUPEA, 2017. p. 473–493.

POOL-STANVLIET, R.; COETZER, K. The scientific value of UNESCO biosphere reserves. **South African Journal of Science**, v. 116, n. 1/2, 29 jan. 2020.

PRADO, A. C. C. *et al.* Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

PRICE, M. F. The periodic review of biosphere reserves: a mechanism to foster sites of excellence for conservation and sustainable development. **Environmental Science & Policy**, v. 5, n. 1, p. 13–18, 1 fev. 2002.

REED, M. G. The contributions of UNESCO Man and Biosphere Programme and biosphere reserves to the practice of sustainability science. **Sustainability Science**, v. 14, n. 3, p. 809–821, 1 maio 2019.

REED, M. G.; EGUNYU, F. Management effectiveness in UNESCO Biosphere Reserves: Learning from Canadian periodic reviews. **Environmental Science & Policy**, v. 25, p. 107–117, jan. 2013.

RIBEIRO, E. M. *et al.* Gestão, uso e conservação de recursos naturais em comunidades rurais do Alto Jequitinhonha. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 7, n. 2, p. 77–77, 30 nov. 2005.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale o Jequitinhonha, Minas Gerais. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 129–146, 2003.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Sistemas agrários e reprodução familiar o caso dos lavradores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Anais**, v. 0, n. 0, p. 1479–1496, 24 fev. 2016.

RIBEIRO, R. F. O Eldorado do Brasil central: história ambiental e convivência sustentável com o Cerrado. In: **Ecología política. Naturaleza, sociedad y utopía**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002. p. 29.

RIBEIRO, R. F. **Sertão, lugar desertado: o Cerrado na cultura de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG.: Autêntica, 2016. v. 2

RICHTER, A. **STF decide pela constitucionalidade de decreto que regulamentou quilombos**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-02/stf-decide-pela-constitucionalidade-de-decreto-que-regulamentou-quilombos>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

ROCHA, A. F.; HOEHNE, L. M. DE O.; ÂNGELO, M. A. **Parauninha: entre serras, pelas águas, com gente**. 2ª ed. Conceição do Mato Dentro: [s.n.].

ROSSI-SANTOS, B. **Compreendendo a farmacopeia e o uso tradicional de plantas no Cerrado : uma abordagem etnoecológica**. Dissertação de Mestrado—Ouro Preto, Minas Gerais: Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

ROSSI-SANTOS, B. *et al.* The role of exotic species in traditional pharmacopeias of the Cerrado : a case study in southeast Brazil. **Economic Botany**, n. 72, p. 38–55, 2018.

SANTOS, A. S. P. DOS. Territórios De “Vida” E De “Morte”: Um Olhar Sobre Os Conflitos Territoriais Associados Ao Parque Nacional Da Serra Do Cipó, MG. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 37, n. 3, p. 573–588, 19 dez. 2017.

SCHULTZ, L.; DUIT, A.; FOLKE, C. Participation, Adaptive Co-management, and Management Performance in the World Network of Biosphere Reserves. **World Development**, v. 39, n. 4, p. 662–671, abr. 2011.

SILVA, M. N. S. DA. Que as águas voltem a minar nas minas (dos) gerais: os cerrados pedem socorro! **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 93–106, 6 dez. 2012.

SILVA, M. N. S. DA; TUBALDINI, M. A. DOS S. O PEQUI COMO RECURSO DE USO COMUM E PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO. **Geo UERJ**, v. 1, n. 25, p. 161–182, 11 jul. 2014.

SILVANO, R. A. M.; HALLWASS, G. Participatory Research with Fishers to Improve Knowledge on Small-Scale Fisheries in Tropical Rivers. **Sustainability**, v. 12, n. 11, p. 4487, jan. 2020.

SILVEIRA, F. A. O. *et al.* Ecology and evolution of plant diversity in the endangered campo rupestre: a neglected conservation priority. **Plant and Soil**, v. 403, n. 1, p. 129–152, 1 jun. 2016.

SOUZA, J. R. DE. O Sistema Agrícola Tradicional da Comunidade Sobrado, MG: ordenamento e uso coletivo de seu território e práticas de salvaguarda. In: EIDT, J. S.; UDRY, C. (Eds.). **Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil**. Coleção povos e comunidades tradicionais. 1. ed. Brasília - DF: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2019. v. 3p. 351.

TOLEDO, V. M. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 20, n. 0, 21 dez. 2009.

UNESCO. **Reservas de biosfera: La Estrategia de Sevilla y el Marco Estatutario de la Red Mundial**. Paris, Francia: UNESCO, 1996.

UNESCO. **Plan de Acción de Madrid para las Reservas de Biosfera (2008-2013)**. Paris, Francia: UNESCO, 2008.

UNESCO. **Dresden Declaration on Biosphere Reserves and Climate Change**. . In: CONFERENCE ON THE 40TH ANNIVERSARY OF UNESCO'S MAB PROGRAMME. Dresden, Germany: UNESCO, 2011.

UNESCO. **Una Nueva hoja de ruta para el Programa sobre el Hombre y la Biosfera (MAB) y su Red Mundial de Reservas de Biosfera**. Paris, Francia: UNESCO, 2017.

UNESCO. **International Co-ordinating Council of the Man and the Biosphere (MAB) Programme, thirty-first session, Paris, 17-21 June 2019: final report**. Paris, France: UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370193?fbclid=IwAR0gScWprVSAdisNgggOU_FxvbBFvi7PJqyWeXNwvBLryWhCH8Y10WUICM4>.

UNESCO. **What are Biosphere Reserves?** Disponível em: <<https://en.unesco.org/biosphere/about>>. Acesso em: 9 jul. 2021a.

UNESCO. **World Network of Biosphere Reserves**. Disponível em: <<https://en.unesco.org/biosphere/wnbr>>. Acesso em: 13 mar. 2021b.

URRIAGO-OSPINA, L. M. **Manejo agroecológico de áreas sobre canga usando tecnologias e conhecimento tradicional**. Dissertação de Mestrado - Ouro Preto, Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

URRIAGO-OSPINA, L. M. *et al.* Traditional ecological knowledge in a ferruginous ecosystem management: lessons for diversifying land use. **Environment, Development and Sustainability**, 9 mar. 2020.

VERSIEUX, L. M.; WANDERLEY, M. DAS G. L. *Vriesea piscatrix* (Bromeliaceae): uma nova epífita da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil. **Hoehnea**, v. 36, n. 3, p. 455–458, set. 2009.

6 - APÊNDICES

6.1 – APÊNDICE A – Quadros

6.1.1 Quadro 1 – Lista das publicações que analisam o conhecimento local, uso e manejo da biodiversidade por comunidades tradicionais e locais, na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

1	ALMADA, E. D. Entre as serras : etnoecologia de duas comunidades quilombolas no sudeste brasileiro. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.
2	ALMADA, E. D. et al. Traditional ecological knowledge of rural communities in areas of seasonally dry tropical forest in Serra do Cipó, Brazil. In: SANCHEZ-AZOFEIFA, A. et al. (Eds.). . Tropical Dry Forests in the Americas: Ecology, Conservation, and Management . [s.l.] CRC Press, 2013. p. 429–451.
3	AYRES, E. B. Inovações Agroecológicas para a Agricultura Familiar: um estudo de caso sobre Sistemas Agroflorestais no Alto Jequitinhonha-MG . Dissertação de Mestrado—Lavras - Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2008.
4	BRAGA, C. et al. Ethnozoology as complementary method to inventory medium and large-bodied mammals: the case study of Serra do Ouro branco, Brazil. Oecologia Australis , v. 22, n. 1, 12 mar. 2018.
5	CARVALHO, I. S. H. DE. Potenciais e limitações do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado: um estudo de caso da Cooperativa Grande Sertão no Norte de Minas . Dissertação de Mestrado—Brasília: Universidade de Brasília, 8 fev. 2007.
6	CARVALHO, I. S. H. DE. Campesinato e biodiversidade no Cerrado: um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol-MG) à luz da agroecologia . Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2013.
7	CORREIA, J. R. et al. Relações entre o conhecimento de agricultores e de pedólogos sobre solos: estudo de caso em Rio Pardo de Minas, MG. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 31, n. 5, p. 1045–1057, out. 2007.
8	CRUZ, M. J. B. et al. Uso de plantas medicinais por famílias do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. Infarma - Ciências Farmacêuticas , v. 27, n. 1, p. 38–48, 30 mar. 2015.
9	DAYRELL, C. A. Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais . Dissertação de Mestrado—Sede Ibero Americana - La Rábida: Universidade Internacional de Andalucia, 1998.
10	DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. Farmacopeia Popular do Cerrado . 1ª ed. Goiás - GO: Articulação Pacari, 2010.
11	DINIZ, R. F. Etnosaberes e culturas tradicionais 67tributes67leiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do Jequitinhonha-MG. GEOgraphia , v. 21, n. 47, p. 13–28, 2019.
12	DINIZ, R. F.; TUBALDINI, M. A. DOS S. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG – DOI 10.5216/ag.v5i2.15481. Ateliê Geográfico , v. 5, n. 2, p. 123–153, 26 ago. 2011.
13	FERNANDES, L. A. Et al. Local knowledge as related to chemical and physical soil 67tributes and land use. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 32, n. 3, p. 1355–1365, jun. 2008.
14	FILIPPO, D. C. Compreendendo A Relação Das Pessoas Com As Áreas Naturais Da Serra Do Cipó (Mg) Em Meio Às Transformações Do Espaço . Dissertação de Mestrado—Nazaré Paulista, São Paulo: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) –Escola Superior de Conservação Ambiental e Sudentabilidade, 2013.
15	GUIMARÃES, M. F. M. Plantas úteis em comunidades urbanas : a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais. Dissertação de Mestrado—Ouro Preto, Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

continua...

Quadro 1 (continuação) - Lista das publicações que analisam o conhecimento local, uso e manejo da biodiversidade por comunidades tradicionais e locais, na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

16	GRANDI, T. S. M. Et al. Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. Acta Botanica Brasilica , v. 3, n. 2, p. 185–224, 1989.
17	LIMA, I. L. P. Et al. Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do Estado de Minas Gerais, Brasil. Acta Botanica Brasilica , v. 26, n. 3, p. 675–684, set. 2012.
18	LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Sustainable Harvest of Mangaba (<i>Hancornia speciosa</i>) Fruits in Northern Minas Gerais, Brazil. Economic Botany , v. 67, n. 3, p. 234–243, 1 set. 2013.
19	LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Impacts of the implementation of silvopastoral systems on biodiversity of native plants in a traditional community in the Brazilian Savanna. Agroforestry Systems , v. 91, n. 6, p. 1069–1078, 1 dez. 2017.
20	MATEUS, M. B. et al. A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais. Biotemas , v. 24, n. 3, p. 111–117, 14 jun. 2011.
21	MATUK, F. A. et al. Ethnopedology of a Quilombola Community in Minas Gerais: Soils, Landscape, and Land Evaluation. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 41, 2017.
22	MAZZETTO-SILVA, C. E. Cerrados e Camponeses no Norte de Minas: Um estudo sobre a sustentabilidade dos ecossistemas e das populações sertanejas . Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
23	MESSIAS, M. C. T. B. et al. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais , v. 17, n. 1, p. 76–104, mar. 2015.
24	MONTEIRO, F. T. Nas fronteiras das Minas com os Gerais: as terras de uso comum e o uso coletivo de terras . Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
25	MONTEIRO, F. T. Os(as) Apanhadores(as) de Flores e o Parque Nacional das Sempre-Vivas (MG): travessias e contradições ambientais . Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
26	MONTEIRO, F. T. et al. Sistema Agrícola Tradicional da Serra do Espinhaço Meridional, MG: Transumância, biodiversidade e cultura nas paisagens manejadas pelos(as) apanhadores(as) de flores sempre-vivas. In: Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil . Coleção povos e comunidades tradicionais. 1. ed. Brasília - DF: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2019. v. 3p. 167–184.
27	NOGUEIRA, M. C. R. Gerais a dentro e a fora : identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. fev. 2009.
28	NUNES, J. D. et al. O extrativismo da fava d'anta (<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.) na região do Norte de Minas Gerais. Revista Brasileira de Plantas Medicinais , v. 14, n. 2, p. 370–375, 2012.
29	PINTO, L. C. L.; CRUZ, A. J. DO R.; PIRES, M. R. S. Incorporando o conhecimento ecológico local na conservação dos lagartos da serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. Bioscience Journal , v. 31, n. 2, 2015.
30	PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B.; PIRES, M. R. S. Conhecimentos e usos da fauna terrestre por moradores rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. Interciência: Revista de ciência y tecnología de América , v. 37, n. 7, p. 520–527, 2012.
31	PIRES, M. R. S.; PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B. Etnozoologia como instrumento para a conservação da fauna da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (Eds.). A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas . Recife: NUPEA, 2017. p. 473–493.
32	PRADO, A. C. C. et al. Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. Rodriguésia , v. 70, 2019.
33	RIBEIRO, E. M. et al. Gestão, uso e conservação de recursos naturais em comunidades rurais do Alto Jequitinhonha. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais , v. 7, n. 2, p. 77–77, 30 nov. 2005.
34	ROCHA, A. F.; HOEHNE, L. M. DE O.; ÂNGELO, M. A. Parauninha: entre serras, pelas águas, com gente . 2ª ed. Conceição do Mato Dentro: [s.n.].

continua...

Quadro 1 (conclusão) - Lista das publicações que analisam o conhecimento local, uso e manejo da biodiversidade por comunidades tradicionais e locais, na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil

35	ROSSI-SANTOS, B. R. DOS et al. The role of exotic species in traditional pharmacopeias of the Cerrado : a case study in southeast Brazil. Economic Botany , n. 72, p. 38–55, 2018.
36	SILVA, M. N. S. DA; TUBALDINI, M. A. DOS S. O PEQUI COMO RECURSO DE USO COMUM E PATRIMÔNIO CULTURAL SERTANEJO. Geo UERJ , v. 1, n. 25, p. 161–182, 11 jul. 2014.
37	URRIAGO-OSPINA, L. M. et al. Traditional ecological knowledge in a ferruginous ecosystem management: lessons for diversifying land use. Environment, Development and Sustainability , 9 mar. 2020.

6.1.2 Quadro 2 – Lista de publicações por comunidades locais e tradicionais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

Comunidades	Referência
Quilombolas	ALMADA, E. D. Entre as serras : etnoecologia de duas comunidades quilombolas no sudeste brasileiro. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.
	CARVALHO, I. S. H. DE. Potenciais e limitações do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado : um estudo de caso da Cooperativa Grande Sertão no Norte de Minas. Dissertação de Mestrado—Brasília: Universidade de Brasília, 8 fev. 2007.
	DINIZ, R. F. Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do Jequitinhonha-MG. GEOgraphia , v. 21, n. 47, p. 13–28, 2019.
	DINIZ, R. F.; TUBALDINI, M. A. DOS S. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG - DOI 10.5216/ag.v5i2.15481. Ateliê Geográfico , v.5, n. 2, p. 123–153, 26 ago. 2011.
	ROCHA, A. F.; HOEHNE, L. M. DE O.; ÂNGELO, M. A. Parauninha: entre serras, pelas águas, com gente. 2ª ed. Conceição do Mato Dentro: [s.n.].
	MATUK, F. A. et al. Ethnopedology of a Quilombola Community in Minas Gerais: Soils, Landscape, and Land Evaluation. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 41, 2017.
Geraizeiros	CARVALHO, I. S. H. DE. Potenciais e limitações do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado : um estudo de caso da Cooperativa Grande Sertão no Norte de Minas. Dissertação de Mestrado—Brasília: Universidade de Brasília, 8 fev. 2007.
	CARVALHO, I. S. H. DE. Campesinato e biodiversidade no Cerrado : um estudo sobre o Assentamento Americana (Grão Mogol-MG) à luz da agroecologia. Tese de Doutorado—Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2013.
	CORREIA, J. R. et al. Relações entre o conhecimento de agricultores e de pedólogos sobre solos: estudo de caso em Rio Pardo de Minas, MG. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 31, n. 5, p. 1045–1057, out. 2007.
	DAYRELL, C. A. Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. Dissertação de Mestrado—Sede Ibero Americana - La Rábida: Universidade Internacional de Andalucia, 1998.
	DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. Farmacopeia Popular do Cerrado. 1ª ed. Goiás - GO: Articulação Pacari, 2010.
	FERNANDES, L. A. et al. Local knowledge as related to chemical and physical soil attributes and land use. Revista Brasileira de Ciência do Solo , v. 32, n. 3, p. 1355–1365, jun. 2008.
	LIMA, I. L. P. et al. Diversidade e uso de plantas do Cerrado em comunidade de Geraizeiros no norte do Estado de Minas Gerais, Brasil. Acta Botanica Brasilica , v. 26, n. 3, p. 675–684, set. 2012.
	LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Sustainable Harvest of Mangaba (<i>Hancornia speciosa</i>) Fruits in Northern Minas Gerais, Brazil. Economic Botany , v. 67, n. 3, p. 234–243, 1 set. 2013.

continua...

Quadro 2 (continuação) – Lista de publicações por comunidades locais e tradicionais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

	LIMA, I. L. P.; SCARIOT, A.; GIROLDO, A. B. Impacts of the implementation of silvopastoral systems on biodiversity of native plants in a traditional community in the Brazilian Savanna. Agroforestry Systems , v. 91, n. 6, p. 1069–1078, 1 dez. 2017.
	MAZZETTO-SILVA, C. E. Cerrados e Camponeses no Norte de Minas: Um estudo sobre a sustentabilidade dos ecossistemas e das populações sertanejas . Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
	NOGUEIRA, M. C. R. Gerais a dentro e a fora : identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. fev. 2009.
Apanhadores (as) de flores sempre-vivas	MONTEIRO, F. T. Nas fronteiras das Minas com os Gerais: as terras de uso comum e o uso coletivo de terras . Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
	MONTEIRO, F. T. Os(as) Apanhadores(as) de Flores e o Parque Nacional das Sempre-Vivas (MG): travessias e contradições ambientais . Dissertação de Mestrado—Belo Horizonte, MG.: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
	MONTEIRO, F. T. et al. Sistema Agrícola Tradicional da Serra do Espinhaço Meridional, MG: Transumância, biodiversidade e cultura nas paisagens manejadas pelos(as) apanhadores(as) de flores sempre-vivas. In: Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil . Coleção povos e comunidades tradicionais. 1. ed. Brasília - DF: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2019. v. 3p. 167–184.
Comunidades rurais e urbanas	ALMADA, E. D. et al. Traditional ecological knowledge of rural communities in areas of seasonally dry tropical forest in Serra do Cipó, Brazil. In: SANCHEZ-AZOFEIFA, A. et al. (Eds.). . Tropical Dry Forests in the Americas: Ecology, Conservation, and Management . [s.l.] CRC Press, 2013. p. 429–451.
	AYRES, E. B. Inovações Agroecológicas para a Agricultura Familiar: um estudo de caso sobre Sistemas Agroflorestais no Alto Jequitinhonha-MG . Dissertação de Mestrado—Lavras - Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, 2008.
	BRAGA, C. et al. Ethnozoology as complementary method to inventory medium and large-bodied mammals: the case study of Serra do Ouro branco, Brazil. Oecologia Australis , v. 22, n. 1, 12 mar. 2018.
	CRUZ, M. J. B. et al. Uso de plantas medicinais por famílias do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil. Infarma - Ciências Farmacêuticas , v. 27, n. 1, p. 38–48, 30 mar. 2015.
	DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. Farmacopeia Popular do Cerrado. 1ª ed. Goiás - GO: Articulação Pacari, 2010.
	FILIPPO, D. C. Compreendendo A Relação Das Pessoas Com As Áreas Naturais Da Serra Do Cipó (Mg) Em Meio Às Transformações Do Espaço . Dissertação de Mestrado—Nazaré Paulista, São Paulo: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) -Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, 2013.
	GUIMARÃES, M. F. M. Plantas úteis em comunidades urbanas : a importância das espécies exóticas e do gênero na manutenção do conhecimento e uso dos recursos vegetais. Dissertação de Mestrado—Ouro Preto, Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

continua...

Quadro 2 (conclusão) – Lista de publicações por comunidades locais e tradicionais da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil.

GRANDI, T. S. M. et al. Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. Acta Botanica Brasilica , v. 3, n. 2, p. 185–224, 1989.
MATEUS, M. B. et al. A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais. Biotemas , v. 24, n. 3, p. 111–117, 14 jun. 2011.
MESSIAS, M. C. T. B. et al. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais , v. 17, n. 1, p. 76–104, mar. 2015.
NUNES, J. D. et al. O extrativismo da fava d'anta (<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.) na região do Norte de Minas Gerais. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais , v. 14, n. 2, p. 370–375, 2012.
PINTO, L. C. L.; CRUZ, A. J. DO R.; PIRES, M. R. S. Incorporando o conhecimento ecológico local na conservação dos lagartos da serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. Bioscience Journal , v. 31, n. 2, 2015.
PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B.; PIRES, M. R. S. Conhecimentos e usos da fauna terrestre por moradores rurais da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. Interciencia: Revista de ciencia y tecnología de América , v. 37, n. 7, p. 520–527, 2012.
PIRES, M. R. S.; PINTO, L. C. L.; MATEUS, M. B. Etnozoologia como instrumento para a conservação da fauna da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (Eds.). A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas . Recife: NUPEA, 2017. p. 473–493.
PRADO, A. C. C. et al. Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. Rodriguésia , v. 70, 2019.
RIBEIRO, E. M. et al. Gestão, uso e conservação de recursos naturais em comunidades rurais do Alto Jequitinhonha. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais , v. 7, n. 2, p. 77–77, 30 nov. 2005.
ROCHA, A. F.; HOEHNE, L. M. DE O.; ÂNGELO, M. A. Parauninha: entre serras, pelas águas, com gente . 2ª ed. Conceição do Mato Dentro: [s.n.].
ROSSI-SANTOS, B. et al. The role of exotic species in traditional pharmacopeias of the Cerrado : a case study in southeast Brazil. Economic Botany , n. 72, p. 38–55, 2018.
SILVA, M. N. S. DA; TUBALDINI, M. A. DOS S. O pequi como recurso de uso comum e patrimônio cultural sertanejo. Geo UERJ , v. 1, n. 25, p. 161–182, 11 jul. 2014.
URRIAGO-OSPINA, L. M. et al. Traditional ecological knowledge in a ferruginous ecosystem management: lessons for diversifying land use. Environment, Development and Sustainability , 9 mar. 2020.

Fonte: do autor.

6.2 APÊNDICE B – Tabelas

6.2.1 Tabela 2 - Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
Anura	Ranidae	<i>Rana sp.</i>	Rã					x	Diniz, 2019
Apodiformes	Trochilidae	<i>Florisuga sp.</i>	Beija-flor-do-rabo-preto, Beija-flor-de-perna-verde					x	Diniz, 2019
Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	Veado		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
	Tayassuidae	Pecari tajacu (Linnaeus, 1758)	Porco-do-mato		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
Carnivora	Canidae	<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	Raposa, Cachorro-do-mato						Braga et al., 2018
		<i>Chrysocyon brachyurus</i> (Illiger, 1815)	Lobo-guará	x				x	Braga et al., 2018, Diniz, 2019
	Felidae	<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	Jaguatirica, Gato-do-mato						Braga et al., 2018

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
		<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	Onça-parda						Braga et al., 2018
		<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	Onça-pintada		x		x		Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
	Mephitidae	<i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1785)	Gambá, Jaritataca						Braga et al., 2018
	Mustelidae	<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)	Irara						Braga et al., 2018
		<i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782)	Furão						Braga et al., 2018
		<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	Lontra, Ariranha						Braga et al., 2018
	Procyonidae	<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	Quati		x		x		Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
		<i>Procyon cancrivorus</i> (G. Cuvier, 1798)	Mão-pelada, Guaxinim						Braga et al., 2018

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
Cingulata	Dasypodidae	<i>Cabassous tatuouay</i> (Desmarest, 1804)	Tatu-do-rabo-mole, Tatu-rabo-de-chicote		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
		<i>Dasypus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758	Tatu-galinha						Braga et al., 2018
		<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	Tatu						Braga et al., 2018
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840	Gambá						Braga et al., 2018
Falconiformes	Falconidae	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	Acauã					x	Diniz, 2019
Gruiformes	Rallidae	<i>Aramides sp.</i>	Saracura					x	Diniz, 2019
Hymenoptera	Apidae	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758	Europa, Africana, Colomeia	x					Diniz, 2019
		<i>Geotrigona mombuca</i> (Smith, 1863)	Mombuca	x					Diniz, 2019

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
		<i>Melipona asilvai</i> Moure, 1971	Papa-terra	x					Diniz, 2019
		<i>Melipona mandacaia</i> Smith, 1863	Mandaçaia	x					Diniz, 2019
		<i>Melipona quadrifasciata</i> Lepeletier, 1836	Mandassaia						Monteiro, 2019
		<i>Melipona sp.</i>	Uruçu do chão, Uruçu de pau	x					Diniz, 2019
		<i>Nannotrigona testaceicornis</i> (Lepeletier, 1836)	Mombuquinha	x					Diniz, 2019
		<i>Plebeia droryana</i> (Friese, 1900)	Abelha mosquitinha						Monteiro, 2019
		<i>Scaptotrigona sp.</i>	Timirim-porta-branca, Timirim-porta-preta	x					Diniz, 2019

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
		<i>Scaura longula</i> (Lepeletier, 1836)	Jataí preta						Monteiro, 2019
		<i>Tetragona clavipes</i> (Fabricius, 1804)	Borá	x					Diniz, 2019
		<i>Tetragonisca angustula</i> (Latreille, 1811)	Jataí, Jataí-preguiçosa, Jataí-verdadeira						Monteiro, 2019; Diniz, 2019
		<i>Trigona spinipes</i> (Fabricius, 1793)	Abelha arapuá, irapuã	x					Diniz, 2019
	Formicidae	<i>Atta sp.</i>	Formiga-cabeçuda					x	
	Mutilidae	<i>Traumatomutila manca</i> (Cresson 1902)	Formiga-onça	x				x	Diniz, 2019
Lagomorpha	Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	Coelho-selvagem		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
Galiformes	Cracidae	<i>Ortalis sp.</i>	Aracuã, Aracom					x	Diniz, 2019
Orthoptera	Gryllotalpidae		Paquinha- de-telhado					x	Diniz, 2019
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Saltator sp.</i>	Trinca-ferro			x			Pinto et al., 2012
	Icteridae	<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	Guaxo					x	Diniz, 2019
	Turdidae	<i>Turdus sp.</i>	Sabiá					x	
Pilosa	Myrmecophagidae	Tamandua tetradactyla (Linnaeus, 1758)	Tamanduá-mirim	x	x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
		<i>Myrmecophaga tridactyla</i> (Linnaeus, 1758)	Tamanduá-bandeira						Braga et al., 2018
Primates	Callithrichidae	<i>Callithrix penicillata</i> (É. Geoffroy, 1812)	Miquinho						Braga et al., 2018
	Pitheciidae	<i>Callicebus nigrifrons</i> (Spix, 1823)	Macaco						Braga et al., 2018

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
Rodentia	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Paca		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
	Caviidae	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	Capivara		x				Braga et al., 2018; Pinto et al., 2012
		<i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777	Preá, Piriá						Braga et al., 2018
	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta sp.</i> Illiger, 1811	Paca						Braga et al., 2018
	Sciuridae	<i>Guerlinguetus brasiliensis</i> (Thomas, 1901)	Caxingulê, Miquinho						Braga et al., 2018
	Erethizontidae	<i>Coendou spinosus</i> F. Cuvier, 1823	Luiz-caxeiro, porco-espinho						Braga et al., 2018

continua...

Tabela 2 (continuação) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
Squamata	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758	Cobra-de-duas-cabeças, cobra-cega, cobra-da-terra, imbigão, minhocuçu				x		Mateus et al., 2011; Pires et al., 2017
	Diploglossidae	<i>Ophiodes striatus</i> (Spix, 1824)	Cobra-de-vidro				x		Pinto et al., 2015
	Elapidae	<i>Micrurus sp.</i>	Cobra-coral					x	Diniz, 2019
	Gekkonidae	<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau De Jonnés, 1818)	Lagartixa, Briba						Pinto et al., 2015
	Gymnophthalmidae	<i>Heterodactylus imbricatus</i> Spix, 1825	Cobra-de-patas				x		Pinto et al., 2015
	Leiosauridae	<i>Enyalius perditus</i> Jackson, 1978	Cambaleão						Pinto et al., 2015

continua...

Tabela 2 (conclusão) – Conhecimento e uso de animais silvestres por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de uso e conhecimento da fauna: medicinal = **Med**; alimentar = **Ali**; comercial = **Com**; conflito = **Con**; simbólico-cultural = **Cul**. * relação conflituosa, geralmente os animais são mortos em ocasiões de encontro por representarem perigo.

Ordem	Família	Espécie	Nome Popular	Conhecimentos e usos					Referência
				Med	Ali	Com	Con*	Cul	
		<i>Enyalius bilineatus</i> (Duméril & Bibron, 1837)	Cambaleão						Pinto et al., 2015
	Teiidae	<i>Salvator merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	Teiú, Lagarto	x	x		x		Pinto et al., 2015
	Tropiduridae	<i>Tropidurus itambere</i> Rodrigues, 1987	Calango						Pinto et al., 2015
		<i>Tropidurus torquatus</i> (Wied- neuwied, 1820)	Calango						Pinto et al., 2015
Testudines	Testudinidae	<i>Geochelone sp.</i>	Cágado	x					Diniz, 2019
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus sp.</i>	Inhambú		x				Pinto et al., 2012

Fonte: elaborado pelo autor.

6.2.2 Tabela 3 - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out						
Acanthaceae	<i>Aphelandra colorata</i> (Vell.) Wassh.	Suspiro						x													x	Guimarães, 2016	
	<i>Pachystachys lutea</i> (Ruiz & Pav. ex Schult.) Nees	Camarão						x														x	Guimarães, 2016
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	Sabugueiro	x																			x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Sambucus nigra</i> L.	Não informado	x																		x		Rossi-Santos et al., 2018
Aizoaceae	<i>Tetragonia tetragonoides</i> (Pall.) Kuntze	Espinafre	x				x														x		Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina 2020
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Chapéu-de-couro	x																			x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli	Chapéu-de-couro	x																			x	Almada et al. 2013; Prado et al. 2019
Alstroemeriaceae	<i>Bomarea edulis</i> (Tussac) Herb.	Cará-de-caboclo	x																			x	Messias et al. 2005
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Perpétua-branca, Terramicina	x																			x	Messias et al. 2005; Prado et al. 2019; Urriago-Ospina 2020
	<i>Alternanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb.	Dipirona, Novalgina	x																		x		Messias et al. 2005; Prado et al. 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Alternanthera sessilis</i> (L.) DC.	Piriquito, Perpétua	x																x	Grandi et al. 1989
	<i>Amaranthus spinosus</i> L.	Carurú	x																x	Messias et al. 2005
	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Carurú-de-porco	x			x												x		Guimarães, 2016; Prado et al. 2019
	<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba, Acelga	x			x												x		Messias et al. 2005; Monteiro, 2019; Urriago-Urriago-Ospina et al. 2020
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Erva de Sta. Maria.	x								x								x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Gomphrena arborescens</i> L.f.	Paratudo	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Pérpetua roxa, Angélica	x															x		Guimarães, 2016
	<i>Gomphrena scapigera</i> Mart.	Dipirona, Novalgina	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Iresine diffusa f. herbstii</i> (Hook.) Pedersen	Coração Magoado, Cruzeiro-vermelha, Manjerição de N. Sr. dos Passos, Republicana, Catinga-de-Mulata	x															x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Urriago-Urriago-Ospina et al., 2020

continua....

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	Penicilina, Terramicina	x																x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Pfaffia gnaphaloides</i> (L.f.) Mart.	Terramicina, perpétua-branca	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Spinacia oleracea</i> L.	Espinafre	x																x	Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019
Amaryllidaceae	<i>Allium ascalonicum</i> L.	Alho paulista	x																x	Grandi et al., 1989
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola-de-cabeça	x			x							x						x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	x			x													x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	x			x								x					x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out					
	<i>Hippeastrum reginae</i> (L.) Herb.	Lírio-vermelho							x											x	Guimarães, 2016	
Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.	Caju-do-campo	x																	x	Almada 2012; Alamda et al., 2013; Messias et al., 2005	
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju, Cajuzinho	x				x													x	Almada et al. 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Grandi et al. 1989; Lima et al. 2012; Monteiro, 2019	
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçalves, Gonçalo-Alves, Gonçalo	x																	x	Almada et al. 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Fernandes et al., 2008; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999	
	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl.	Aroeirão	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, Manga-aroeira	x	x				x													x	Alamda et al., 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira		x	x										x					x	Almada 2012; Almada et al. 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Fernandes et al., 2008; Guimarães, 2016; Mazzeto-Silva, 2016; Ribeiro et al., 2015
	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	Pau-preto																		x	Fernandes et al., 2008
	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	Aroeira, Aroerinha	x	x	x	x											x	x		x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela				x														x	Almada 2012
	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu				x				x										x	Carvalho 2007
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Pombeiro	x																	x	Fernandes et al., 2008; Rossi-Rossi-Santos et al., 2018
Annonaceae	<i>Annona coriacea</i> Mart.	Panam				x														x	Mazzeto-Silva, 1999
	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Articum, Cabeça-de-negro, Panã					x			x										x	Almada 2012; Almada et al. 2013; Carvalho 2007; Fernandes 2008; Lima et al. 2012; Lima et al., 2017; Prado et al., 2019; Ribeiro et al., 2015
	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	x	x		x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Annona reticulata</i> L.	Graviola	x															x		Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Annona sylvatica</i> A.St.-Hil.	Articum-cagão, Araticum-do-Mato				x													x	Almada et al. 2013; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019
	<i>Duguetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	Articum-cupim				x													x	Almada et al. 2013; Carvalho, 2013
	<i>Guatteria villosissima</i> A.St.-Hil.	Pindaíba, Embira	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Xylopiã brasiliensis</i> Spreng.	Pindaíba, Pimenta-de-macaco, Embira	x	x															x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Xylopiã emarginata</i> Mart.	Pindaíba																	x	Fernandes et al., 2008
	<i>Xylopiã nitida</i> Dunal	Pindaíba, Pimenta-de-Macaco	x		x														x	Almada et al. 2013; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Xylopiã sericea</i> A.St.-Hil.	Embira		x	x												x		x	Guimarães, 2016
Apiaceae	<i>Apium graveolens</i> L.	Aipo, Salsão	x			x												x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Apium prostratum</i> Labill. Eex Vent.	Agrião, Agrião-da-folha-grande, Agrião-grande	x			x													x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Arracacia xanthorrhiza</i> Bancr.	Baroa, Cenourão				x												x		Monteiro, 2019; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Centella asiatica</i> (L.) Urb.	Centela-asiática, Erva-capitão, Violina	x															x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Conium maculatum</i> L.	Cicuta	x											x				x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	x			x												x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Cyclospermum leptophyllum</i> (Pers.) Sprague	Funcho	x															x		Messias et al., 2005
	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	x			x												x		Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Eryngium humboldtii</i> F. Delaroché	Língua-de-tucano	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Ferula assa-foetida</i> L.	Assa-fétida, enxota-diabo	x															x		Guimarães, 2016

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce, Funcho	x																x		Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Aniz, Erva-doce	x																x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
Apocynaceae	<i>Allamanda blanchetii</i> A.DC.	Quatro patacas	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda, Erva-mate, Quatro patacas amarelas, Dedal-de-aurélia	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Oficial de sala, Paina de sapo, Erva de rato.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Müll. Arg.	Peroba			x															x	Almada et al. 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out						
	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.	Peroba rosa, Chapéu-de-couro	x		x																x	Almada et al. 2013; Lima et al., 2017	
	<i>Aspidosperma olivaceum</i> Müll.Arg.	Canudo		x	x																	x	Almada et al. 2013
	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	Peroba			x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Aspidosperma ramiflorum</i> Müll. Arg.	Tambu			x																	x	Almada et al. 2013
	<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart.	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Pereira, Pereiro-de-chapada	x		x																	x	Almada et al. 2013; Lima et al., 2017; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Cascabela thevetia</i> (L.) Lippold	Chapéu-de-Napoleão	x																			x	Grandi et al., 1989
	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Boa noite, Vinca	x																			x	Grandi et al., 1989
	<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Pereira																			x	x	Diniz, 2019
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	x			x					x											x	Almada 2012; Almada et al. 2013; Carvalho 2007; Fernandes et al., 2008; Grandi et al., 1989; Lima et al. 2012; Ribeiro et al., 2015; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Tibórnia	x																			x	Carvalho, 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Mandevilla pycnantha</i> (Steud.) Woodson	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon	Velame, Velame-do-campo, Velamo, Velame branco	x																			x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	x																		x	Grandi et al., 1989	
	<i>Prestonia erecta</i> (Malme) J.F.Morales	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Ilex chamaedryfolia</i> Reissek	Congonha-folha-miúda	x																			x	Guimarães, 2016
Aquifoliaceae	<i>Ilex conocarpa</i> Reissek	Congonha-dogentio	x																			x	Messias et al., 2005
	<i>Ilex diuretica</i> Mart. ex Reissek	Congonha, Congonha da Serra	x																			x	Grandi et al., 1989
	<i>Ilex loranthoides</i> Mart. ex Reissek	Congonha-de-campo-alegre	x																			x	Messias et al., 2005
	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.-Hil.	Erva-mate	x																			x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	Antúrio						x													x	Prado et al., 2019	
	<i>Anthurium froebelii</i>	Antúrio-vermelho, Jorge-Tadeu						x													x	Guimarães, 2016	

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Inhame-branco, Inhame	x			x													x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Comigo-ninguém-pode	x				x													x	Diniz, 2019; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão						x											x		Prado et al., 2019
	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taioba	x																	x	Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019
	<i>Xanthosoma taioba</i> E.G.Gonç.	Taioba	x			x														x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Copo-de-leite						x											x		Urriago-Ospina et al., 2020
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Araucária		x		x		x												x	Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Araliaceae	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	Mandioca-do-campo, Violeiro	x									x								x	Lima et al., 2017; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex R.Keith	Macaúba			x	x												x		x	Almada et al. 2013; Mazzeto-Silva, 1999; Ribeiro et al., 2015
	<i>Attalea geraensis</i> Barb.Rodr.	Coco-católé, Pindoba			x															x	Nogueira 2009
	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Macaúba																x		x	Diniz, 2019
	<i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc.	Coquinho-azedo				x				x										x	Carvalho 2007, Fernandes et al., 2008
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco da Bahia																	x		Monteiro, 2019
	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmito				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí				x									x					x	Guimarães, 2016
	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti																		x	Fernandes et al., 2008
	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Licuri								x	x									x	Lima et al. 2012
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc.	Jarrinha, Papo-de-Peu, Milhome	x																	x	Grandi et al., 1989
Asparagaceae	<i>Agave americana</i> L.	Piteira																x	x		Almada et al. 2013; Grandi et al., 1989
	<i>Agave amica</i> (Medik.) Thiede & Govaerts	Angélica	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Asparagus officinalis</i> L.	Melindre, Melindro	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop	Melindro	x																	x	Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco			
	<i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw	Piteira	x					x			x	x					x	x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Herreria salsaparilha</i> Mart.	Japecanga, salsaparrilha	x															x	Grandi et al., 1989; Carvalho, 2013; Messias et al., 2005
	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Espada-de-ogum					x	x										x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Sansevieria hyacinthoides</i> (L.) Druce	Espada-de-São-Jorge					x											x	Diniz, 2019
	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	x				x	x										x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Asphodelaceae	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Babosa	x							x								x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	x											x	x			x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapichinho, Erva-tostão, Fel-da-terra	x															x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Não informado	x															x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Achillea millefolium</i> L.	Milefólio, Mil-em-folhas, Dipirona, Novalgina, Anador	x																x		Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Marcela, Macela, Macelinha	x																	x	Alamda et al., 2013; Carvalho, 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Acmella oleracea</i> (L.) R.K.Jansen	Jambú	x																x		Messias et al., 2005
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Erva-de-São João, Catinga-de-bode, Mentrasto, Mastruço, Mastruz, Mentruz	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Anthemis cotula</i> L.	Macelinha, Marcelinha, Macelinha Galega.	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Arctium lappa</i> L.	Bardana	x																x		Alamda et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna, Losma, Absinto, Artemijo	x																x		Alamda et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Artemisia alba</i> Turra	Alcanfor, Artemisia, Artemijo, Cânfora, Cânfora-de-Jardim, Losna, Losna-miúda	x																x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemisia, Artemijo, Absinto, Losna-brava	x																x		Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Austro eupatorium inulaefolium</i> (Kunth) R.M.King & H.Rob., 1970	Porrete	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	Carqueja	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim, Vassourinha, Alecrim-do-campo	x	x			x										x		x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	x																x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão, Carrapicho, Picanço.	x			x	x												x	Messias et al., 2005; Almda et al., 2013; Guimarães, 2016; Rossi-Santos et al., 2018; Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019; Urriago et al., 2020; Carvalho, 2013
	<i>Bidens rubifolia</i> Kunth	Carrapicho, Picão	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula, Mal-me-quer	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Chamaemelum nobile</i> (L.) All.	Macelinha, Macela, Marcela, Macela- miúda, Camomila romana	x																x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pol.	Lanceta, Língua-de-vaca	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Chromolaena squalida</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	Erva-de-são-miguel	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Chrysanthemum morifolium</i> Ramat.	Monsenhor						x											x		Guimarães, 2016
	<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão, Chicória				x													x		Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Cota tinctoria</i> (L.) J.Gay	Camomila amarela.	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg. ex Sweet	Camomila	x																x		Messias et al., 2005
	<i>Cosmos caudatus</i> Kunth	Avoadeira	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Cyrtocymura scorpioides</i> (Lam.) H.Rob.	Erva-preá, Erva-de-coelho	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália						x											x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Erva-botão	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Elephantopus scaber</i> L.	Fumo bravo	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. ex DC.	Pincel-de-estudante, Emília, Serralha	x																x		Messias et al., 2005
	<i>Erechtites hieraciifolius</i> (L.) Raf. ex DC.	Caruru-amica, Maria-amica	x			x														x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Erechtites valerianifolius</i> (Link ex Spreng.) DC.	Caruru-amica, Maria-amica				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Candeia	x	x	x															x	Alamda et al., 2013; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Eremanthus glomerulatus</i> Less.	Candeião		x																x	Guimarães, 2016
	<i>Erigeron bonariensis</i> L.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Fazendeiro, Picão-branco, Botão-de-ouro	x																	x	Messias et al. 2005; Grandi et al. 1989
	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp.	Boldo, Bordo, Necrotom, Boldo-chinês, Boldo-do-chile, Boldo-do-sertão, Dipirona, Alumã, Chantinon, Alonça, Marcelão, Boldo-assa-peixe, Boldo-de-árvore	x																	x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	x						x										x		Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019
	<i>Lactuca canadensis</i> L.	Almeirão-roxo	x			x													x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Lessingianthus linearifolius</i> (Less.) H.Rob.	Arnica	x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Lychnophora brunioides</i> Mart.	Arnica, Arnica-da-serra, Arnica-do-campo,	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Arnica-da-serra, Arnica-do-campo, Arnica	x																	x	Messias et al., 2005; Rossi-Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Lychnophora pinaster</i> Mart.	Arnica	x																	x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila, Macelinha	x																x		Cruz et al., 2015; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Moquiinastrum polymorphum</i> (Less.) G.Sancho	Candeia		x																x	Diniz, 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco, Guaiaco	x																		x	Cruz et al., 2015; Grandi et al. 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	Cipó cabeludo, Cipó miluca	x																		x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Pectis brevipedunculata</i> (Gardner) Sch.Bip.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker.	Assa-peixe-do-mato	x																		x	Almada et al. 2013
	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Quitoco, Tabacarana, Marcelão	x			x															x	Carvalho, 2013; Diniz, 2019; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Senecio brasiliensis</i> (Spreng.) Less.	Cardo-morto, Flor-das-almas	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H.Rob	Batata-iacon	x			x															x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica, Ponta-livre	x																		x	Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989
	<i>Solidago microglossa</i> DC.	Ponta livre, Arnica do campo, Arnica do mato, Escovinha, Erva lanceta.	x																		x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha, Dente-de-leão	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Symphopappus decemflorus</i> H.Rob.	Pustemão	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Symphotrichum subulatum</i> (Michx.) G.L.Nesom	Quebra-junta	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Synedrella nodiflora</i> (L.) Gaertn.	Canela-de-urubu	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-de-defunto	x						x						x					x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019
	<i>Tagetes minuta</i> L.	Cravo-do-mato	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch.Bip	Artemijo, Artemigem dos jardins	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga-de-mulata, Pluma, Tasneira, Pluma da Pérsia, Catinga-de-porco.	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Taraxacum campylodes</i> G. E. Haglund	Dente-de-leão	x			x															Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Taraxacum officinale</i> F.H.Wigg.	Dente-de-leão, Serralha	x																	x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Trixis divaricata</i> (Kunth) Spreng.	Solidônia	x																		x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005	
	<i>Vernonanthura patens</i> (Kunth) H.Rob.	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H.Rob.	Assapeixe, Assa-peixe-cheiroso	x																			x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Spreng.) A.J.Vega & Dematt.	Assa-peixe-do-Reino, Assa-peixe	x	x			x															x	Almada et al. 2013; Grandi et al., 1989
	<i>Wunderlichia mirabilis</i> Riedel ex Baker	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018
Balsaminaceae	<i>Impatiens balsamina</i> L.	Beijo-branco, Beijo, Beijinho	x																		x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005	
Begoniaceae	<i>Begonia aconitifolia</i> A.DC.	Begônia						x														x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Begonia angularis</i> Raddi	Sete-sangrias	x																			x	Guimarães, 2016
	<i>Begonia bowerae</i> Ziesenh.	Begônia						x													x	Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Begonia rufa</i> Thunb.	Azedinha-do-brejo	x					x														x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Begonia ulmifolia</i> Willd.	Begônia, sete-sangrias	x																			x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex De Souza	Não informado	x																			x	Grandi et al., 1989; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Cuspidaria sceptrum</i> (Cham.) L.G.Lohmam	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Fridericia platyphyla</i> (Cham.) L.G. Lohmam	Cervejinha	x																		x	Carvalho, 2013; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê-amarelo	x					x													x	Mazzeto-Silva, 1999; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-amarelo	x															x			x	Guimarães, 2016
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-roxo Pau d'arco	x								x										x	Almada et al. 2013
	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	Cinco Folhas, Ipê, Ipê-amarelo	x		x																x	Grandi et al., 1989; Lima et al., 2017
	<i>Jacaranda brasiliana</i> (Lam.) Pers.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	Carobinha	x																		x	Carvalho, 2013; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Jacarandá		x	x																x	Almada et al. 2013
	<i>Jacaranda paucifoliolata</i> Mart. ex DC.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Podranea ricasoliana</i> (Tanfani) Sprague	Sete-léguas						x										x		Guimarães, 2016	
	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Cipó-de-são-joão	x										x							x	Alamda et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.fil. ex S.Moore	Caraíba			x															x	Lima et al., 2017
	<i>Tynanthus elegans</i> Miers	Cipó Cravo Trindade	x																x	x	Almada et al. 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Zeyheria montana</i> Mart.	Bolsa-de-pastor			x															x	Almada et al. 2013
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	x			x							x							x	Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Diniz, 2019
	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrack) Pilg.	Algodãozinho	x																	1	Carvalho, 2013; Rossi-Santos et al., 2018
Boraginaceae	<i>Borago officinalis</i> L.	Borragem	x																x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	Capitão-do-mato	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boragem Brava, Crista de galo.	x																	x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Myriopus maculatus</i> (Jacq.) Feuillet	Marmelinho-do-Campo.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei, Borragem, Maria-preta	x			x														x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Symphytum ×uplandicum</i> Nyman	Confrei, Consólida maior.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Erva-baleeira, Balieira, Maria preta, Crista de galo	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Varronia leucocephala</i> (Moric.) J.S.Mill.	Moleque-duro	x																	x	Carvalho, 2013
Brassicaceae	<i>Brassica nigra</i> (L.) W.D.J.Koch	Mostarda negra	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve, Couve-flor, Brócolis, Mostarda, Repolho	x			x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Brassica rapa</i> L.	Mostarda, Nabo	x			x														x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Eruca vesicaria</i> (L.) Cav.	Rúcula	x			x														x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Lepidium didymum</i> L.	Mentruste, Mentrasto, Mentrusto, Mentruz	x			x															x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Lepidium ruderale</i> L.	Mastruz, Mastruço	x																		x	Messias et al., 2005	
	<i>Nasturtium officinale</i> W.T.Aiton	Agrião	x			x															x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Raphanus raphanistrum</i> subsp. sativus (L.) Domin	Rabanete				x															x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019	
	<i>Rorippa africana</i> (Braun-Blanq.) Maire	Agrião-comprido				x															x	Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Sinapis alba</i> L.	Mostarda				x															x	Monteiro, 2019; Prado et al., 2019	
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi				x															x	Almada et al. 2013; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Ribeiro et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Não informado	x			x																x	Prado et al., 2019
Burseraceae	<i>Bursera leptophloeos</i> Mart.	Imburana-de-cambão		x																		x	Diniz, 2019
	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Amescla Armesca		x																		x	Almada et al. 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Quiabo-do-Capeta				x													x	Almada et al. 2013
	<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Mill.	Palma				x		x										x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nobis, lobrobó	x					x											x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	Ora-pro-nobis-de-árvore				x													x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Pilosocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) Backeb.	Cacto, Mandacaru											x						x	Prado et al., 2019
	<i>Rhipsalis baccifera</i> (J.S.Muell.) Stearn	Chico-pelado					x												x	Diniz, 2019
	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran	Flor-de-maio, Flor-de-seda						x											x	Prado et al., 2019
Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	Crista-de-peru	x																x	Messias et al., 2005
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Grandiúva	x																x	Messias et al., 2005
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltldl.	Sabugueiro	x																x	Guimarães, 2016
	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabueiro	x																x	Almada et al., 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	x			x													x		Almada 2012; Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi	x			x														x	Almada 2012; Almada et al., 2013; Carvalho 2007; Fernandes et al., 2008; Lima et al., 2012; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Messias et al., 2005; Nogueira 2009; Ribeiro et al., 2015; Silva e Tubaldini 2014	
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo, cravina, flor-de-brinco	x				x													x	Diniz, 2019; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016;	
	<i>Dianthus chinensis</i> L.	Não informado	x																	x	Grandi et al., 1989	
Celastraceae	<i>Monteverdia evonymoides</i> (Reissek) Biral	Não informado	x																		Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Monteverdia gonoclada</i> (Mart.) Biral	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Maytenus salicifolia</i> Reissek	Cafezinho-do-campo	x																		x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out						
	<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	Espinheira-santa	x																		x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005	
	<i>Peritassa campestris</i> (Cambess.) A.C.Sm.	Rufão	x			x				x												x	Lima et al. 2012
	<i>Plenckia populnea</i> Reissek	Mangabeira-brava			x																	x	Lima et al., 2017
	<i>Salacia crassifolia</i> (Mart.) G.Don	Bacupari Bago-de-pari	x			x																x	Almada et al., 2013
	<i>Tontelea micrantha</i> (Mart.) A.C. Sm.	Rufão	x																			x	Carvalho, 2013
Chloranthaceae	<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart.	Chá-de-soldado	x																			x	Messias et al., 2005
Cleomaceae	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Mussambê, Mussambê de espinho	x																			x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
Clusiaceae	<i>Garcinia brasiliensis</i> C.Mart.	Bacupari	x			x																x	Guimarães, 2016; Rossi-Santos et al., 2018
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Capitão	x		x																	x	Lima et al., 2017
	<i>Terminalia fagifolia</i> Mart.	Mossambé			x																	x	Lima et al. 2012
	<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.	Cambuí			x																	x	Almada et al., 2013
Commelinaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-empenca					x															x	Guimarães, 2016
	<i>Commelina benghalensis</i> L.	Marianinha	x																		x		Messias et al., 2005
	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh	Trapoeiraba	x																		x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Tripogandra diuretica</i> (Mart.) Handlos	Trapoeiraba, Capoeiraba.	x																			x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências					
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out				
Convolvulaceae	<i>Tripogandra serrulata</i> (Vahl) Handlos	Trapoerababrosa, Marianinha	x																		x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005		
	<i>Cuscuta suaveolens</i> Ser.	Chipó-chumbo	x																			x	Grandi et al., 1989	
	<i>Cuscuta umbellata</i> Kunth	Cipó-chumbo	x																			x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019	
	<i>Distimake tomentosus</i> (Choisy) Petrongari & Sim.-Bianch.	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	x				x															x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	Cipó-cinco-folhas	x																			x	x	Guimarães, 2016
	<i>Ipomoea purpurea</i> (L.) Roth.	Cipó-batata	x																			x	x	Guimarães, 2016
	<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Batata-de-purga	x																				x	Carvalho, 2013
	<i>(G.Don) D.F.Austin & Staples</i>	Jalapa	x																				x	Almada et al., 2013
<i>Operculina turpethum</i> (L.) Silva Manso	Jalapa	x																			x	Grandi et al., 1989		
Costaceae	<i>Costus comosus</i> (Jacq.) Roscoe	Canela-de-macaco, Caninha-de-macaco, Pacová	x																		x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005		

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Bananinha-domato, Caninha-de-macaco	x	x		x													x		Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Caninha-de-macaco, Cana-de-macaco	x																	x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Rossi-Rossi-Santos et al., 2018
Crassulaceae	<i>Cotyledon orbiculata</i> L.	Bálsamo, Baço, Baspo	x																x		Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Echeveria elegans</i> Rose	Rosa-de-pedra						x											x		Guimarães, 2016
	<i>Kalanchoe fedtschenkoi</i> Raym.-Hamet & Perrier	Calancóe					x	x											x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Kalanchoe gastonis-bonnierei</i> Raym.-Hamet & Perrier	Árvore-de-natal	x																x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.	Saião, Folha-de-estalo	x			x													x		Guimarães, 2016
	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Bálsamo, saião, Clorama, Folha-da-fortuna	x			x	x	x											x		Carvalho, 2013; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out					
	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC.	Bálsamo, Basto	x																x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Benincasa pruriens</i> (Parkinson) De Wild. & Duyfjes	Abóbora-d'água				x													x		Urriago-Ospina et al., 2020	
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia																	x		Monteiro, 2019	
	<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe																		x	Monteiro, 2019	
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	x																x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora, Abobrinha	x			x													x		Messias et al., 2005; Prado et al., 2019	
	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	Abóbora-de-porco	x			x													x		Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Cucurbita moschata</i> (Duchesne) Duchesne ex Poir.	Abóbora	x			x													x		Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Cyclanthera pedata</i> (L.) Schrad.	Maxixe-lise				x													x		Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Fevillea trilobata</i> L.	Fava de Sto. Inácio, Gindiroba.	x																	x		Grandi et al., 1989
	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Cabaça	x																x		Messias et al., 2005; Monteiro, 2019	

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha, Buchinha-do-norte	x																	x	Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019
	<i>Melothrianthus smilacifolius</i> (Cogn.) Mart. Crov.	Cipó-azougue, Cabaça-amargosa, Catingueira	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São-Caetano	x			x														x	Almada et al., 2013; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	x			x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Cupressaceae	<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartw. ex Gordon	Arvrinha-de-natal						x												x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Cupressus sempervirens</i> L.	Cipreste	x																	x	Grandi et al., 1989
Cyatheaceae	<i>Cyathea phalerata</i> Mart.	Samambaiçu	x																	x	Messias et al., 2005
Cyperaceae	<i>Cyperus esculentus</i> L.	Tiririca	x																	x	Messias et al., 2005
Dennstaedtiaceae	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Samambaia do mato				x														x	Almada et al., 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Pteridium arachnoideum</i> (Kaulf.) Maxon	Samambaia, Broto-de-samambaia	x			x		x												x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia sellowiana</i> (C.Presl) Hook.	Xaxim	x			x														x	Guimarães, 2016
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	Bugre da Serra, Sambaibinha	x																	x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipó-caboclo, Cipó-carijó, Cuitezinho, Sambaibinha, Sambaíba.	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará				x														x	Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	Cará-do-ar	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Dioscorea trifida</i> L.f.	Cará																		x	Monteiro, 2019
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L. f.	Caqui	x			x														x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Diospyros tetrasperma</i> Sw.	Maria-preta		x	x														x	Almada et al., 2013	
Equisetaceae	<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha	x																x	Guimarães, 2016	
	<i>Equisetum giganteum</i> L.	Cavalinha, Cavalinha-do-brejo, Caninha-do-brejo, Bambuzinho	x																x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020	
Ericaceae	<i>Rhododendron indicum</i> (L.) Sweet	Azaléia						x											x	Guimarães, 2016	
	<i>Rhododendron simsii</i> Planch.	Azaléia						x											x	Prado et al., 2019	
Euphorbiaceae	<i>Croton antisyphiliticus</i> Mart.	Canela-de-perdiz, Pé-de-perdiz	x															x	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	Pixingui	x	x																x	Guimarães, 2016
	<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangue-de-drago, Sangra-d'água	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra-d'água	x	x																x	Fernandes et al., 2008; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Euphorbia parviflora</i> L.	Erva andorinha, Erva de Sta. Luzia.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Euphorbia potentilloides</i> Boiss.	Não informado	x																		x

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	Erva-de-santa-luzia, Santa Luzia	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Bico-de-papagio						x													x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Euphorbia serpens</i> Kunth	Quebra pedra rasteiro	x																		x	Grandi et al., 1989
	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós, Bambuzinho	x																		x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Jatropha multifida</i> L.	Anador, Dipirona, Novalgina, Baspo	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Cotieira, Andá-assú, Fruta de cotia, Bolheira, Boleira	x																		x	Grandi et al., 1989
	<i>Mabea fistulifera</i> Mart.	Canudo-de-pito		x	x																x	Guimarães, 2016
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	x			x															x	Almada et al., 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Ribeiro et al., 2015; Urriago-Ospina et al., 2020;

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	x	x												x		x	x		Almada 2012; Diniz, 2019; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Pau-de-leite		x																x	Guimarães, 2016	
	<i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng.	Cantarina			x															x	Almada et al., 2013	
Fabaceae	<i>Aeschynomene paniculata</i> Willd. ex Vogel	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	Amburana, Cumaru, Imburana	x		x															x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016	
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico-Branco			x													x		x	Almada et al., 2013; Fernandes et al., 2008; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Garapa		x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim	x																	x		Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências								
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out							
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata-de-vaca	x																							x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira-branca, Sucupira-preta			x													x								x	Almada et al., 2013; Diniz, 2019; Fernandes et al., 2008; Guimarães, 2016; Lima et al. 2012; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Ribeiro et al., 2015;
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão-andu, Feijão-guandú, Feijão-goma	x																							x	Almada 2012; Diniz e Tubaldini 2011; Guimarães, 2016; Messias et al., 2015; Ribeiro et al., 2015
	<i>Calliandra tweedii</i> Benth.	Esponjinha-vermelha							x																	x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Centrosema bracteosum</i> Benth.	Cervejinha do campo	x																							x	Almada et al., 2013
	<i>Cerradicola elliptica</i> (Desv) L.P. Queiroz	Não informado	x																							x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Chamaecrista cathartica</i> (Mart.) H.S. Irwin & Barneby	Sene Falsa, Seno, Sena	x																							x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Chamaecrista choriophylla</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.) Benth.	Catuaba Falsa, Arnica do Mato	x																			x	Grandi et al., 1989
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Pau-d'óleo, Copaíba	x																			x	Almada et al., 2013, Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Mazzeto-Silva, 1999; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Copaifera reticulata</i> Ducke	Pau-d'óleo, Copaíba	x																			x	Messias et al., 2005
	<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	Jacarandá			x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth.	Caviúna			x																	x	Fernandes et al., 2008; Lima et al., 2017
	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	Jacarandá-cabiuna			x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	Carrapichinho	x															x	x				Guimarães, 2016; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Fava d'anta			x					x												x	Mazzeto-Silva, 1999; Nunes et al., 2012
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Tamboril																				x	Diniz e Tubaldini 2011

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.)	Espirradeira			x															x	Almada et al., 2013
	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	Sabueiro																x		x	Almada 2012
	<i>Erythrina mulungu</i> Mart.	Mulungu	x																	x	Diniz, 2019; Grandi et al., 1989
	<i>Grona adscendens</i> (Sw.) H. Ohashi & K. Ohashi	Carrapicho, Carrapicho de beijo de boi, Carrapicho de carneiro	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá, Jatobá-do-mato	x																	x	Almada et al., 2013; Messias et al., 2005
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	x		x	x														x	Grandi et al., 1989; Lima et al., 2012; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anileira, Folha-de-anil	x										x					x		x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Inga sessilis</i> Mart.	Ingá, Angá	x			x														x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Lablab purpureus</i> (L.) Sweet	Mangaló																	x		Monteiro, 2019
	<i>Leptolobium dasycarpum</i> Vogel	Unha-d'anta	x		x							x	x							x	Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Leucena																	x		Diniz e Tubaldini 2011	
	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	Pau-Ferro, Jucá, Fava Santa	x																		x	Grandi et al., 1989
	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	Pau-de-espinho			x																x	Prado et al., 2019
	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	Jacarandá			x																x	Lima et al., 2017
	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	Jacarandá-preto			x																x	Prado et al., 2019
	<i>Medicago sativa</i> L.	Alfafa	x																x			Grandi et al., 1989
	<i>Melanoxylon brauna</i> Schott	Braúna	x		x																x	Almada 2012; Almada et al., 2013; Diniz, 2019; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Mimosa dolens</i> Vell.	Unha-de-gato	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Faveira		x	x																x	Almada et al., 2013
	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	Alcassuz	x																	x		Carvalho, 2013
	<i>Phaseolus lunatus</i> L.	Fava, Feijão-fava				x														x		Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão, Feijão-carioquinha				x														x		Almada et al., 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr	Angico, Jacaré	x	x	x															x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth	Vinhático			x												x			x	Almada et al., 2013; Guimarães, 2016; Lima et al. 2012; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999
	<i>Platycamus regnellii</i> Benth.	Pau-Pereira															x			x	Diniz e Tubaldini 2011
	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel	Jacarandá-vermelho			x															x	Guimarães, 2016
	<i>Pisum sativum</i> L.	Ervilha				x													x		Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Pterodon abruptus</i> (Moric.) Benth.	Sucupira, Sicupira	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Jataipeba	x																	x	Lima et al. 2012; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Carne-de-vaca																		x	Ribeiro et al., 2015
	<i>Schnella guianensis</i> var. <i>splendens</i> (Kunth) R. Bernal & Celis	Escada de macaco	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F. Blake	Birosca, Chinelo de Velho	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	Monjolo, Periquiteira		x																x	Fernandes et al., 2008; Guimarães, 2016
	<i>Senegalia tenuifolia</i> (L.) Britton & Rose	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Senna alexandrina</i> Mill.	Sene, Sene Verdadeiro	x																x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Senna cathartica</i> (L.)	Sene	x																	x	Almada et al., 2013
	<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby	Cabo verde, Fedegoso	x																	x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Spartium junceum</i> L.	Giesta	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	x		x															x	Almada et al., 2013; Grandi et al. 2018; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	Barbatimão	x																	x	Guimarães, 2016; Lima et al., 2017; Prado et al., 2019
	<i>Stylosanthes scabra</i> Vogel	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Stylosanthes viscosa</i> (L.) Sw.	Maria Babenta				x														x	Almada et al., 2013; Santos et al., 2018
	<i>Tachigali aurea</i> Tul.	Pau-Bosta, Pau-fede	x	x	x															x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Lima et al., 2017; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Tachigali vulgaris</i> L.F.Gomes da Silva & H.C.Lima	Veludo			x															x	Lima et al. 2012
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo				x													x		Almada 2012

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Angelim, Arcaçu, Acaçu	x																	x	Almada et al., 2013
	<i>Vicia faba</i> L.	Fava				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-de-corda				x														x	Diniz e Tubaldini 2011; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	Carrapicho	x																	x	Grandi et al., 1989
Fagaceae	<i>Castanea sativa</i> Mill.	Castanha				x														x	Guimarães, 2016
	<i>Quercus robur</i> L.	Carvalho			x															x	Guimarães, 2016
Flacourtiaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Língua-de-Tiú, Tiuzinho	x																	x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013
Gentianaceae	<i>Deianira nervosa</i> Cham. & Schltdl.	Centáurea- do-Brasil	x																	x	Messias et al., 2005
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva-rosa	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Pelargonium radens</i> H.E.Moore	Malva-rosa, Malva-Cheirosa, Malvinha, Malva	x																	x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Pelargonium odoratissimum</i> (L.) L'Hér.	Malva, Malvinha	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Pelargonium x hortorum</i> L.H.Bailey	Jardineira						x												x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrocarpa</i> Hand.-Mazz.	Hortênsia						x												x	Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
Hypericaceae	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy	Casca-de-barata, Ruão-vermelho		x															x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019	
	<i>Vismia magnoliifolia</i> Cham. & Schlttdl.	Pau-de-lacre	x																x	Messias et al., 2005	
Iridaceae	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Ruibarbo do cerrado	x																x	Carvalho, 2013	
	<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng	Não informado	x																x	Rossi-Santos et al., 2018	
Lamiaceae	<i>Betonica officinalis</i> L.	Sálvia peluda, Sálvia falsa, Poaia.	x															x		Grandi et al., 1989	
	<i>Cantinoa carpinifolia</i> (Benth.) Harley & J.F.B.Pastore	Rosmaninho, Sulfato	x																x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989	
	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	Hortelã-pimenta	x																x	Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Coleus comosus</i> Hochst. ex Gürke	Boldo-miúdo	x																x	Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Coleus scutellarioides</i> (L.) Benth.	Sangue-de-cristo, Coração-de-maria	x						x										x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Cunila microcephala</i> Benth.	Poejinho	x																x	Almada et al., 2013	
	<i>Eriope hypoleuca</i> (Benth.) Harley	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Glechoma hederacea</i> L.	Erva-terrestre, Erva-de-são-joão, Hera-de-canteiro, Hortelã-do-mato, Erva-silvestre	x																x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Hyptis radicans</i> (Pohl) Harley & J.F.B.Pastore	Paracari, Hortelã do campo	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema, Alfazema verdadeira	x						x										x		Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Lavandula dentata</i> L.	Lavanda	x						x										x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Cordão-de-São-Francisco, Cordão-de-frade	x																x		Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Leonurus japonicus</i> Houtt.	Macaé, Lavadeira, Erva-das-lavadeiras, Besouro, Joao-serafim, Homem-sem-dinheiro, Mané-magro, Isopo, Pango, Micaela, Laçavenha, Flor de besouro	x						x										x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Macaé, Hissopo, Marianeira, Mané turé, Mata pasto, Bico de urubú, Pasto de abelha, Mariquinha, Mané magro, Santo cílio, Manjuliana, Porrete, Amor deixado.	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Mentha aquatica</i> L.	Elefante	x																x		Cruz et al., 2015
	<i>Mentha arvensis</i> L.	Vique, Hortelã vick	x																x		Carvalho, 2013; Cruz et al., 2015
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira, Erva-cidreira, Erva-cidreira-da-horta, Melissa	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Mentha longifolia</i> (L.) Huds.	Levante, Elevante, Alevante	x				x												x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã	x			x													x		Cruz et al., 2015; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo, Poejo-branco, Erva-terrestre	x															x		Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Mentha spicata</i> L.	Manjerona, Poejinho, Poejo	x															x		Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	Vick	x															x		Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Mentha villosa</i> Huds	Hortelã	x															x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Mentha × rotundifolia</i> (L.) Huds.	Hortelã	x			x												x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Ocimum americanum</i> L.	Alfavaca de jardim, Chá da Índia, Elixir Paregórico, Canelinha.	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca, Manjericão, Basilicão, Manjericão grande.	x			x												x		Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Manjerição branco	x			x														x	Diniz, 2019; Grandi et al., 1989
	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth	Alfavaca, Canelinha, Elevante, Alfavaca-Canela, Manjerição-roxo	x			x														x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca, Canelinha, Alfavaca-grande, Alfavaca-cravo, Favaquinha, Favaca, Alfavaca de jardim, Atroveram.	x			x														x	Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjerição	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona, Orégano	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	x																	x	Cruz et al., 2015; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo, Bordo, Boldo- japonês, Boldo-macho	x																x		Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Boldo-miúdo, Boldo- gambá, Boldo- japonês, Estomalina	x																x		Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Salvia rosmarinus</i> Schleid.	Alecrim, Alecrim-de-casa, Alecrim-da- horta	x			x													x		Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia, Salva	x																x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Schult.	Brinco-de-nego	x																	x	Guimarães, 2016
	<i>Stachys arvensis</i> (L.) L.	Hortelã pimenta	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Stachys byzantina</i> K.Koch	Salva, Sálvia, Peixe-frito, Lambari	x																x		Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Incenso	x				x											x		Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Thymus vulgaris</i> L.	Tomilho	x			x												x		Guimarães, 2016
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Pimenta da costa.	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Vitex polygama</i> Cham.	Azeitona-do-mato, Azeitona-do-campo, Tarumã, Mamica-de-cadela, Maria Preta	x	x	x														x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Vitex sellowiana</i> Cham.	Azeitona do mato, Maria preta	x																x	Grandi et al., 1989
Lauraceae	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J.Presl	Canforeiro	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl.	Canela, Canela do céuão	x		x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Cryptocarya moschata</i> Nees & Mart.	Noz moscada	x																x	Grandi et al., 1989
	<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro				x												x		Guimarães, 2016
	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart. ex Nees	Canela-Branca			x															x
	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Sassafrás, Sassafráz	x																x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Ocotea oppositifolia</i> S.Yasuda	Canela	x																x	Prado et al., 2019
	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate, Abacateiro	x			x													x	Almada 2012; Almada et al., 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Jequitibá Carimbó	x																x	Almada et al., 2013
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaia	x																x	Grandi et al., 1989
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil	Quina-de-Papagaio, Quina	x																x	Grandi et al., 1989; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018
Loranthaceae	<i>Psittacanthus dichroos</i> (Mart.) Mart.	Erva-de-passarinho	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	Pelipoteca-cheirosa	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	Erva-de-passarinho	x																x	Prado et al., 2019
Lycopodiaceae	<i>Lycopodiella cernua</i> (L.) Pic.Serm.	Licopódio, Pé-de-lobo	x																x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Lycopodium clavatum</i> L.	Licopódio, Pé-de-lobo	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005	
	<i>Palhinhaea camporum</i> (B.Øllg. & P.G.Windisch) Holub	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
Lythraceae	<i>Cuphea ingrata</i> Cham. & Schlttdl.	Sete-sangrias	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Sete-Sangrias	x																		x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989
	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	Pacari	x						x												x	Almada et al., 2013; Lima et al., 2017; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	x				x														x	Almada 2012; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> (A.Juss.) B.Gates	Cipó Prata, Murici	x																		x	Grandi et al., 1989
	<i>Banisteriopsis campestris</i> (A. Juss.) Little	Murici	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Banisteriopsis harleyi</i> B. Gates	Cipó-prata	x																		x	Almada et al., 2013; Messias et al., 2005
	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	Murici																			x	Fernandes et al., 2008

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out					
	<i>Byrsonima dealbata</i> Griseb.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.	Canjica, Murici	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Byrsonima variabilis</i> A. Juss.	Murici	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> Rich. ex Juss.	Murici				x															x	Lima et al. 2012
	<i>Heteropterys argyrophaea</i> A. Juss.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Heteropterys tomentosa</i> A.Juss.	Braço-forte, Nó-de-cachorro	x																		x	Carvalho, 2013
	<i>Heteropterys xanthophylla</i> A.Juss.	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola				x														x		Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	x			x															x	Rossi-Santos et al., 2018; Prado et al., 2019
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	x			x														x		Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Callianthe striata</i> (G.F.Dicks. ex Lindl.) Donnell	Lanterna-chinesa						x													x	Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Ravenna	Barriguda, Paina	x		x															x	Almada et al., 2013; Prado et al., 2019
	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyne	Embiruçu- paulista			x															x	Lima et al., 2017
	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	Imbiruçu																		x	Fernandes et al., 2008
	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Algodão	x								x									x	Messias et al., 2005; Urriago- Ospina et al., 2020
	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	x																	x	Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Rossi- Santos et al., 2018
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba		x	x	x														x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita cavalo, Agoniada, Açoita.	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Rossi- Santos et al., 2018
	<i>Malva moschata</i> L.	Malva, Malvinha, Malva-rosa, Malva- branca	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Malva sylvestris</i> L.	Não informado	x																	x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out					
	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Guaxuma, Vassoura, Vassoura-Escorregadeira	x															x		x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Sida urens</i> L.	Carrapicho-de-gancho																		x	Guimarães, 2016	
	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H.Karst.	Chichá	x																		x	Grandi et al., 1989
	<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	Carrapicho	x																		x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
Marcgraviaceae	<i>Schwartzia adamantium</i> (Cambess.) Bedell ex Gir.-Cañas	Não informado	x																		x	Rossi-Santos et al., 2018
Melastomataceae	<i>Miconia neourceolata</i> Michelang.	Cú-de-pinto, pixirica	x			x															x	Messias et al., 2005; Guimarães, 2016
	<i>Miconia theizans</i> (Bonpl.) Cogn.	Jacatirão	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Pleroma candolleianum</i> (DC.) Triana	Quaresma							x												x	Almada et al., 2013
	<i>Pleroma estrellense</i> (Raddi) P.J.F.Guim. & Michelang.	Quaresma-branca		x	x	x															x	Guimarães, 2016
	<i>Pleroma heteromalla</i> (D.Don) D.Don	Quaresma		x																		x
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Canjerana	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell	Cedro	x		x																x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019
	<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro	x		x																x	Almada et al., 2013

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências					
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out				
	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Nogueira	x											x								x	Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Melia azedarach</i> L.	Cinamomo, Santa Bárbara	x																			x	Grandi et al., 1989	
Memecylaceae	<i>Mouriri pusa</i> Gardner	Manapuça, Gabiroba				x																x	Almada et al., 2013; Lima et al. 2012	
Menispermaceae	<i>Cissampelos andromorpha</i> DC.	Uva-do-mato, abútua	x																				x	Messias et al., 2005
	<i>Cissampelos ovalifolia</i> DC.	Não informado	x																				x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Jateorhiza palmata</i> (Lam.) Miers	Calunga	x																			x	Carvalho, 2013	
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca				x																x	Almada et al., 2013; Monteiro, 2019	
	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trecul	Mama-cadela, Inharaé, Cabo Verde, Apaé, Mamajóia, Burlé	x				x																x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Dorstenia arifolia</i> Lam.	Carapiá, Contra Erva, Caiapiá.	x																				x	Grandi et al., 1989; Carvalho, 2013
	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Carapiá	x																				x	Almada et al., 2013
	<i>Ficus calyptroceras</i> (Miq.) Miq.	Gameleira			x																		x	Almada et al., 2013
	<i>Ficus carica</i> L.	Figo	x				x																x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Morus alba</i> L.	Amora, Amora-branca	x			x												x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	x			x												x		Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger & de Boer	Espinheira-santa	x																x	Messias et al., 2005
Musaceae	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Bananeira	x			x												x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Musa acuminata</i> Colla	Banana, Banana-Caturra				x												x		Diniz e Tubaldini 2011; Urriago-Ospina et al., 2020
Myrtaceae	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O. Berg	Maria-preta	x																x	Almada et al., 2013
	<i>Campomanesia pubescens</i> (DC.) O. Berg	Gabirola		x		x													x	Almada 2012; Almada et al., 2013
	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O.Berg	Gabirola		x		x													x	Almada 2012

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) Berg	Guabiroba	x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Corymbia citriodora</i> (Hook.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson	Eucalipto, Eucalipto Limão	x		x															x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Grumixama				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Cagaita, Cagaitera	x			x				x										x	Almada 2012; Almada et al., 2013; Carvalho 2007; Diniz e Tubaldini 2011; Lima et al 2012; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Ribeiro et al., 2015
	<i>Eugenia involucrata</i> DC.	Pitanga-do-Cerrado			x	x														x	Almada et al., 2013
	<i>Eugenia klotzschiana</i> Berg	Pêra, João-Boro				x														x	Almada et al., 2013
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	x			x														x	Diniz e Tubaldini 2011; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Melaleuca leucadendra</i> (L.) L.	Sete cascas, Cajepute, Sete casacas	x																	x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	Folha-miúda, Vassourinha		x	x																x	Almada et al., 2013; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019	
	<i>Plinia cauliflora</i> (DC.) Kausel	Jaboticaba	x			x																x	Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	Jaboticaba	x			x																x	Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	Araçá	x		x	x														x		x	Ribeiro et al., 2015; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Psidium firmum</i> Berg	Araçá, Araçá-amarelo	x			x																x	Guimarães, 2016; Mazzeto-Silva, 1999; Messias et al., 2005
	<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	Goiaba, Goiabeira Branca	x		x																x		Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba																				x	Diniz e Tubaldini 2011; Guimarães, 2016; Monteiro, 2019
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá				x				x												x	Carvalho 2007; Prado et al., 2019
	<i>Psidium firmum</i> O.Berg.	Araçá-doce				x																x	Prado et al., 2019
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	x																		x		Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo	x			x												x		Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia coccinea</i> Mill.	Erva-tostão, Pega pinto	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tostão	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell	Pau-de-urubu			x								x						x	Lima et al., 2017
	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Maravilha, Bonina	x																x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Neea theifera</i> Oerst.	Capa rosa	x																	x
Ochnaceae	<i>Sauvagesia erecta</i> L.	Erva-de-São-Martinho	x																x	Messias et al., 2005
Oleaceae	<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	Jasmim	x															x		Grandi et al., 1989
Onagraceae	<i>Fuchsia regia</i> (Vand. ex Vell.) Munz	Brinco-de-princesa, Brinco-de-noiva							x										x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	x			x													x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Oxalis corniculata</i> L.	Azedinha	x																x	Grandi et al., 1989

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Oxalis hirsutissima</i> Zucc.	Azedinha	x																	x	Carvalho, 2013; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Oxalis latifolia</i> Kunth	Trevinho	x			x														x	Guimarães, 2016
Papaveraceae	<i>Argemone mexicana</i> L.	Cardo-santo	x																	x	Messias et al., 2005; Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019
	<i>Fumaria officinalis</i> L.	Fumária, Cicuta	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	x			x														x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Maracujá				x				x										x	Carvalho 2007
	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	x			x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Passiflora haematostigma</i> Mast.	Maracujá-do-mato	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Passiflora villosa</i> Vell.	Maracujá	x																	x	Messias et al., 2005
Peraceae	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill	Tamanqueira																		x	Fernandes et al., 2008

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências					
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out				
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus clausenii</i> Müll.Arg.	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	x																				x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Phyllanthus tenellus</i> var. <i>tenellus</i>	Quebra-pedra	x																			x		Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	x				x																x	Diniz, 2019; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Phytolacca thyrsoflora</i> Fenzl. ex J.A.Schmidt	Caruru-bravo, Caruru-de-pomba	x																				x	Messias et al., 2005
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	Jaborandi, João Borandi, Tapa buraco, Quebra tijela, Ruão	x																				x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	Jaborandi	x																				x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta-do-reino	x																			x		Guimarães, 2016

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Piper regnellii</i> (Miq.) C.DC.	Capeba do Brasil	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Piper umbellatum</i> L.	Capeba, Caopeba, Pariparoba, Capibaroba	x			x														x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Rossi-Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
Plantaginaceae	<i>Cymbalaria muralis</i> G.Gaertn. et al.	Cimbalária	x																x		Grandi et al., 1989
	<i>Plantago australis</i> Lam.	Transagem	x			x														x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Plantago major</i> L.	Transagem, Tanchagem	x			x													x		Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Plantago tomentosa</i> Lam.	Transagem, Tanchagem, Língua-de-vaca	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinhado-campo, Vassourinhadoce, Vassoura-doce	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out					
Poaceae	<i>Andropogon bicornis</i> L.	Capim-rabo-de-burro	x																	x	Messias et al., 2005	
	<i>Andropogon leucostachyus</i> Kunth	Capim-rabo-de-burro	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Avena sativa</i> L.	Aveia	x																	x		Grandi et al., 1989
	<i>Bambusa bambos</i> (L.) Voss	Bambu			x	x														x		Prado et al., 2019
	<i>Cenchrus polystachios</i> (L.) Morrone	Capim-de-prata	x																		x	Messias et al., 2005
	<i>Cenchrus purpureus</i> (Schumach.) Morrone	Capim-elefante, Capim-napier											x								x	Diniz e Tubaldini 2011; Prado et al., 2019
	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Lágrimas-de-nossa-senhora, Conta-de-lágrima, Canadão-reino	x																		x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira, Cidreira, Capim-limão, Capim-santo, Erva-cidreira, Erva-Cidreira-de-capim,	x				x														x	Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	Capim-de-São-José	x																		x	Messias et al., 2005	

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Cymbopogon martini</i> (Roxb.) W.Watson	Capim de S. José, Capim de S. João.	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Citronela												x				x		Prado et al., 2019
	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Capim-pé-de-galinha	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Guadua angustifolia</i> Kunth	Taquara								x								x		Prado et al., 2019
	<i>Hyparrhenia rufa</i> (Nees) Stapf	Capim-jaraguá										x						x		Nogueira 2009
	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Sapé, Sapé de cobrir rancho	x																x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019
	<i>Melinis minutiflora</i> P.Beauv.	Capim-gordura	x															x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz	x															x		Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019
	<i>Parodiolyra micrantha</i> (Kunth) Davidse & Zuloaga	Taboca	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Alpiste	x															x		Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	x			x												x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	x			x												x		Almada et al., 2013; Diniz e Tubaldini 2011; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Ribeiro et al., 2015; Urriago-Ospina et al., 2020
Polygalaceae	<i>Asemeia monninooides</i> (Kunth) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott	Polígala	x																x	Grandi et al., 1989
	<i>Bredemeyera velutina</i> A.W.Benn.	Cervejinha-do-campo	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Bredemeyera laurifolia</i> Klotzsch ex A.W.Benn.	Cervejinha do campo, Guaranazinho.	x																x	Grandi et al., 1989; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Polygala lancifolia</i> A.St.-Hil.	Polígala, iodex.	x																x	Grandi et al., 1989
	<i>Polygala glochidiata</i> Kunth	Não informado	x																x	Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Polygala paniculata</i> L.	Gelol	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Polygala timoutou</i> Aubl.	Timotu, Gelol	x																	x	Messias et al., 2005
Polygonaceae	<i>Muehlenbeckia platyclada</i> (F.Muell.) Meisn.	Fita-de-Moça, Solidária	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Persicaria capitata</i> (Buch.-Ham. ex D.Don) H.Gross	Tapete-inglês	x			x		x												x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Persicaria hydropiperoides</i> (Michx.) Small	Erva-de-bicho	x																	x	Almada et al., 2013, Guimarães, 2016
	<i>Persicaria maculosa</i> Gray	Erva-de-bicho	x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Persicaria punctata</i> (Elliott) Small	Erva-de-bicho	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Rheum palmatum</i> L.	Ruibarbo	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Rumex acetosa</i> L.	Azedinha	x			x														x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Rumex obtusifolius</i> L.	Labaça, Babaça	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	Polyodiaceae	<i>Platyterium bifurcatum</i> (Cav.) C.Chr.	Chifre-de-veado						x											x	Urriago-Ospina et al., 2020
Pontederiaceae	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms	Mãe-d'água						x										x	x	Guimarães, 2016	

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
Portulacaceae	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroega	x			x												x		Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
Proteaceae	<i>Macadamia integrifolia</i> Maiden & Betche	Macadâmia				x												x		Prado et al., 2019
	<i>Roupala montana</i> Aubl.	Espineira-santa, carne-de-vaca	x																x	Lima et al., 2017; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
Pteridaceae	<i>Adiantum raddianum</i> C.Presl	Avenca, Avenca miúda	x				x	x											x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Lytoneuron ornithopus</i> (Mett. ex Hook. & Baker) Yesilyurt	Samambaia, Sabambaia	x																x	Grandi et al., 1989
Ranunculaceae	<i>Clematis dioica</i> L.	Barba-de-velho	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Ranunculus bonariensis</i> Poir.	Botão-de-ouro	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Ranunculus bulbosus</i> L.	Botão-de-ouro	x															x		Messias et al., 2005
Rhamnaceae	<i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	Pau-doce				x												x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Sarcomphalus joazeiro</i> (Mart.) Hauenschild	Joazeiro	x																x	Carvalho, 2013
Rosaceae	<i>Agrimonia eupatoria</i> L.	Agrimônia	x															x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Cydonia oblonga</i> Mill.	Marmeleiro, Marmelo	x																x		Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Ameixa	x			x													x		Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Fragaria vesca</i> L.	Morango, Fragária	x			x													x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Malus pumila</i> Mill.	Maçã				x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Prunus persica</i> (L.) Stokes	Pêssego	x			x											x		x		Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Prunus spinosa</i> L.	Não informado	x																x		Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Pyrus communis</i> L.	Pera				x													x		Dinz et al., 2014; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Rosa centifolia</i> L.	Rosa-branca	x						x										x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Rosa indica</i> L.	Rosa-verde	x																x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart	Amora-preta, Amora-do-mato	x			x														x	Almada et al., 2013; Messias et al., 2005
	<i>Rubus erythroclados</i> Mart. ex Hook.f.	Amoreira do Brasil	x			x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Rubus idaeus</i> L.	Amora branca	x			x													x		Guimarães, 2016
	<i>Rubus niveus</i> Thunb.	Framboesa	x			x													x		Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	Framboesa do Brasil, Morando do Mato	x																x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schlttdl.	Cereja				x												x		x	Guimarães, 2016
	<i>Spiraea cantoniensis</i> Lour.	Coroa-de-noiva							x										x		Guimarães, 2016
Rubiaceae	<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.	Quina-do-mato, Quina	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.	Mercúrio-vegetal																x		x	Guimarães, 2016
	<i>Carapichea ipecacuanha</i> (Brot.) L.Andersson	Ipeca, Poaia, Poaia verdadeira	x																	x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc	Cainca	x																	x	Almada et al., 2013; Prado et al., 2019
	<i>Coffea arabica</i> L.	Cafê	x			x														x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Cordia elliptica</i> (Cham.) Kuntze	Marmelinho	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina-branca	x																	x	Carvalho, 2013
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Palicourea marcgravii</i> A.St.-Hil.	Erva-de-rato	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	Bate-caixa, Dom Bernado, Galuína	x																	x	Almada et al., 2013; Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Palicourea tetraphylla</i> Cham. & Schtdl.	Congonha-bate-caixa	x																	x	Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Remijia ferruginea</i> (A. St.-Hill.)	Quina, Quina da serra, Quina do campo, Quina brasileira, Quina mineira, Quina rosa, Quina-de-vara	x																	x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	Poaia do campo	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Richardia scabra</i> L.	Poaia do campo falsa	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Congonha de bugre, Bugre, Cotó-cotó	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Sabicea brasiliensis</i> Wernham	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Sabicea cana</i> Hook.f.	Sangue de Cristo, Vinho do campo.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Spermacoce capitata</i> Ruiz & Pav.	Poaia-do-campo	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Poaia, Ipeca	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Tocoyena brasiliensis</i> Mart.	Marmelinho	x																	x	Carvalho, 2013
Rutaceae	<i>Citrus medica</i> L.	Cidra, Lima, Lima de bico	x			x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexerica, Mexerica- candonguaria	x																x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Citrus × aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Lima				x													x		Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Citrus × aurantium</i> L.	Laranja	x			x													x		Almada et al., 2013; Cruz et al., 2015; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Citrus × limon</i> (L.) Burm.fil.	Limão Galego	x																x		Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Citrus × limon</i> (L.) Osbeck	Limão	x			x													x		Cruz et al., 2015; Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Esenbeckia febrifuga</i> (Saint-Hilaire) A. Juss. ex Mart.	Três folhas, Laranjeira do mato, Quina do mato.	x																	x	Grandi et al., 1989
	<i>Galipea jasminiflora</i> (A.St.-Hil.) Engl.	Quina-de-três-folhas	x																	x	Diniz, 2019
	<i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC.	Paratudo	x																	x	Prado et al. 2019
	<i>Metrodorea mollis</i> Taub.	Avoação			x															x	Lima et al. 2012
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	x					x							x	x				x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.	Mama-de-porca pequena	x																x	x	Almada et al., 2013; Fernandes et al., 2008
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca	x																	x	Messias et al., 2005
Salicaceae	<i>Casearia eichleriana</i> Sleumer	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Guaçatonga, Língua-de-tiú, Era-de-bugre, Bugre	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i> Cambess.	Camboatá			x															x	Prado et al., 2019
	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Pau-magro/Camboata	x		x															x	Almada et al., 2013
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Cambotá, João-do-rego	x	x																x	Guimarães, 2016; Rossi-Santos et al., 2018

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
	<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Tingui	x	x	x													x		x	Almada et al., 2013; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999
	<i>Matayba juglandifolia</i> Radlk.	Caxuá-Branco	x																	x	Almada et al., 2013
	<i>Paullinia cupana</i> Kunth	Guaraná	x																	x	Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005
	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Sabãozinho	x															x		x	Almada et al., 2013; Diniz, 2019; Grandi et al., 1989
	<i>Serjania gracilis</i> Radlk.	Cipó-prego									x									x	Prado et al., 2019
	<i>Serjania erecta</i> Radlk.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	Figo-do-Cerrado			x	x														x	Almada et al., 2013
	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	Acá, Cabeluda				x														x	Almada et al., 2013; Lima et al., 2012
Schizaeaceae	<i>Anemia phyllitidis</i> (L.) Sw.	Avenca	x																	x	Almada et al., 2013
Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltdl.	Barbasco, Babaço, Barbaço, Calção-de-velho	x																	x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
Selaginellaceae	<i>Selaginella kraussiana</i> (Kunze) A. Braun	Gramma-do-menino-Jesus						x											x		Urriago-Ospina et al., 2020
Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.	Caraíba																		x	Fernandes et al., 2008

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências					
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out				
Siparunaceae	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Cidra, Negamina	x																		x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005		
Smilacaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Folha-santa, Gramina, Negramina	x																			x	Grandi et al., 1989	
	<i>Smilax aspera</i> L.	Salsaparrilha	x																		x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005	
	<i>Smilax hilariana</i> A. DC.	Não informado	x																			x	Rossi-Santos et al., 2018	
	<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	Japicanga, Japicanga, Salsaparrilha Falsa, Salsaparrilha.	x																				x	Grandi et al., 1989
Solanaceae	<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schtdl.	Mariana	x			x												x				x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005	
	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D.Don	Manacá	x																				x	Grandi et al., 1989
	<i>Brugmansia suaveolens</i> Humb. & Bonpl. ex Willd., 1820	Beladona, Babado, Lírio, Trombeta, Saia branca, Zabumba.	x						x														x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Capsicum annum</i> L.	Pimentão				x																x		Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta, Pimenta-dedo-de-moça				x																	x	Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out
	<i>Capsicum chinense</i> Jacq	Pimenta-biquinho, Pimenta-de-passarinho,				x												x		Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta Malagueta	x															x		Grandi et al., 1989; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019
	<i>Cestrum nocturnum</i> L.	Dama-da-noite	x					x										x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Datura stramonium</i> L.	Estramônio	x															x		Grandi et al., 1989
	<i>Nicotiana alata</i> Link & Otto	Fumo-bravo	x																x	Messias et al., 2005
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	x															x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Physalis angulata</i> L.	Joá-de-capote, Fisális				x								x				x		Guimarães, 2016
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Maria-preta				x													x	Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Solanum aethiopicum</i> L.	Jiló	x			x												x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências				
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out			
	<i>Solanum alternatopinnatum</i> Steud.	Jequeri	x			x															x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005	
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva-moura, Maria-preta	x			x																x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Solanum betaceum</i> Cav.	Tomate-mango, Tomate-ximango	x			x															x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020	
	<i>Solanum capsicoides</i> All.	Juá	x			x								x								x	Guimarães, 2016
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Baba-de-onça, Barba-de-bode, Barba-de-onça, Braço-de-preguiça, Costa-branca, Panacea	x																			x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Solanum grandiflorum</i> Ruiz & Pav.	Lobeira, Fruta-de-lobo	x																		x		Grandi et al., 1989
	<i>Solanum jussiaei</i> Dunal	Erva-de-Santa-Bárbara	x																			x	Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate, Tomateiro	x			x																x	Grandi et al., 1989; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Lobeira, Fruta-de-lobo	x																			x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Rossi-Santos et al., 2018; Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Solanum muricatum</i> Aiton	Melão				x													x		Guimarães, 2016
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba, Jurubeba do campo	x			x														x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019
	<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	Rebenta-boi	x																	x	Carvalho, 2013
	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata	x			x							x						x		Guimarães, 2016; Monteiro, 2019; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate	x																x		Almada et al., 2013; Messias et al., 2005
Styracaceae	<i>Styrax camporum</i> Pohl	Falso Benjoim, Botica inteira	x																	x	Grandi et al., 1989
Symplocaceae	<i>Symplocos celastrinea</i> Mart.	Congonha	x																	x	Messias et al., 2005
Theaceae	<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-preto	x			x													x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
Thymelaeaceae	<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meisn.) Nevling	Embira			x															x	Prado et al., 2019

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências	
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out				
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Chagas, Chaguinha, Capuchinha, Cuculiá, Cocleária, Capuchinho, Chagra, Curiara	x			x		x											x		Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
Turneraceae	<i>Turnera hilaireana</i> Urb.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
Typhaceae	<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa																	x	x	Guimarães, 2016
Urticaceae	<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	Urtiga-escura	x			x														x	Guimarães, 2016
	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Embaúba, Embaúba Branca, Árvore da Preguiça	x	x	x														x	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	x		x	x		x											x	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Parietaria officinalis</i> L.	Parietária	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich.	Cansação	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga				x														x	Prado et al., 2019
	<i>Urtica urens</i> L.	Urtiga	x			x														x	Guimarães, 2016; Urriago-Ospina et al., 2020

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos															Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco	Out						
Velloziaceae	<i>Vellozia compacta</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Canela-de-ema	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005		
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.	Cambará-branco	x																	x	Almada et al., 2013		
	<i>Aloysia citrodora</i> Paláu	Cidreira, Erva cidreira, Erva-cidreira-de-árvore, Erva-cidreira-de-rama.	x																	x	Grandi et al., 1989		
	<i>Aloysia pulchra</i> (Briq.) Moldenke	Boldo-chileno	x																		x	Guimarães, 2016	
	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.	Pau-pombo		x																	x	Almada et al., 2013	
	<i>Duranta erecta</i> L.	Chuva-de-ouro, Pingo-de-ouro							x												x	Guimarães, 2016; Prado et al., 2019	
	<i>Lantana camara</i> L.	Camará, Camará-de-espino, Camará-vermelho, Cambará	x							x												x	Carvalho, 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi-Santos et al., 2018; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Lantana fucata</i> Lindl.	Bem-me-quer, Cambará-roxo	x																			x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Cidreira, erva- cidreira, Erva- cidreira-de- árvore, Melissa, Erva- cidreira-de- folha, Erva- cidreira-de- cipó	x			x													x		Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi- Santos et al., 2018; Urriago- Ospina et al., 2020
	<i>Lippia corymbosa</i> Cham.	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Homem-sem- dinheiro, Gervão, Jurubão, Jurubom	x																	x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020
	<i>Stachytarpheta glabra</i> Cham.	Gervão, Jurubão	x																	x	Messias et al., 2005
Violaceae	<i>Anchietea exalata</i> Eichler	Cipó-suma	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G.Don	Suma-branca, Suma-Branca	x																	x	Almada et al., 2013; Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Rossi- Santos et al., 2018
	<i>Viola odorata</i> L.	Violeta	x						x											x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Viola tricolor</i> L.	Amor-perfeito	x																	x	Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (continuação) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências		
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out	
Viscaceae	<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl ex DC.) Eichler	Não informado	x																x	Grandi et al., 1989	
	<i>Phoradendron ensifolium</i> (Pohl ex DC.) Eichler	Não informado	x																	x	Rossi-Santos et al., 2018
Vitaceae	<i>Cissus erosa</i> (L.) Rich.	Uva-do-mato	x																	x	Almada et al., 2013
	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Insulina	x																	x	Prado et al., 2019
	<i>Cissus subrhomboidea</i> (Baker) Planch.	Uva-do-mato	x																	x	Messias et al., 2005
	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Insulina	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005
	<i>Vitis vinifera</i> L.	Uva, Uva-preta, Uva-roxa, Uva-verde	x				x													x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago-Ospina et al., 2020
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Pau-terra, Pau-terrão	x	x	x													x		x	Almada et al., 2013; Fernandes et al., 2008; Lima et al., 2017; Mazzeto-Silva, 1999; Rossi-Santos et al., 2018
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Pau-terrinha			x															x	Lima et al., 2017
	<i>Salvertia convallariaeodora</i> A.St.-Hil.	Bananeira-do-campo																		x	Almada et al., 2013
Winteraceae	<i>Drimys brasiliensis</i> Miers	Casca-d'anta	x																	x	Messias et al., 2005

continua...

Tabela 3 (conclusão) - Plantas conhecidas e/ou utilizadas por comunidades tradicionais e locais na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Brasil. Categorias de usos das plantas: medicinal = **Med**; combustível = **Co**; construção = **Con**; alimentação = **Ali**; simbólico-cultural = **Sim**; ornamental = **Orn**; comercial = **Com**; artesanato = **Art**; veterinário = **Vet**; forragem = **For**; corante = **Cor**; tóxico = **Tóx**; cosmético = **Cos**; importância ecológica = **Eco**; outros = **Out**.

Família	Nome científico	Nome popular	Conhecimentos e usos														Exótica	Nativa	Referências			
			Med	Co	Con	Ali	Sim	Orn	Com	Art	Vet	For	Cor	Tóx	Cos	Eco				Out		
	<i>Drimys winteri</i> J.R.Forst. & G.Forst.	Casca-d'anta	x															x		Grandi et al., 1989		
Xyridaceae	<i>Xyris laxifolia</i> Mart.	Junco, Ruibarbo, Ruibarbo-do- campo, Ruibarbo amarelo, Ruibarbo vennelho.	x																	x	Grandi et al., 1989	
	<i>Xyris trachyphylla</i> Mart.	Botão-de-ouro	x																	x	Messias et al., 2005	
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	Pacová, baldâneo	x																x		Messias et al., 2005	
	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão, Açafrão-da- terra, Cúrcuma	x																	x	Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Urriago- Ospina et al., 2020	
	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Lírio-do-campo																	x	x	Guimarães, 2016	
	<i>Renealmia alpinia</i> (Rottb.) Maas	Pacová	x																		x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre, Cerveja do campo	x																		x	Grandi et al., 1989; Guimarães, 2016; Messias et al., 2005; Prado et al., 2019; Urriago-Ospina et al., 2020

ANEXO 1 - Unidades de paisagem do Cerrado reconhecidas por geraizeiros

As imagens a seguir foram extraídas diretamente das publicações selecionadas na revisão. Segundo Correia *et al.*, (2007):

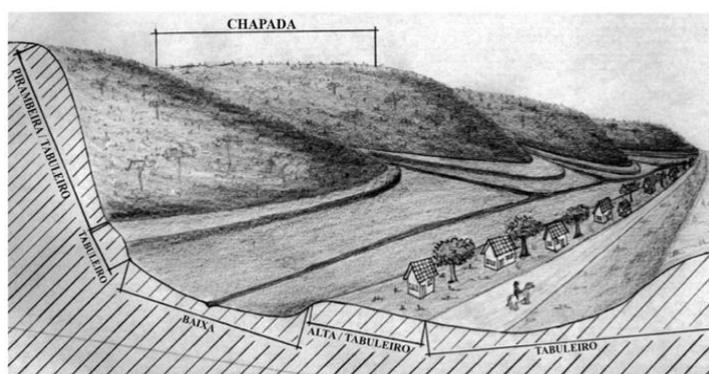


Figura 3. Feições dos ambientes a partir das definições dos agricultores da comunidade Água Boa 2, sub-bacia do rio Água Boa, município de Rio Pardo de Minas, MG.

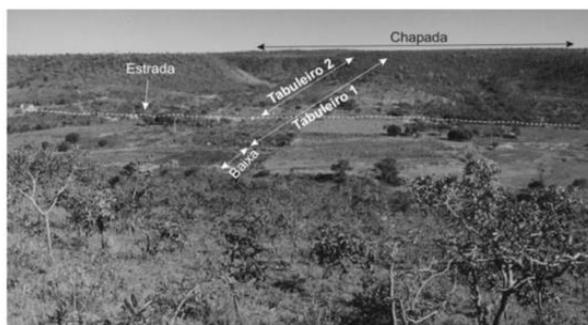


Figura 4. Diferentes definições de "tabuleiro" na comunidade Água Boa 2, sub-bacia do rio Água Boa, município de Rio Pardo de Minas, MG.

Segundo Fernandes *et al.*, (2008):

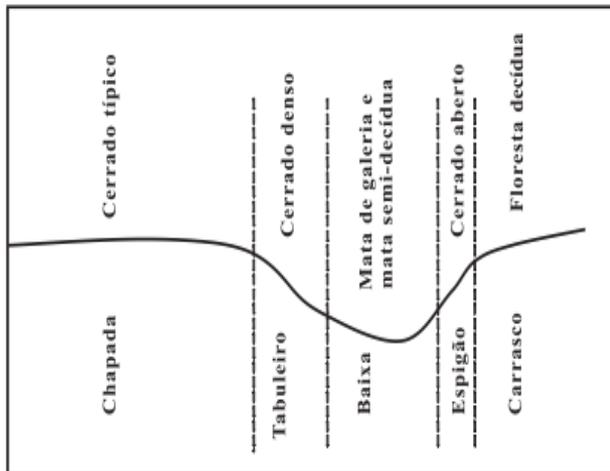
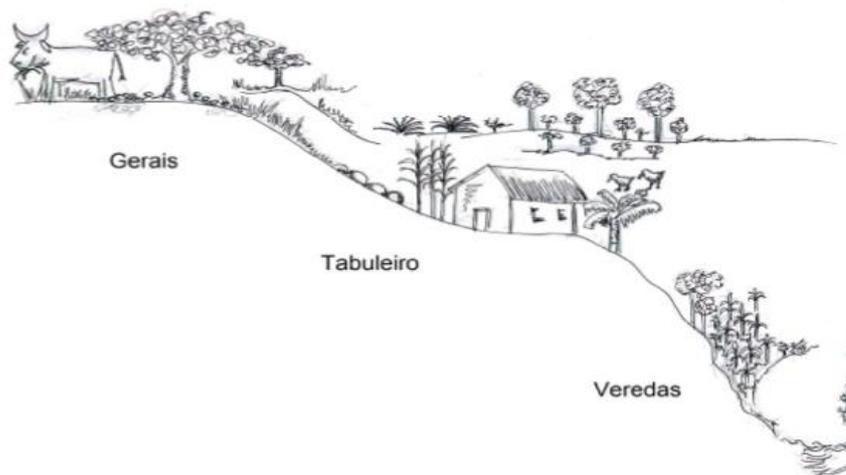


Figura 2. Esquema da posição dos diferentes ambientes na paisagem reconhecidos pelos agricultores e extrativistas, com as respectivas vegetações.

Segundo Nogueira (2009):

Figura 3 – Perfil transversal do complexo gerais – tabuleiro - veredas

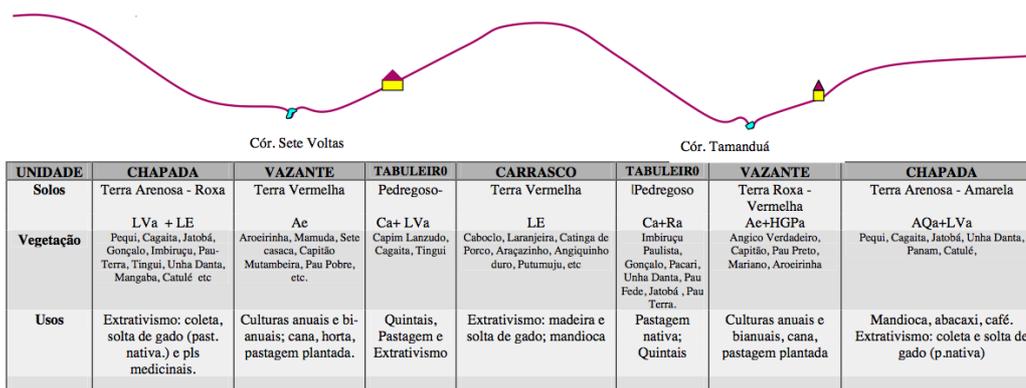


Quadro 1 – Complexo gerais – tabuleiro –veredas⁶⁹

Unidade espacial	Ambientes	Vegetação nativa	Atividades predominantes
Gerais = Terras de campo	Chapada	Pequi, panã, rufão, mangaba, cagaita, tingui, jatobá	Extrativismo
		Capim agreste	Gado na solta
Tabuleiro = Chão de morada	Carrasco*	Mandioca, andu, feijão catador, milho, abacaxi, maracujá	Agricultura
	Espigão	Cagaita, tingui, pacari, imbiruçu, jatobá, pau d'óleo, pau d'arco	Criação de pequenos animais
	Tabuleiro		Pequenas indústrias
Veredas = Terras de cultura	Vazante	Milho de santana, feijão, arroz, cana, banana	Agricultura
	Brejo	Aroeirinha, mutamba, capitão, pau pobre, landim, buriti	
	Beira de Lagoa		

* Ambiente de transição.

Segundo Dayrell (1998):



Legenda

Lva	Latossolos Vermelho-amarelo, álico, textura média/arenosa	Ae	Areia Quartzosa, álica, textura arenosa	Ra	Solos Litólicos + Cambissolos, álicos, fase ped. e não pedregosa.
LE	Latossolo Vermelho-escuro, álico, tex.med/arg.	Ca	Cambissolo, álico, text. média/argilosa	Ae+HGPa	Solos Aluviais, text. indiscriminada, eutróficos + Solos, orgânicos e Areias Quartzosas Hidromórficas, álicos.

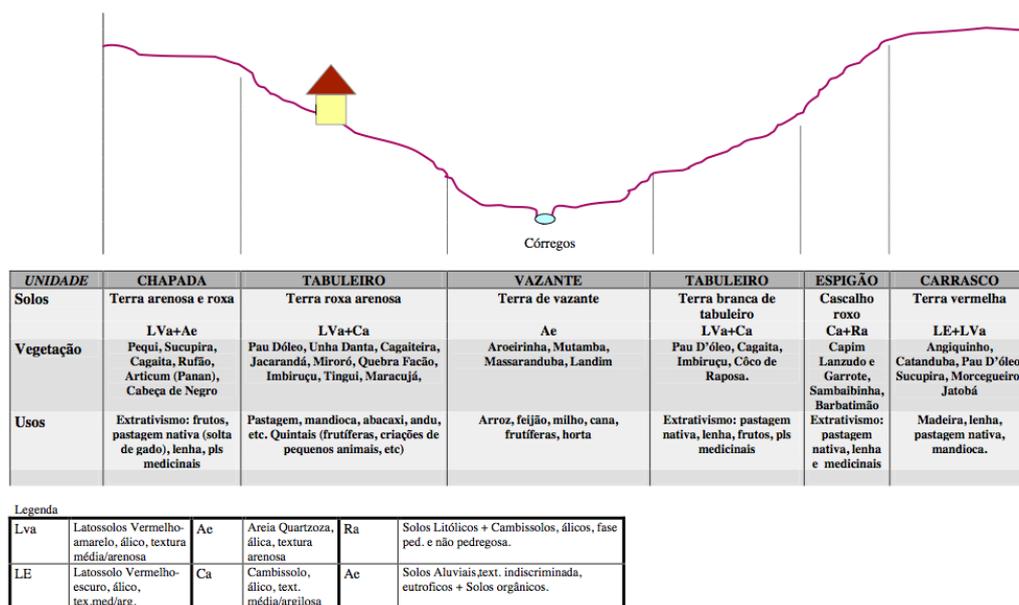


Figura 4-4: Perfil Transversal - Comunidade de Córregos - UIA0-5

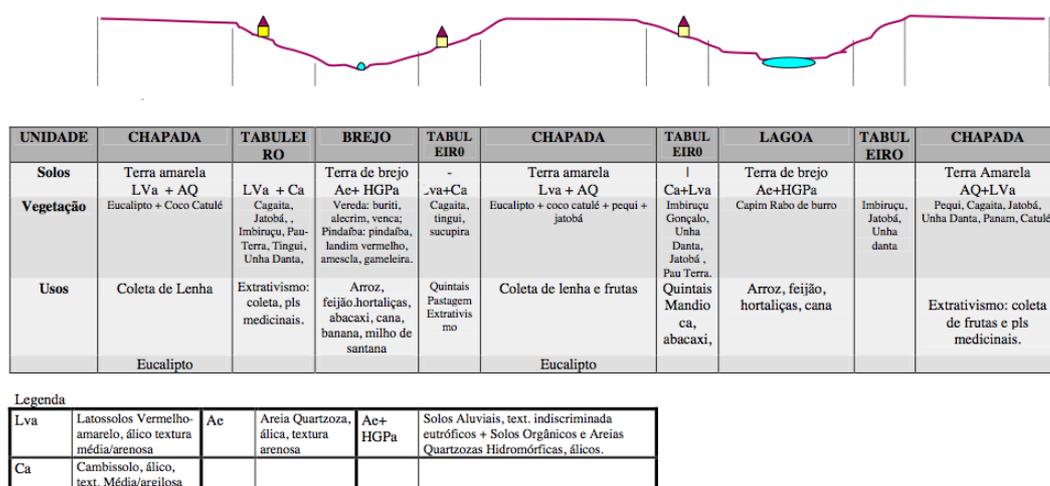


Figura 4-5: Perfil Transversal - Comunidade de Estivinha